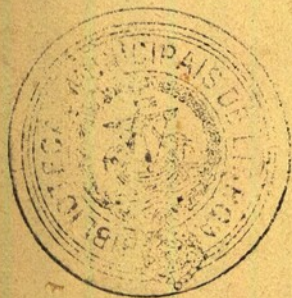


SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

PORTUGAL E A CHINA ANTE A
QUESTÃO DE MACAU. — DE LISBOA
A MOÇAMBIQUE. — CASA PORTUGUE-
ZA. — MARTYRES. — O TIÇÃO NEGRO
— LOGARES DEVOTOS. — MAL'DE HE-
RANÇA. — ROMANCE D'UM PRINCIPE. —
PINTURAS A FUMO. — MODAS. — VARIE-
DADES

VOL. II

MARÇO — 1902

NUM. 10

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

	Pag.
PORTUGAL E A CHINA ANTE A QUESTÃO DE MACAU. — Por J. F. MARQUES PEREIRA. — <i>Com 15 gravuras, copia de photographias</i>	195
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — Por ANTONIO ENNES. — <i>Capitulo X. — MOÇAMBIQUE, O MONHÉ.</i> — (Continuação). — <i>Com 1 gravura, reproducção de photographia</i>	205
CASA PORTUGUEZA. — <i>RENOVAÇÃO NA ARCHITECTURA NACIONAL.</i> — Por JOÃO SINCERO, — <i>Com 10 gravuras, copia de photographias</i>	209
MARTYRES. — <i>EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO.</i> — Por T. LINO D'ASSUMPCÃO. — <i>Capitulo VIII — PERSEGUIDOS E PERSEGUIDORES.</i> — <i>Capitulo IX — O SONHO DE GALERO.</i> — <i>Com 2 gravuras, copia de photographias</i>	217
O TIÇÃO NEGRO. — <i>SERENADA DO 1.º ACTO.</i> — <i>Poesia de H. LOPES DE MENDONÇA, musica de AUGUSTO MACHADO</i>	222
LOGARES DEVOTOS. — <i>Com 10 gravuras, copia de quadros e de photographias</i>	225
MAL DE HERANÇA. — <i>ROMANCE.</i> — <i>Segundo HALL-CAINE.</i> — <i>Com 5 illustrações</i>	231
ROMANCE D'UM PRINCIPE. — <i>Com 9 illustrações</i>	239
PINTURAS A FUMO. — <i>Com 5 illustrações</i>	251
O camarim azul. — <i>Quadro de DANTE-GABRIEL-ROSSETTI</i>	254
MODAS. — <i>Com 4 illustrações</i>	177
VARIEDADES. — <i>MEMENTO ENCYCLOPEDICO.</i> — <i>BIBLIOGRAPHIA.</i> — <i>PHOTOGRAPHIA PRATICA.</i> — <i>PACIENCIAS.</i> — <i>CONHECIMENTOS UTEIS.</i> — <i>PROBLEMAS</i>	XXV

63 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração e nas nossas agencias vendem-se pelo preço de 400 réis capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I volume da Revista. Pela encadernação, de que tambem se encarregam, acresce mais 100 réis.

Chama-se a attenção dos compradores para a proveniencia das capas, devidamente marcada, afim de as distinguir de imitações grosseiras que tem apparecido no mercado.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas, poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

Series de	}	3 numeros	600
		6 numeros	1\$200
		12 numeros	2\$200

Para o **Brazil** e paizes da **União postal**, por :

Serie de 12 numeros (moeda portugueza) 3\$000

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente*.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio

LOPES, LOURENÇO & C.^{TA}

Proprietarios da CASA AMIEIRO

Confecções
para
homem
e
senhoras



Sortimento
completo
de
tecidos
de
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.^o

M. A. BRANCO & C.^A

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: Rua do Crucifixo, 60 a 66

Gravura heraldica e commercial. — Carimbos de borra-
cha. — Typographia e lithographia. — Bilhetes de visita

TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.
Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito
para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

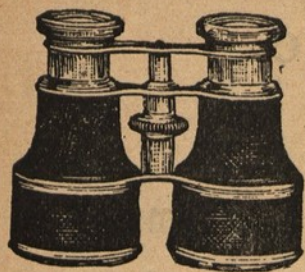
Obras litterarias e romanticas



J. J. RIBEIRO & C.^A

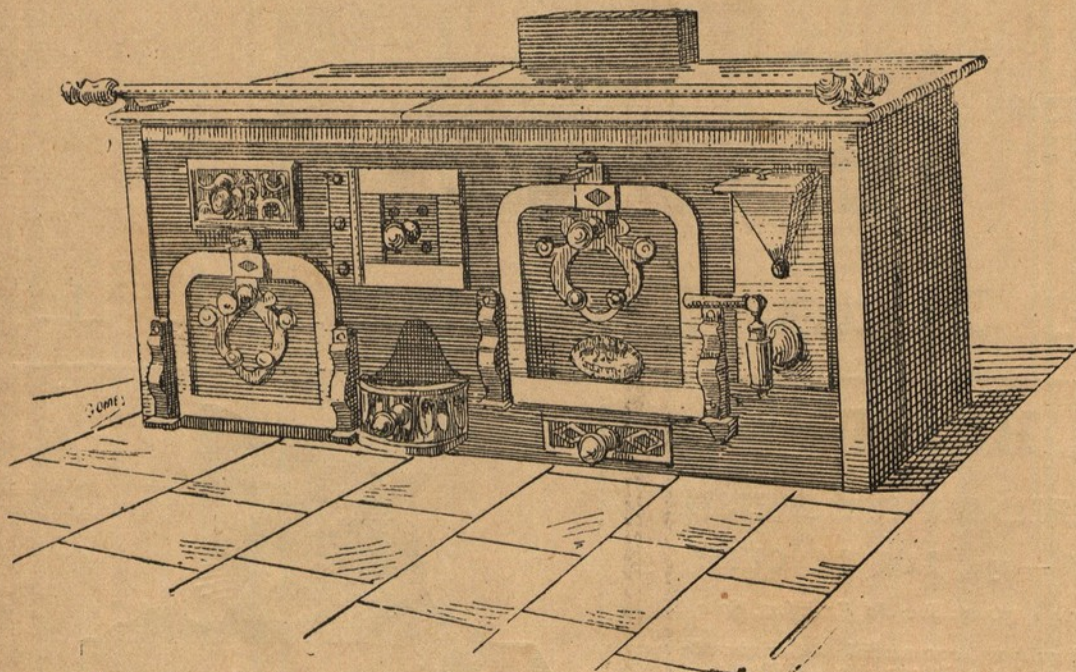
INSTRUMENTOS DE ÓPTICA E CIRURGIA
TOPOGRAPHIA, ASTRONOMIA, ETC.

Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia
OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES



222, RUA AUREA, 226
LISBOA

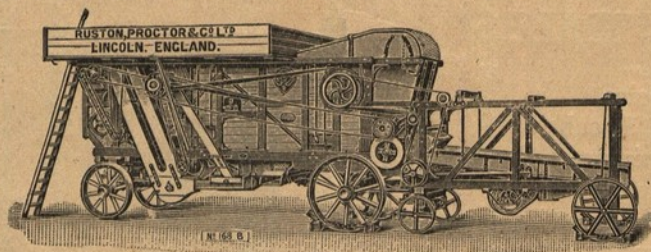
MANUFACTURAS DE FERRO. COBRE E BRONZE MANUEL PATRONE



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz
RUA DE S. PAULO, 109

Debulhadoras e Locomoveis

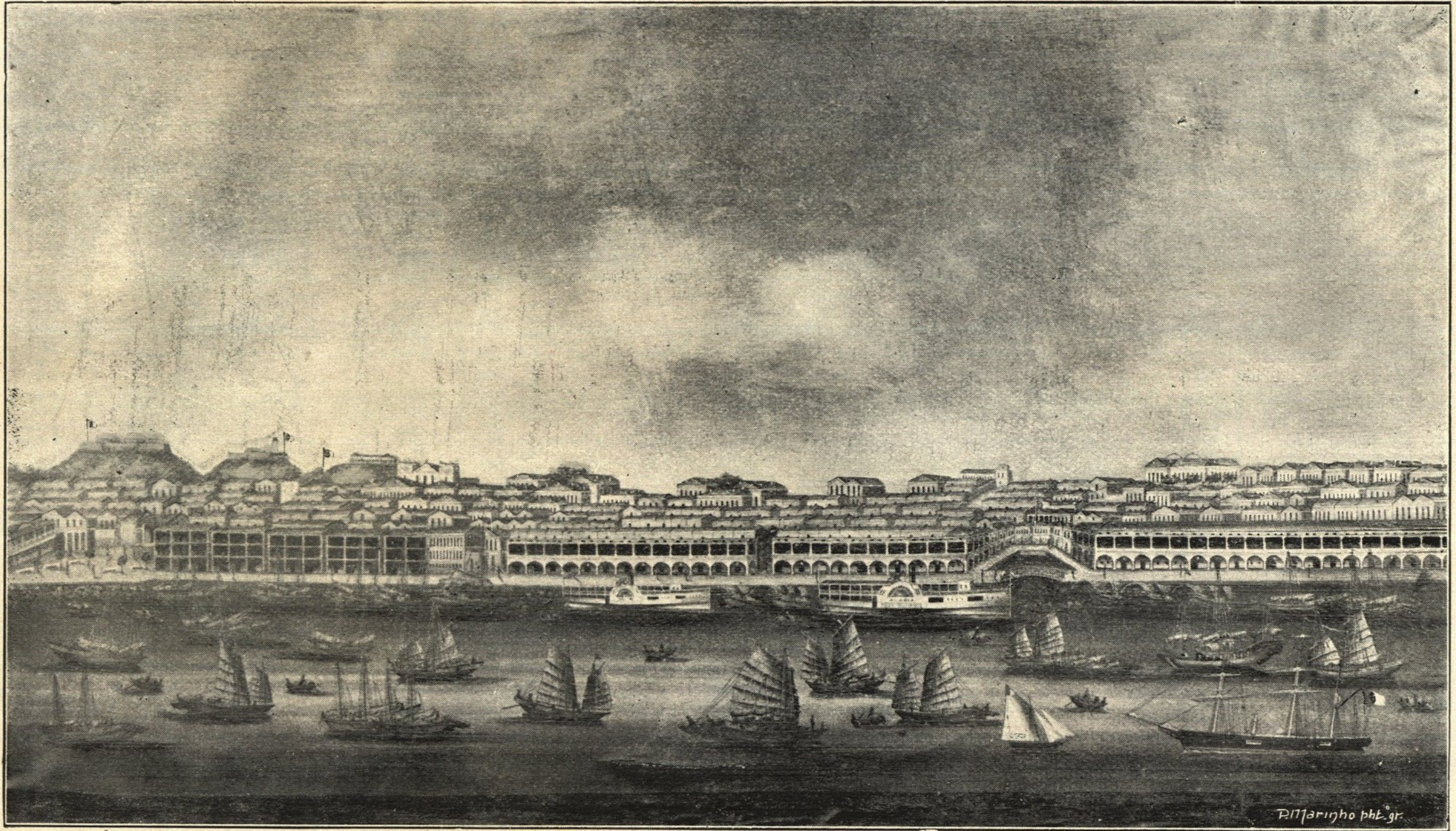
RUSTON, PROCTOR & C.^O, L.^{TD}



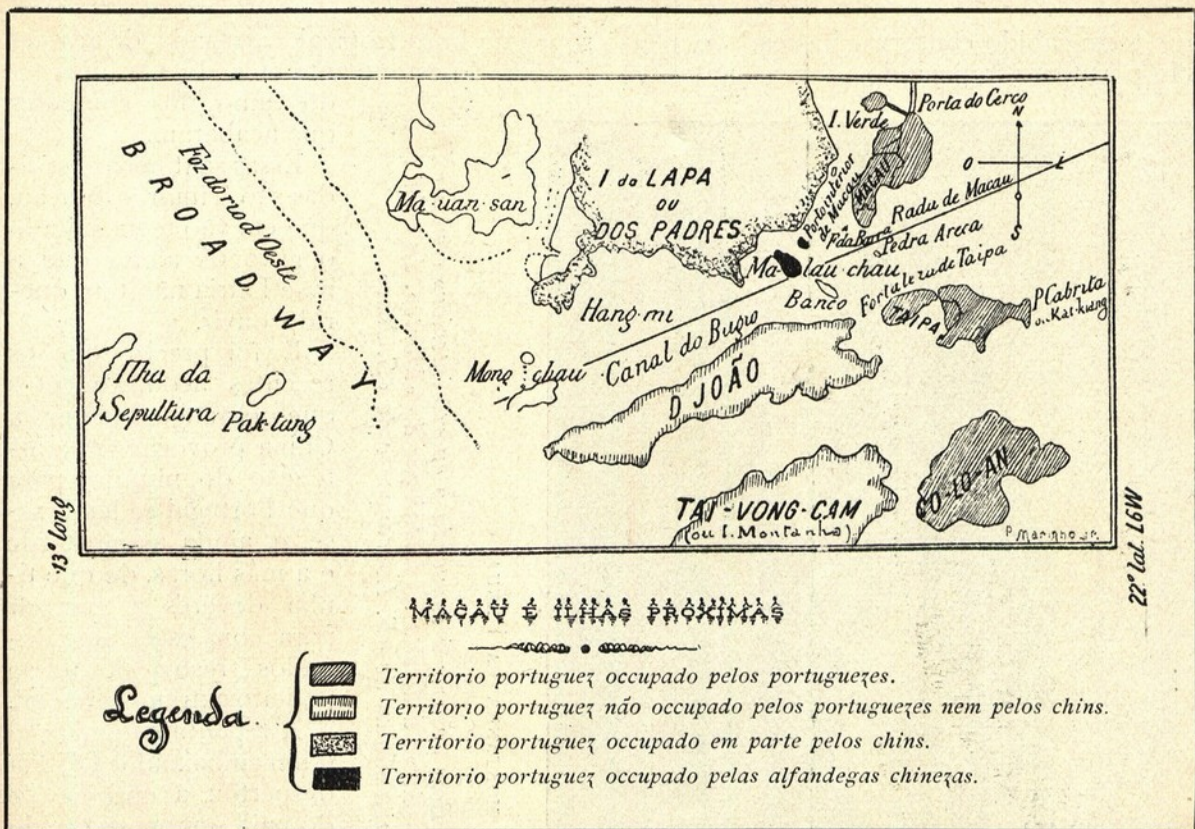
Agente geral em Portugal e colonias

CARLOS CORRÊA DA SILVA

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA



MACAU — MARGEM DO PORTO INTERIOR, ALFANDEGA, CAPITANIA, ETC.



Portugal e a China ante a questão de Macau

Os recentes acontecimentos políticos da China, a revolta dos boxers, a intervenção das potencias, a penetração d'estas no isolado imperio asiatico, a lucta das ambições e dos interesses, teem chamado as atenções geraes para o extremo oriente e despertado natural curiosidade. Depois da partilha da Africa, veio a pretensão de dividir tambem a Asia. A habilidade diplomatica, a força das armas e a energia da especulação financeira teem sido postas á prova no ataque d'aquelle grave problema. No estrangeiro seguem-se com interesse os propositos de expansão colonial que Portugal se propõe realisar. O presente artigo dá noticia d'esta questão, para resolução da qual foi, ha pouco, enviado á China embaixador especial.

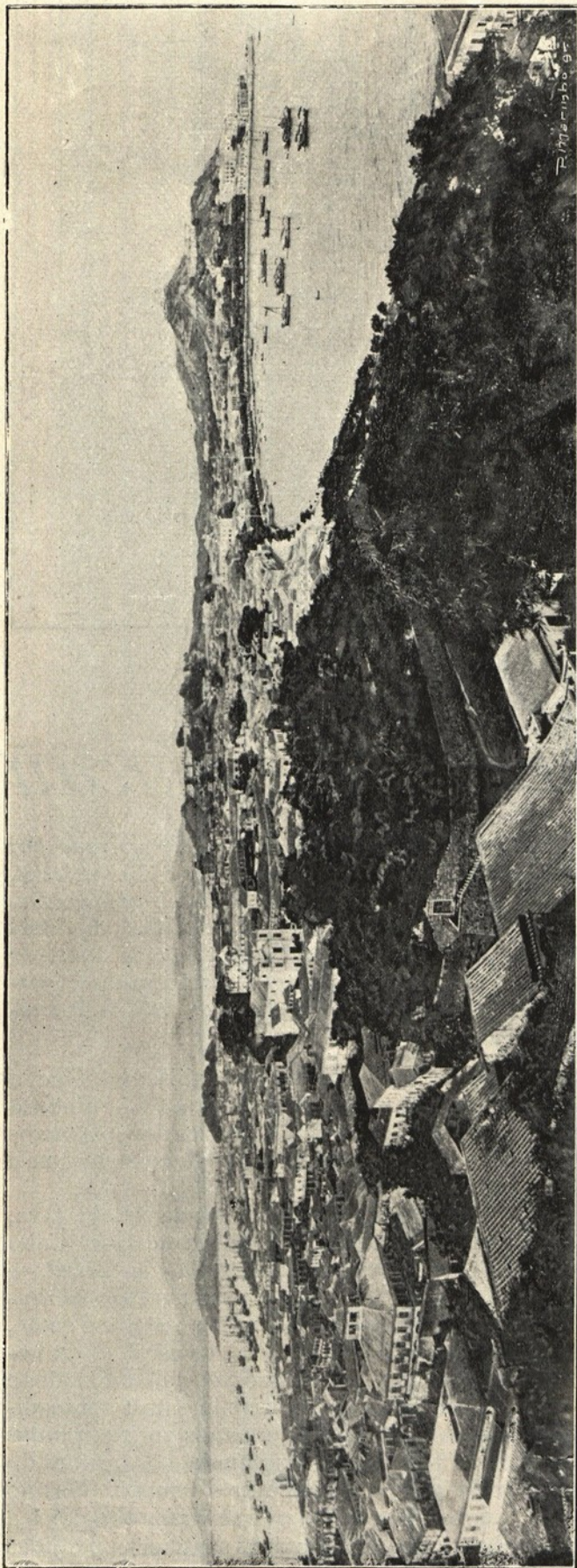
A ECLIPTICA envolve a Terra no enorme anel que marca o caminho apparente do sol em redor do globo. A civilização portugueza, como esse circulo maximo da esphera, envolveu o mundo terraqueo, d'um a outro hemispherio; e o clarão que, em radiantes chispas de gloriosa aureola, se accendeu em Sagres, percorreu, n'uma fita de luz, toda a superficie terrestre e deixou illuminado o caminho que outros, depois de nós, seguiram, quando, fracos e desalentados pelas desgraças e amarguras, retrocedemos e tivemos de retirar ante a força e a energia da sêde de ouro dos traficantes flamengos e bre-tões.

Mas quanto lhes custou a tarefa da expoliação! Que o digam esses mares da Malasia, e as ondas do Oceano Indico — quantos cada-

veres se sumiram nos seus abismos! Que o digam os palmares sussurrantes — quantos esqueletos encobrem as raizes das suas arvores e as terras encharcadas em nosso sangue e em nosso suor!

De Macau, Molucas, Ilhas da Sonda, Java, Malacca, Índia, Ceylão, Moçambique, Cabo da Boa Esperança, á Angola e ao Brazil, — n'esse enorme caminho que abrange os dois hemispherios — acções nunca vistas até então, marcaram, passo a passo, os escalões da heroica retirada. E esses homens, abandonados e sós, sem navios nem armamentos, conseguiram ainda assim disputar aos vorazes piratas os valiosos restos que ainda nos ficaram do grandioso poderio d'outros tempos. Mas no longinquo caminho que se viram obrigados a abandonar, ficaram duas sentinellas perdidas

que teem sabido conservar hasteado o pendão portuguez trapejando, como d'antes, ao sopro da brisa tropical carregada de aromas e ainda do estonteante olôr do não dissipado fumo dos combates que acabaram.



PANORAMA DE MACAU, TIRADO EM 189... DO ALTO DA MONTANHA DA PENHA

A' direita do leitor: a «Bahia da Praia Grande»; no primeiro plano o «Matto do Bom Jesus»; á esquerda o «porto interior» com a «Ilha Verde». Ao fundo e á esquerda as alturas de «Chin-san», de «Passaleão» e de «Pac-seac»; á direita as fortalezas do «Monte», da «Guia» e de «S. Francisco», na ponta da Praia Grande. — As duas igrejas ao centro da estampa são as de «S. Lourenço» e de «S. José».

Essas sentinellas perdidas são Timor e Macau, que em vão teem soltado o grito de alerta que a mãe Patria não tem querido ouvir.

E foi preciso que os recentes acontecimentos que ensanguentaram a China provocassem a atenção do mundo, para que Portugal se lembrasse, e, ainda assim, tarde e a más horas, de que tinha deveres a cumprir para com esses abandonados restos do nosso poderio extremo-oriental.

A repentina nomeação d'um embaixador á China despertou a curiosidade do paiz, sempre entretido com as questões africanas; e repetem-se as perguntas, que, no fim de contas, não são para estranhar, em vista da ignorancia sobre o valor d'esses abandonados ha tanto tempo:

— Que necessidade tem Portugal de mandar um embaixador á China?

— Que interesses tem a defender no Extremo-Oriente?

Todos esses assumptos foram por nós largamente tratados em outro lugar e com todo o desenvolvimento.

Diligenciemos, porem, dar aqui uma resumida idéa da questão, segundo o nosso modo de vêr.

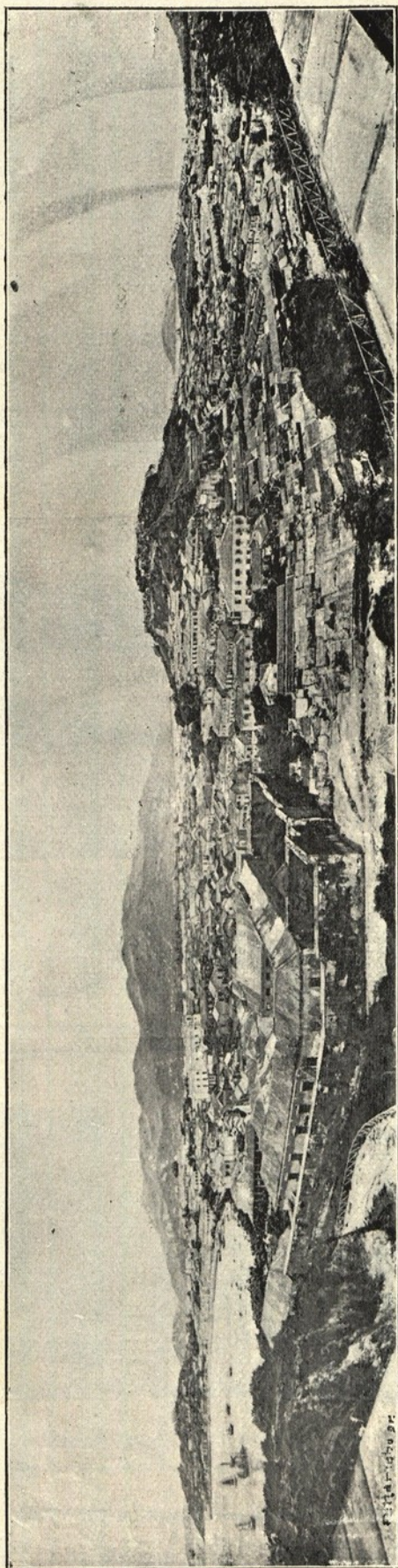
Logo depois das derrotas soffridas pelos chins, na rapida mas terrivel guerra que o grande Imperio teve de sustentar contra o Japão, e como paga dos serviços, mais ou

menos interesseiros, que as diversas potencias prestaram, quer a um, quer a outro dos belligerantes, — serviços de ordem meramente diplomatica, — a Allemanha, a Russia e a França, d'um lado, e a Inglaterra, d'outro, trataram de obter compensações territoriaes, e outras, á custa do vencido. D'ahi a occupação, á força ou por vontade, de Kiao-tchao pela Allemanha, de Porto-Arthur e de Talién-uan pela Russia, de Uei-hai-uei e de Kau-lum pela Inglaterra, e de Kuam-cheu-uan pela França. D'ahi a surda, mas terrivel lucta diplomatica travada em Pekim entre os diversos representantes das potencias, apoiados pelas respectivas chancelarias, quer a favor da chamada politica das *espheras de influencia*, quer a favor da politica da *porta aberta*.

Convem explicar bem, ainda que em rapidas palavras, o que sejam esses dois systemas de orientação da politica europeia no Extremo-Oriente.

Quando a Allemanha occupou e depois obteve da China a cessão de Kiao-tchao, conseguiu tambem para a nação allemã o privilegio exclusivo de explorar as minas e os caminhos de ferro da provincia de Chan-tung. A Russia, apoderando-se de parte da Mandchuria, *terminus* do seu caminho de ferro trans-siberiano; a França occupando Kuam-cheu-uan e appetecendo as provincias de Yun-nan, de Kuangsi e de Kuang-tung, reservaram para si toda a liberdade de acção para a exploração industrial e commercial d'esses territorios, por meio de tarifas differenciaes e outras peias que poriam á introducção da influencia estrangeira. A propria Inglaterra, seguindo esses exemplos, chegou tambem a declarar que estabeleceria a sua *esphera de influencia* em toda a região do Yang-tze-Kiang, se a China chegasse a ser desmembrada; mas, vendo o perigo em que ia cahir (por se não lembrar de que na actualidade o commercio britannico abrange 65 % do total do commercio estrangeiro na China, e de que esse commercio não póde ser tão depressa supplantado pelo de outra qualquer nação) pensou então, e pensou bem, que, se consentisse na partilha da China em *espheras de influencia* entre as diversas potencias interessadas, o seu commercio declinaria, porque só ficaria livre de direitos differenciaes dentro da *esphera* que lhe ficasse reservada. Por isso, optou pela *politica de porta aberta*, que consiste em a China negar direitos e privilegios exclusivos a qualquer nação, conservando o Imperio Chinez aberto por completo á exploração de todas as nações estrangeiras, sem ne-

nhuma excepção e tendo todos os estrangeiros eguaes direitos. Com isto tomou, na ap-



PANORAMA DE MACAU, TIRADO EM 1890. DO ALTO DO MONTE DE S. JANUARIO, ONDE ESTÁ ACTUALMENTE O HOSPITAL DE S. JANUARIO

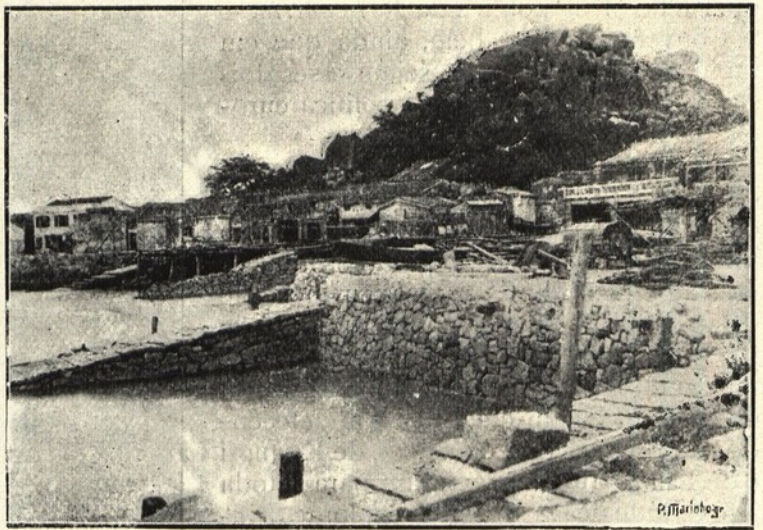
A' esquerda do leitor a bahia da «Praia Grande», tendo na ponta da respectiva margem o forte do «Bom Parto» e a montanha da «Penna». Ao fundo, as montanhas da ilha da «Lapa»; a fortaleza de «S. Paulo do Monte» e o porto interior com a «Ilha Verde». No primeiro plano o edificio do recolhimento de «Santa Clara», os bairros de «S. Laçar», do «Campo», etc.



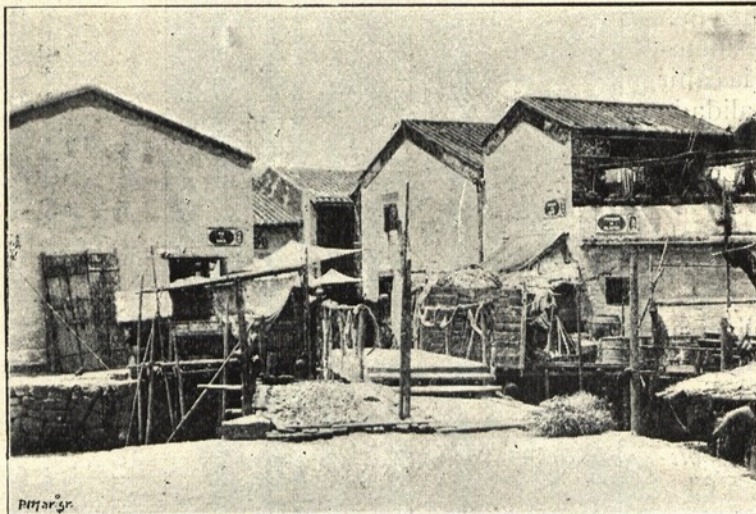
MACAU — PERSPECTIVA DO PORTO INTERIOR, TIRADA DA ILHA DA LAPA

parencia, uma attitude sympathica, ao mesmo tempo que servia os seus verdadeiros interesses, porque ficava toda a China aberta á sua concorrência commercial, que, em egualdade de circumstancias, não póde ser suplantada pela de outra qualquer nação. O Japão e os Estados-Unidos da America, cujo commercio é tambem muito avultado, ainda que inferior ao da Inglaterra, optaram tambem pela *politica de porta aberta*. Logo, a Allemanha seguiu-lhes as pisadas e estabeleceu a franquia na sua nova aquisição de Kiao-tchao. Só a Russia e a França — a primeira por causa do seu caminho de ferro da Mandchuria (limitrophe do seu territorio siberiano) e a segunda em razão do seu commercio no Tonkim (limitrophe das provincias chinezas de Yun-nan, Kuang-si e Kuang-tung) conti-uaram optando pela politica das

a 1899. Deviamos então ter feito ouvir a nossa voz, que bem poderia ser escutada por uns



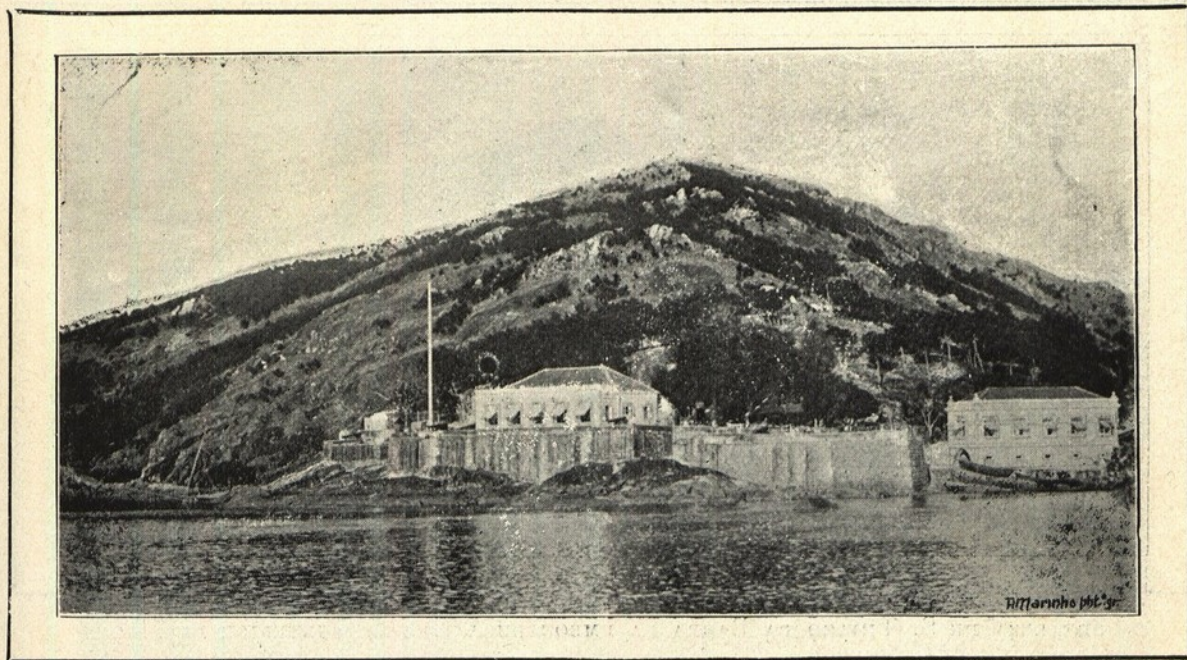
ILHA DA TAIPA — CAES DA VILLA



ILHA DA TAIPA — UMA RUA DA VILLA

e outros, porque, quer se adoptasse definitivamente uma ou outra das duas politicas, a nossa attitude e os nossos interesses não iam de encontro a qualquer das duas orientações. E deviamos ter intervindo activamente em nosso favor logo que a Inglaterra, com o intuito de resguardar d'uma possível aggressão a colonia de Hong-Kong, alargou extraordinariamente os limites d'essa colonia. Ao mesmo tempo uma nuvem de piratas cobria os rios e cursos d'agua secundarios dos deltas dos rios de Oeste e de Cantão, visinhos da nossa colonia de Macau; e até a imprensa inglesa, japoneza e americana, reconheceram e disseram que tinhamos direito de alargarmos os limites da nossa colonia —

espheras de influencia. Isto passava-se de 1897 até pela ilha de Hian-chan, — para a res-

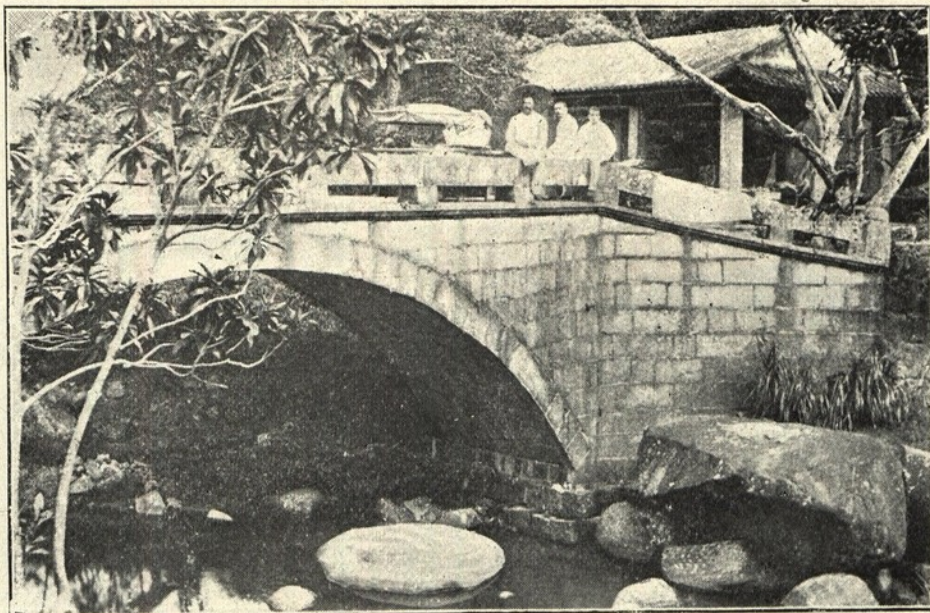


ILHA DA TAIPA — A FORTALEZA

guardarmos dos piratas e para policiarmos toda essa região que as auctoridades chinezas deixavam ao completo desamparo.

Não sabemos os motivos que determinaram a nossa abstenção, dadas essas favoráveis circumstancias. Seria porque, poetica e sentimentalmente, julgássemos que não devíamos imitar os *corvos* na feia acção de devorar o *cadaver chinês*? Mas se tal julgássemos, movidos pela mais sincera e humanitaria das intenções, esquecer-nos hiamos de que tínhamos ha longos annos pendente a questão da delimitação territorial de Macau; de que tínhamos esta colonia completamente cercada (e ainda está) pelo apertado cordão dos postos fiscaes chinezes, cobrando direitos, em contrario ás estipulações do tratado de 1887, até dos generos alimenticios consumidos na colonia, que era e é um *porto franco*.

ocasiões criticas, e de que, passados esses momentos de crise, nem a mais poderosa das nações consegue, sem empregar a força, vencer os addiamentos e subterfugios da diplomacia chineza. Esqueceríamos de que ha só um meio para se obter a acquiescência dos diplomatas chins e de que esse meio é o supremo argumento do *facto consumado*. Teríamos perdido a memoria do que nos aconteceu em 1862, quando, não tendo querido concor-

ILHA DA LAPA — PONTE NA QUINTA DE CHOC-SIN-TUNG
GRUTA DO GENIO DOS BAMBUAES

Não nos lembrariamos de que da China só se podem obter as mais justas satisfações nas
 rer com os *abutres*, logo depois da campanha de 1860, só fômos, com toda a generosidade,



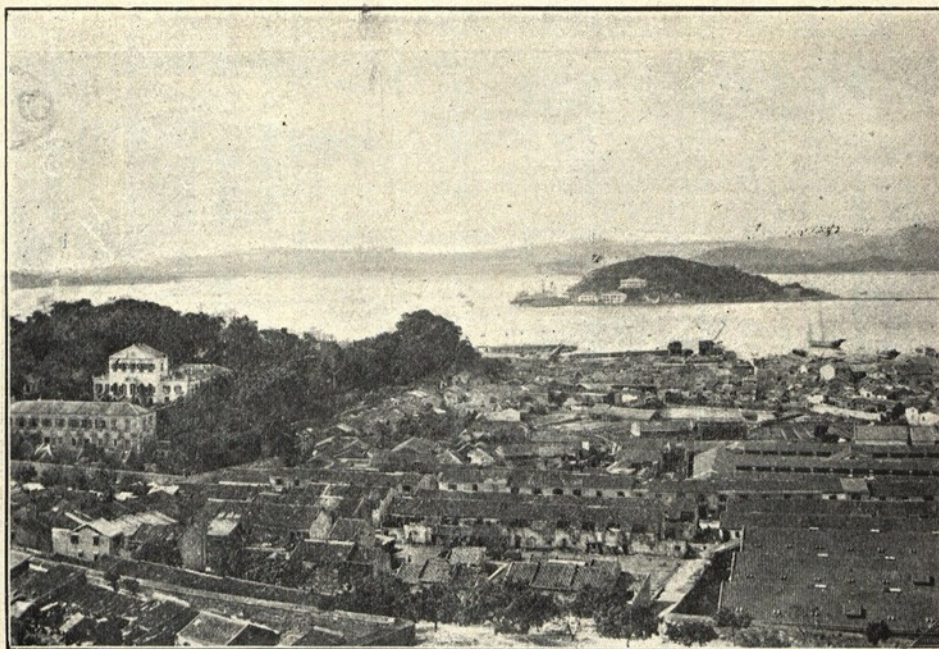
FORTALEZA DE S. THIAGO DA BARRA NA EMBOCADURA DO PORTO INTERIOR DE MACAU

tarde e a más horas, a Pekim (quando na China já quasi se apagára o mêdo aos *barbaros*) solicitar um tratado, cuja ratificação foi recusada em 1864, *no momento em que o nosso plenipotenciário se apresentou com a ratificação de S. M. F.* O pretexto era a questão de Macau, a eterna questão de Macau, que nunca soubemos ou quizemos liquidar senão depois de passadas as occasiões criticas — verdadeiros momentos psychologicos em que se pôde achar echo nos corações, ou melhor . . . nos

centemente quando estalou a guerra contra os *boxers*; mas continuámos a desprezal-a, com aquella inconsciencia com que deixamos ir por agua abaixo tudo, só para nos pouparmos ao trabalho de estender o braço para disputar a presa á corrente. . .

Posto isto, e não valendo a pena fazer uma descripção geographica do que seja Macau (descripção que o leitor encontrará facilmente em trabalhos de outra indole) basta dizer que o nosso dominio effectivo na China se estende não só na península da ilha de *Hian-chan*, onde está a cidade de Macau, mas pelas ilhas proximas da *Taipa* e *Co-lo-an*. Com respeito ás outras ilhas circumvisinhas — *D. João*, *Tai-vong-cam* ou *Montanha*, e principalmente a da *Lapa* — convem observar o seguinte.

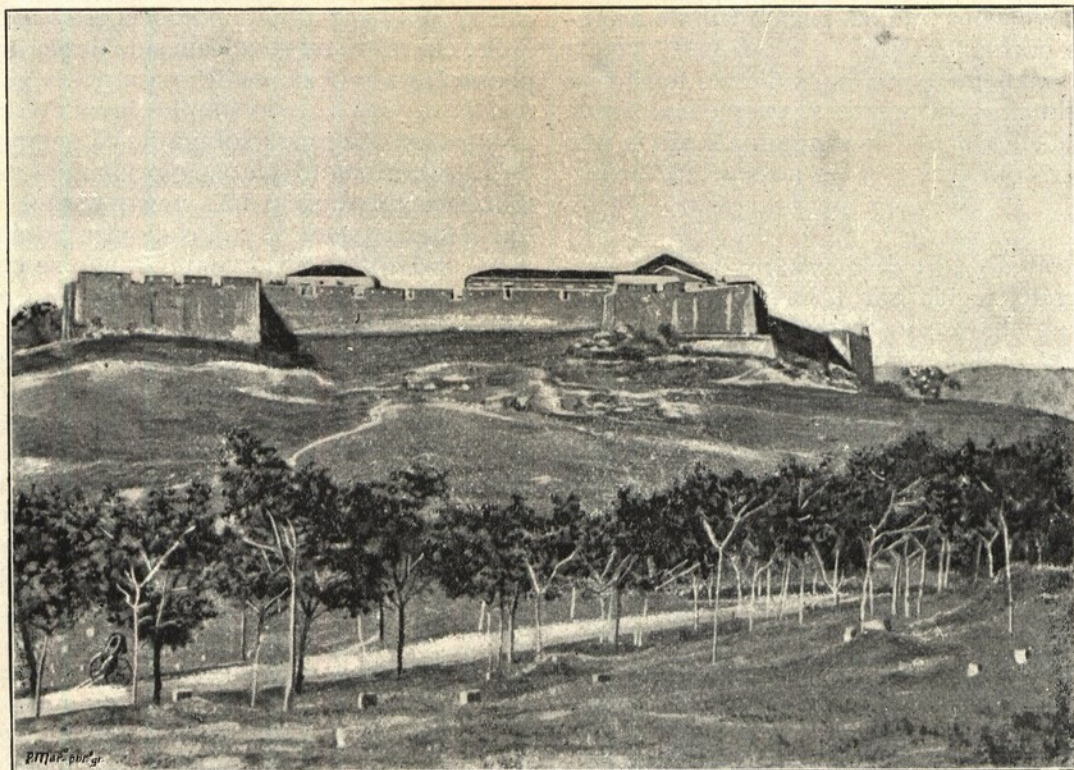
Quando os portuguezes, de-



QUINTA DA GRUTA DE CAMÕES, POVOAÇÃO DE PATANE
E NO SEGUNDO PLANO O PORTO INTERIOR E A ILHA VERDE

ouvidos dos diplomatas chinezes. A occasião ainda voltou mais vezes, e ainda mais re-

pois do mallogro, em meados do seculo XVI, dos seus estabelecimentos no norte da China



FORTALEZA DE S. PAULO DO MONTE, CIDADELLA DE MACAU

— em *Ning-pô* ou *Liampô*, e *Chin-cheu* — e no sul — nas ilhas de *Ta-mau*, *San-chuan* e *Lampacao* — se fixaram na península de Macau, da grande ilha de *Hian-chan*, encontraram não só esta península, como as outras ilhas proximas, desertas, aridas e inhospitas.

Não havia n'ellas vestigios de occupação chinesa, nem de que, em tempos passados, fossem habitadas por chinezes ou por outro qualquer povo. Serviam unicamente de refugio aos audazes piratas, que punham a saque o commercio da proxima cidade de Cantão e a navegação de todo o mar da China meridional. Commandados por Chan-si-lao os barcos dos ladrões penetravam pelos rios Si-kiang e Chu-kiang e levavam a devastação ao interior de Kuang-tung.

O que as esquadras imperiaes não tinham até então obtido, conseguiram-no um punhado de portuguezes que, em pouco tempo, limpam essas ilhas de malfeteiros, destruíram os barcos piratas, e prestaram á China o assignalado serviço que por diversas vezes haviam de repetir, e que, ainda no presente seculo, com assombro de toda a Asia, terminaram com a destruição da poderosa armada de Cam-pau-sai, que bloqueava a cidade de Cantão.

Concluida a destruição do poder de Chan-si-lao, déram os portuguezes em 1557 começo á fundação da actual colonia de Macau.

Não vale a pena discutir — nem que o quizessem nol-o permittiriam as dimensões e a indole d'este artigo — se o imperador Chet-sung, em agradecimento e como recompensa pelos serviços prestados ao commercio e á navegação da China, nos cedeu ou não por documento escripto, a posse d'esses rochedos, aridos e inhospitos, que nós transformámos na bella cidade que hoje se ostenta n'esse recanto do Imperio Chinez; nem se o fôro annual, que por tantos annos pagámos á China, foi logo estipulado depois da occupação.

Quer houvesse ou não cedencia por escripto, o facto é que fômos os primeiros occupantes de Macau e das ilhas circumvisinhas. O que é certo é que começámos a construir na península as fortalezas, sendo as principaes levantadas desde 1612 a 1638, sem que o governo chinez protestasse contra esse facto. Poderão não existir documentos escriptos; mas os verdadeiros documentos são esses montões de pedra sobre os quaes ha já tres seculos tremula a bandeira portugueza.

Isto com respeito á península em que está a cidade. Com respeito á Lapa basta notar que n'essa ilha tivemos até uma bateria e occupação effectiva em toda a margem que diz para a cidade e em grande parte do resto da ilha, e ainda hoje não abicam a essa margem embarcações chinezas sem a necessaria licença passada pela capitania do porto de Macau.

Com respeito ás outras ilhas basta dizer que povoações inteiras pagam tributo ao governo portuguez.

De maneira que fômos d'esses territorios os primeiros occupantes, exercemos ainda hoje n'elles actos de soberania e ainda não estão reconhecidos como nossos taes territorios!

O tratado de 1 de dezembro de 1887, pretendendo regularisar a nossa situação na China, deixou pendentes as questões de delimitação que ficaram addiadas *sine die*. Plenipotenciarios dos dois paizes deveriam fixar esses limites, e emquanto o não fizessem ficaria tudo no *statu quo*. Mas o que não ficou como d'antes foi a cooperação que concede-

porto franco e sem alfandegas nossas, uma fiscalização a favor d'uma potencia estrangeira!

Se, em troca, nos tivessem sido dadas compensações ainda se justificaria a nossa generosidade; mas só pelo simples favor do reconhecimento da nossa soberania na península — reconhecimento que os proprios chins tem todo o empenho em não negar, para evitar que Macau passe ás mãos d'outra potencia mais poderosa e absorvente, — não se comprehende como tivessemos cahido no erro de negociar tal tratado.

A recente embaixada terá por fim e conseguirá remediar o erro e as consequencias que d'elle e do nosso imperdoavel desleixo tem resultado para os vitaes interesses da nossa colonia? Apesar de tarde ainda será

talvez possivel remediar-se o mal, para o que o nosso embaixador, como é provavel, empregará os meios que o governo lhe terá indicado e que não virão certamente a publico tão depressa, pela reserva que se deve guardar em assumptos de tal natureza e magnitude.

E o recentissimo tratado anglo-japonez, em vez de ser para nós um mal, será, pelo contrario, um bem para a defeza dos nossos interesses, com o apoio da Inglaterra, hoje nossa allia da e preponderante no Extremo Oriente, cujos interesses não estão em desacordo com os nossos. Nem a manutenção da integridade da China, n'esse pacto estabelecida, vae de encontro á reivindicação dos nossos direitos ou á delimitação de territorios que nos pertencem de facto ou de direito. E o *statu quo* imposto por essa alliança poderosissima, é-nos favoravel em vez de inconve-



MACAU — FRONTESPICIO EM RUINAS DA EGREJA DE S. PAULO
(COLLEGIO DOS JESUITAS) — CURIOSO EXEMPLAR DE ARCHITECTURA

mos á China para a repressão do contrabando do opio. De maneira que temos n'um

niente, visto não devermos, nem o governo portuguez certamente quererá, fazer conquis-

tas nem obter territorios novos, mas simplesmente regularisar a nossa antiga situação territorial na China.

porto, ainda que para isso seja necessario

Pelos artigos por nós publicados ha mais d'um anno na revista *Ta-ssi-yang-kuo*, mostrámos quaes os interesses que deveremos salvaguardar em qualquer negociação com a China.

São em resumo os seguintes:

— Occupação da ilha da *Lapa* ou, pelo menos, das vertentes desde a margem fronteira a Macau até aos pincairos que dominam completamente a cidade e o seu porto interior.

— Reoccupação da ilha de *D. João*.

— Occupação da ilha de *Tai-zong-cam* ou da *Montanha*, cujos habitantes, antes e depois do tratado de 1887, teem pago tributos ao governo portuguez.

— Estabelecimento do *campo neutro* até ás montanhas de *Pac-siac*, ou, pelo menos, restabelecimento do que existia entre a *Porta do cerco* e a fortaleza de *Passaleão* (tomada pelas nossas forças no memoravel dia 25 de agosto de 1849) abusivamente occupada ha poucos annos pelos chins.

— Reserva da nossa esphera de acção e interesses na ilha de *Hian-chan*, á qual Macau está ligado pelo isthmo da *Porta do cerco*.

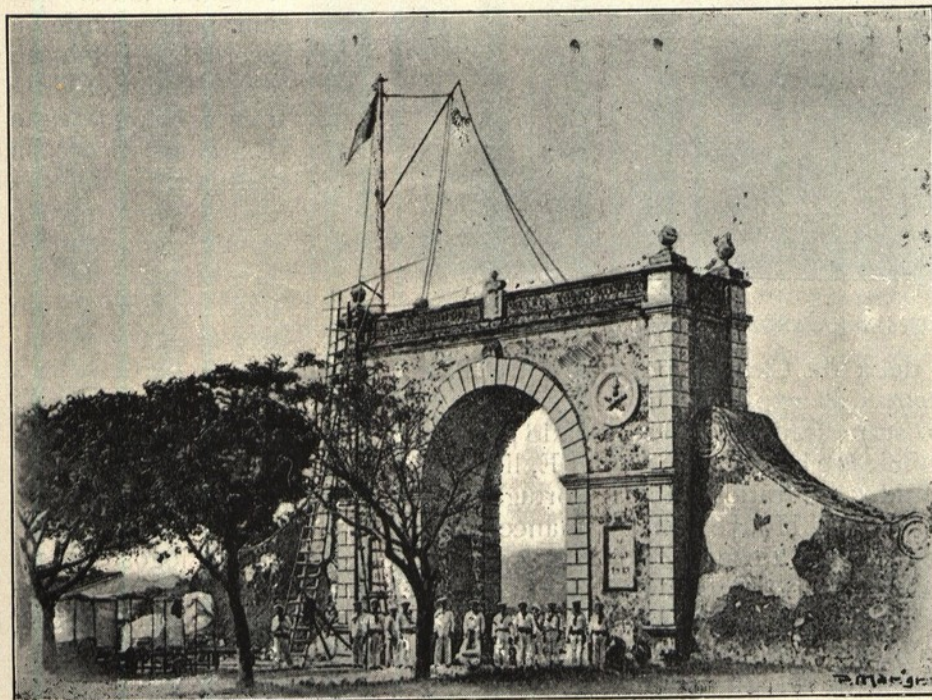
— Afastamento do bloqueio abusivo feito



MACAU — SÉ CATHEDRAL (Modernamente reparada)

concedermos uma maior latitude á repressão do contrabando, sem que n'essa repressão, em nossas aguas ou territorios, tenha a mais pequena ingerencia as auctoridades chinezas, quer directa, quer indirectamente.

Conseguido isto, teremos conseguido, sem offensa dos direitos e dos legitimos interesses da China, sem alteração do *statu quo* estabelecido pelo pacto anglo-japonez, o mais a que podemos legitimamente aspirar, sem que nos possam accusar de termos aproveitado da fraqueza do Imperio chinez para nos cevarmos no seu corpo como fazem as nações fortes e po-



MACAU — ARCO DA PORTA DO CERCO — *Guarnecida pelos marinheiros da canhoneira «Zaire», por occasião dos tumultos em outubro de 1900* pela fiscalisação aduaneira chinesa ao nosso

derosas. E com esse modesto e honesto programma das nossas reivindicações, nem despertaremos a inveja d'essas nações que, pelo contrario, devem e hão-de querer proteger a

não tem industria nem marinha mercante que possam, nem por sombras, competir com as da Inglaterra, desenvolver-se-ha em proveito proprio e de Hong-Kong porque, quan-

to mais prospero for, maior freguez será dos productos reexportados d'esse grande emporio do commercio europeu.

Osmelhoramentos do nosso porto (ha tanto tempo projectados e postos de banda por causa da questão da margem da Lapa, que ainda não foi reconhecida pela China como portu-gueza) tambem não farão sombra ao de Hong - Kong — um dos melhores portos do mundo. Demonstrado assim que não só ha conveniencia paranós como para os estranhos, de que se liquide de vez a chamada *questão de Macau*, não ha senão que congratularmo-nos com o paiz por se ter tomado, ainda que um pouco tarde, a acertada resolução de defender os interesses portuguezes no Extremo-Oriente, ha tanto tempo abandonados sem proveito de ninguem, nem para a propria China que nada ganharia com esta questão penden-



A GRUTA DE CAMÕES (ESTADO ACTUAL)

nossa expansão pelo delta de Cantão, porque serviremos de *tampon* ás expansões ingleza (do norte para o sul) e franceza (do sul até ao *Rio d' Oeste*), inimigas e hostis, que, no seu caminhar em sentidos contrarios, fatalmente haviam de vir ás mãos. Houve tempo em que se julgava incompativel a conciliação dos interesses de Macau, com os da proxima colonia ingleza de Hong-Kong; mas o tempo e uma melhor orientação teem mostrado que nunca a prosperidade de Macau poderia prejudicar a d'aquella possessão ingleza.

Macau é o centro distribuidor dos productos europeus pelos visinhos portos chinezes. Ora, Macau, pertencente a um paiz que

te entre ella e Portugal, e talvez perdesse se a occasião apparecesse para um golpe de mão dado por uma nação mais forte do que a nossa.

E, liquidada a questão diplomatica, terá Portugal de tratar da questão economica e financeira de Macau, que não poderá eternamente viver unicamente de jogos e de vicios, á laia de sentinella perdida, que, — depois de ter ajudado a vencer os hollandezes em 1622, os piratas nos seculos XVI e XIX, e os chins no glorioso dia de 1840, — deixasse abandonada e esquecida no nosso caminho de glorias, entretida com os dados e a jogatina e... com o cachimbo do opio estonteador, que prostra e enerva.



MOÇAMBIQUE — UM TRECHO DA CIDADE

De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

CAPITULO X

Moçambique — O monhé (Continuação)

POR outra parte os asiaticos assenhorearam-se dos sertões e do seu trafico. As suas casas espalham no interior uma alluvião de agentes ou clientes, que percorrem as povoações indigenas ou n'ellas se estabelecem, comprando quanto os pretos podem vender em troca dos artigos de que elles carecem. Onde ha um caminho frequentado, um centro populoso, uma varzea agricultada, lá está installada em tosca palhota, uma quitanda de *monhé*, e immensos bufarinheiros cruzam o paiz, a pé ou a cavallo, juntando aos punhados toneladas de amendoim, de gergelim, de copra, e vendendo ás braças fardos e fardos de tecidos, e aos fios caixas e caixas de contaria. Logares onde não se atreve a apparecer uma auctoridade portugueza, apparece e fixa-se um baneane ou um mouro; não ha perigos que o afugentem, insalubridades que o esmoreçam, privações que não affrontem. E estes pioneiros do commercio, sordidos mas intrepidos, humildes mas habeis, avidos mas proveitosos, sabendo infinitas girias para attrahirem e ludibriarem os negros, despresados e até maltratados mas sempre procurados por elles, refractarios aos melecios do clima, afeitos ao aspero viver dos mattos, asseguram á sua grei, — muito

unida para a exploração da provincia, — uma tamanha extensão de relações mercantis, clientellas tão numerosas, o exclusivo de tantos mercados, que os commerciantes europeus vão vendo a esphera das suas operações circumscrever-se de mais em mais, achando-se quasi redusidos a comprarem aos asiaticos os productos indigenas de exportação, admitindo-os assim como intermediarios, e a venderem aos habitantes europeus e ao Estado os artigos do seu consumo que a India não fornece. As proprias grandes casas estrangeiras exportadoras estão em sensivel decadencia.

E' pois, natural que os commerciantes asiaticos sejam considerados pelos seus rivaes como o cancro de Moçambique, e, realmente, ganham e não gastam, e quando se lhes arredonda a bolsa recolhem-se com ella á patria; mas tambem é certo que elles, productivos ou improductivos, são sempre os precusores da exploração dos sertões.

Em volta da capital e em todo o districto immenso de que ella é séde, para além das margens da bahia de Moçambique e fóra de alguns raros pontos do littoral onde o dominio portuguez tem representação official, são

os *monhês* e só os *monhês*, tão increpados e tão calumniados, que vão penetrando na massa das populações africanas, rompendo-lhes o isolamento desconfiado, incitando-as a produzirem para adquirirem, e até ás vezes incutindo-lhes—por interesse proprio—idéas de respeito e sujeição á soberania. Quando a auctoridade pretende insinuar-se ou estabelecer-se em regiões indomadas, ter noticias do que lá se passa, intervir junto dos povos ou dos regulos; quando precisa guias para uma expedição, informadores para uma exploração, auxilios para um castigo, medianeiros para uma transacção, linguas para communicações, raramente deixa de recorrer aos serviços de baneanes e de mouros, interessados pela sua segurança na dilatação e effectividade do dominio portuguez, — embora tambem algumas vezes esses primeiros occupadores e exploradores lhe opponham resistencias dissimuladas e concitem rebelliões abertas.

Os poucos commandos militares estabelecidos na costa do districto, desde que se desviam da bahia de Moçambique, como o de Mogueguole, tornam-se centros sem circumferencia, centros de auctoridade sem raio de acção auctoritaria, representações de soberania sem meios de exercerem direitos ou sequer influencia. Vivem para alli, em barracões de palha, um official subalterno, o commandante, que se entretém a curtir febres, e quando muito um destacamento de soldados, que cultivam feijão chibamba e o amor das pretas da visinhança. Estes commandos só commandam, na melhor hypothese, até onde alcançam as balas das espingardas, e servem principalmente para acostumar os indigenas a desrespeitarem os dominadores, por os vêrem de perto, no desalinho do viver cafrealisado, na fraqueza do seu isolamento, anemicos ou febricitantes como homens, como militares comprando pazes com *saguates* pobres, como governantes fechando os olhos a todas a indisciplinas dos governados. Todavia, esses mesmos simulacros de occupação, — que aliás seria facil converter em estações de auctoridade effectiva, — nem sequer tem sido estabelecidos em toda a parte onde promette ser mais proveitosa a exploração europeia: lá está a formosa bahia de Fernão Velloso, a poucas leguas da capital, inteiramente abandonada aos indigenas e aos *monhês*, apesar das preciosas madeiras que lhe guarnecem as margens. Já lá houve occupação militar, ainda agora attestada por escombros de fortificações; hoje, porém, um commerciante emprehendedor de Moçambique, que se afoutar a explorar-lhe as florestas, precisa proteger a exploração comprando a acquiescencia

dos negros, e são, principalmente os *monhês* que lh'a negoceiam e asseguram com a sua influencia.



Para o sul da capital a unica povoação em caminho de prosperidade, o antigo Parapato hoje chrisnado, é obra dos asiaticos.

Quem sae da bahia de Moçambique, e navega ao rumo de sudoeste, vae avistando uma costa baixa, coberta de denso arvoredado, fendida por boccas de rio chanfrada por enseadas, dentadas por promontorios de cujo perfil avançam para o mar baixios marcados pelas rebentações ou denunciados pela agua esverdeada que os cobre. Descoberta a extensa ponte de Bajona, um pratico reconhecerá o Infulsi, onde existe um posto militar, dará resguardo ao baixo de Moginquole, guardar-se-ha da mal afamada Barracuta, assignalará o rio de Santo Antonio ou Sangage, onde principiou o antigo districto de Angoche, fugirá d'outro banco muito ao mar, e, andadas mais de 80 milhas, começará a perceber pela amura de bombordo, se fôr muito agarrado á terra uma mancha escura no azul das aguas, que depois se desenhará á sua vista com os contornos e o alçado d'uma pequena ilha coberta de arvores altas e espigadas. E' a ilha de Mafamede, de que as cartas hydrographicas inglezas dizem encerrar a sepultura do sultão Hassan.

Este nome recorda uma tradição ethnographica e politica da região continental que defronta com a ilha. Em distantes tempos, um indigena de Zanzibar provavelmente suahili mussulmano, emigrou da patria em demanda de terras onde se estabelecesse e depois de obscuras peregrinações pela costa, que o levaram até Quelimane, desembarcou em Nhálóka, ao sul da ilha de Angoche, e ahi pretendeu fundar um sultanato. Este homem era o Hassan, ou Hassani, que jaz em Mafamede. Logrou angariar proselytos á sua religião e ganhar subditos á sua improvisada soberania, entre os macúas que povoavam aquellas terras; mas afinal um regulo poderoso d'esta raça bateu-o, repelliu-o com os seus partidarios para Sangage, e o intruso veio a morrer decadente, dizem que em viagem, e os seus ossos foram enterrados na ilha onde os mouros ainda hoje os veneram. A familia e os companheiros de emigração de Hassan ficaram, porém, em Sangage, e d'elles descendem um povo distincto dos macúas, que se espalhou por muitos pontos do districto de Angoche, e que alguns escriptores asseveram ter direito exclusivo á denominação de *monhé*, que alias se tornou commum, no uso correntio da provincia, a todos os mouros, quer africanos quer

asiaticos. O idioma d'esses *monhês* supostos genuinos, ainda hoje se assemelha tanto ao suahili, que as diferenças entre um e outro, podem explicar-se, se não por meras corrupções, por evoluções independentes.

Não são, porém, os descendentes de Hassan que preponderam nas terras fronteiras a Mafamede; são os macúas, e os seus regulos desconhecera durante seculos a dominação portugueza, e nem quasi tiveram com elles senão relações fortuitas até 1865, em que, depois das campanhas de José Bonifacio contra o Mussá-Quanto, se creou o districto de Angoche. A auctoridade portugueza nunca deixou, porém, de ser precaria n'estas paragens.

Esse Monhé Chande fallava como quem tinha mando e imperio em Angoche: declarava ter ás suas ordens quinze regulos com que saberia defender o novo sultão e manter a ordem, e pedia que lhe dessem auxilios de armas e polvora e permittissem a alguns navios irem commerciar ao porto. Mas a situação politica que estas relações caracterisam transformou-se rapidamente. Em 1855, os sultões de Angoche consideravam-se independentes, e até inimigos dos portuguezes. Um d'elles, outro Hassan ou Hassani, mandou expedições acaudilhadas por seu irmão Mussá-Quanto, talarem as margens do Chire e o Quizungo, e foi então que um morador de Quelimane, José Bonifacio Alves da Silva, grande proprietario com brios de guerreiro, emprehendeu com os seus sipaes, e algum auxilio das auctoridades, acabar com o sultanato de Angoche, que era um ninho de pirataria e escravismo. José Bonifacio morreu no assalto, victorioso, da ilha, ao vadear o rio, e conta-se na terra que, tendo recommendado que o levassem para Quelimane, os seus negros fieis salgaram o cadaver para o conservar durante a jôrnada. Um irmão d'elle, Victorino Romão, concluiu a empreza. Possuimos de facto a ilha, dentro do rio, e á entrada d'elle, no Parapato, estabelecemos um posto militar e arvoramos a bandeira nacional; fóra d'ahi, apenas pouco temos estabelecido relações, mais de amizade e de commercio que de soberania, com regulos visinhos, e especialmente com os que se temiam do poderoso Mussá-Quanto, como os de Imbamella e o de Sangage. Nas terras d'este ultimo existiam um commando militar e um posto aduaneiro.

Demanda-se a barra do rio de Angoche enfiando por um canal pouco profundo, escavado n'um extenso baixo que uma boia assignala, com a prôa posta n'uma marca firmada em terra, n'uma ponta vestida de arvoredo; dobra-se depois essa ponta, e surge-se n'uma vasta bacia, quasi sempre coalhada de pangaios, que se empregam no trafico da lo-

calidade, de Sangage a de Moma. Quando lá entrei, eram tantas as embarcações costeiras que no seu abrigo se haviam guardado d'um temporal, que os apparatus formavam emmananhada selva, d'onde rompiam, soberbos, os mastros de dois navios do Estado, um hiate veterano que só navega no orçamento provincial, e uma galera mercada para paiol de polvora. Na margem esquerda fica a villa de Antonio Ennes, e eu desvaneci-me com o aspecto da minha afillhada homonyma. Está assente na encosta d'uma collina, em cujo cimo tremula a bandeira portugueza na frente d'um vasto edificio, e d'ahi para baixo espalha-se casaria encrustada em verduras, apparecendo frontarias brancas por entre grupos verde-negros de mangueiras, e balouçando-se penachos de palmeiras sobre telhados de encarnado vivo; ao nivel do mar estende-se o perfil d'um caes sobre extenso banco de areia e lodos. E' um panorama de muita côr; é um panorama de muitas promessas.

Mas não lhes correspondem as realidades. O caes está por concluir, e nem sempre dá desembarque. A povoação é arruada, sim, com seus largos arborizados, mas composta de casinholas humilimas, algumas só de madeira e zinco, muitas de *matobe*, raras de pedra e cal, todas alegremente pintadas, é certo, mas sem disfarçarem a pobreza com a alegria e as deformidades do desenho com a crueza das tintas. Os edificios publicos não se fazem invejar pelas habitações particulares. O governador vive e tem a secretaria n'uma casa acanhada, que só ha pouco foi assoalhada com madeira que parece de caixa, e cujas paredes descobrem, por detraz do branco que se descolla, o seu escuro miolo de terra e ramas. As repartições acotovellam-se n'um pardieiro, que tambem empresta piedosamente um dos seus compartimentos para igreja parochial; aos dias santificados, pendura-se uma colcha na parede caiada, encosta-se-lhe uma meza enroupada em altar, e os negros musulmanos, que espreitam pelas vidraças partidas das janellas, não querem crêr que os christãos alojem um Deus n'aquelle tugurio, onde ainda na vespera lhes apanharam algumas rupias de licenças. O edificio sobranceiro á povoação, que tanto alardeia a quem o vê do mar, é o quartel do destacamento; entrado, revela-se misero barração, mal vedado ás chuvas, com o esqueleto de páus encascados desnudo e negro. Só a camara municipal tem uns paços casquilhos, alinhados, de construcção fresca, porque só ella é rica, e da sua riqueza participa o cemiterio, murado, sobre cujo portal topeteia uma cruz de floreada talha de madeira, verdadeiro trabalho artistico, esculpido na localidade.

Do alto da collina avistam-se dilatados campos, de arvoredos rallos, animados por magotes e fileiras de palhotas, plantadas á beira de quintalejos de mandioca e feijão.

Tudo aquillo é mesquinho e reles, mas o districto é aquillo, porque a ilha de Angoche decahiu desde que em 1881 lhe tiraram a séde do governo, e Sangage nada vale, e o que lá ha é obra dos asiaticos. Antonio Ennes não passa d'um grupamento de quitandas de *monhés*, feitas para durarem mais algum tempo do que os do matto, e sujeitos a uma certa regulamentação municipal. Nem ha lá outra gente, a bem dizer, além dos indigenas. Os europeus são meia duzia de empregados publicos. O corpo commercial compõe-se exclusivamente de baneanes, batiás e mouros. A unica funcção e a unica rasão de ser da villa, são o commercio de sementes oleoginosas, entablado entre esses furavidas e os negros das regiões circumvisinhas. Elles e só elles é que juntam as dezenas de milhares de saccas de amendoim e gergelim que cada anno saem pelo porto. Para isso espalham-se pelo interior, introduzindo-se em territorios fechados e vedados aos europeus, como são os de Moma, Matelane e Maribone cujos regulos já algumas vezes se têm avassallado, mas não querem comprehender que da vassallagem lhes advêm deveres para com o suzerano, nem consentem que lhes vão fallar em taes deveres. Só os asiaticos tiram d'esses territorios algum proveito, para si e para o Estado, e tiram-n'o á força de diligencia e de audacia, com perpetuo risco de serem mortos ou roubados. Nenhum europeu se afoutou ainda a fazer-lhes concorrência n'esta exploração aventureira, apesar de se dizer que deixa fabulosos lucros. Effectivamente, os exploradores pagam á camara municipal quantias licenças, licenças para se estabelecerem ou traficarem onde a auctoridade portugueza não lhes pode conceder a minima protecção, pagam direitos pelos generos que exportam, começaram ha pouco a pagar contribuições geraes directas, e apesar d'isso, muitos têm já enriquecido, e a colonia indiatca augmenta-se quotidianamente.

Se acabassem o amendoim e o gergelim, as auctoridades poderiam fechar as portas do districto de Angoche, metter as chaves nas algibeiras e recolher a Moçambique. A sua unica missão é fiscalisarem, policiarem e tributarem o commercio d'essas sementes. Além

d'esse commercio nada se faz. Não ha agricultura, senão a dos negros. Quasi não ha propriedade regular, senão a dos casinholos da villa. Não se sabe o que seja industria. Em Antonio Ennes, além dos depositos das mercadorias de exportação só ha umas lojitas de má morte, tambem de asiaticos, onde se vendem miuçalhas do consumo indigena e alguns comestiveis para brancos. E como tambem não ha dominio effectivo senão no solo que os dominadores pisam, os serviços publicos são d'uma simplicidade tocante. O parochio accommoda todos os seus freguezes no cubiculo onde officia, as escolas primarias dos sexos masculino e feminino pedem alumnos por obsequio; a alfandega só tem serviço n'um dia ou outro, em que entram ou saem navios; o governador do districto, a que na provincia chamam regedor, e que foi ha pouco substituido por um commandante militar, commanda um destacamento de dezoito ou vinte praças, e alguns sipaes contractados a 10 réis por dia. Só a camara municipal tem que fazer, tem importancia, e tem dinheiro, por isso que é ella que dá licenças ao commercio, a esse commercio que é toda a vida economica e a unica funcção social do paiz, e até o principal por não dizer o exclusivo meio de influencia de civilização sobre os indigenas.

Mas Angoche tal como é, — o seu trafico já vale centenas de contos de réis, — fez-se em pouquissimos annos e fez-se com pequenissima despeza do Estado, a não ser a das guerras com o Mussa-Quanto. O governo central não lhe deu um palmo de estrada, nem uma ponte, nem um pharol, nem sequer communicações frequentes e regulares com o resto da provincia, nem ao menos segurança, e até desviou para a alfandega de Moçambique os proventos da sua importação. Se nas trezentas milhas de costa que se prolongam entre Moçambique e Quelimane ha uma povoação que não é apenas um amontoado de cubatas, se ha um porto commercial, se ha um centro de auctoridades, tudo se deve aos asiaticos, tudo sahiu das algibeiras dos asiaticos, d'esses asiaticos que a rivalidade dos negociantes europeus e a irreflexão de algum homem de estado teem lamentado não poderem expulsar da Africa oriental.

Como elles seriam vingados com a decadencia da provincia, se os expulsassem!

FIM DA PRIMEIRA PARTE

(Continúa).





PALACIO DO EX.º SR. JORGE O'NEILL, EM CASCAES — FACHADA PARA O LADO DO MAR

CASA PORTUGUEZA

RENOVAÇÃO NA ARCHITECTURA NACIONAL

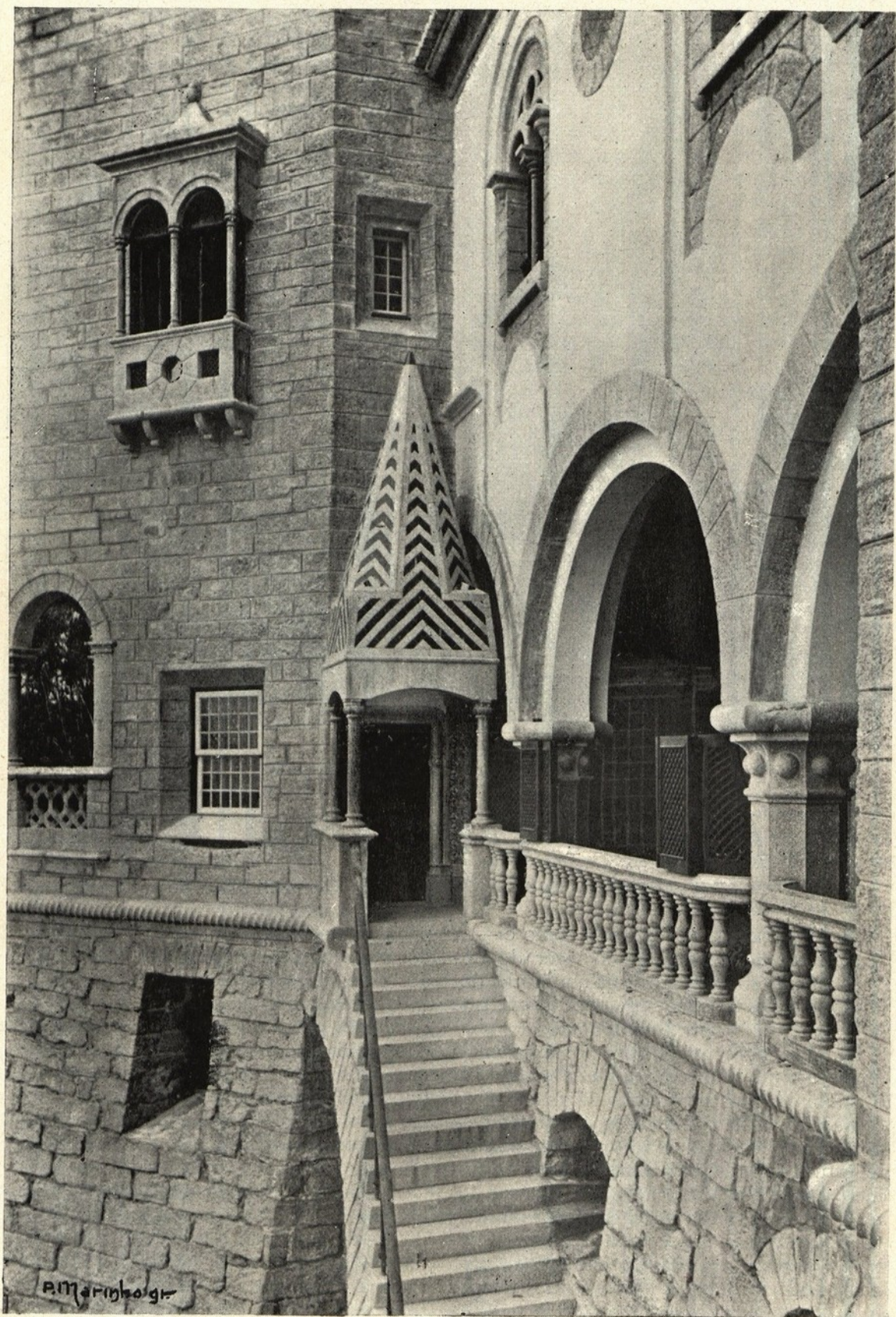
A ARCHITECTURA, sendo, — como é —, a mais fiel expressão do viver do homem, só pode revestir um estylo definido e característico nas epochas em que haja unidade d'ideias e sentimentos.

Ora o seculo XIX, que foi por excellencia um seculo de lucta, conseguindo enfim ver o triumpho do movimento d'emancipação começado com a Renascença, foi tambem por excellencia um seculo de anarchia intellectual, — assistindo á resurreição de numerosas philosophias, theorias e crenças dos tempos passados, ao apparecimento de muitas outras novas e ao combate de umas contra as outras; organisando em bases firmes a sciencia dos tempos idos e a dos tempos futuros d'aquem e d'além mundo, e vendo o dogma e o preconceito queimarem os ultimos cartuxos contra a sciencia e a industria, as duas irmãs gêmeas, indifferentes e trium-

phantes rainhas do mundo, — a despeito dos Brunetièrre e outros philosophos cabeçudos e de vistas curtas.

A architectura do seculo XIX, reflectindo, como não podia deixar de ser, essa anarchia dos espiritos, é uma architectura multiforme, em que se vêem representados todos os estylos dos seculos anteriores e apparece um grande numero de elementos de um estylo novo, que passou ao seculo XX quasi completamente formado.

Aos factores ordinarios e racionais de uma obra architectural, — dependentes das condições da paisagem e do clima, das necessidades que ella tem de satisfazer e dos materiaes a empregar, — juntaram-se varios outros, substituindo aquelles muitas vezes e prejudicando-os sempre, e que foram: a influencia do ensino da architectura classica ministrado sem discernimento pelas Acade-



TRECHO DA FACHADA PARA O LADO DO MAR

mias; a influencia do movimento do Romanismo a favor dos antigos monumentos, que, tendo começado especialmente pelos da epocha ogival, se estendeu aos da architectura byzantina, românica, etc.; a influencia das viagens baratas e da vulgarisação da architectura dos diversos paizes pelas exposições universaes e pela imprensa; e, finalmente, a influencia da vaidade humana n'estes tempos d'exterioridades e ostentações, em que se fazem fortunas a vapor e em que os escrupulos sobre os meios de as adquirir quasi desapareceram de todo, juntamente com o obsoleto e tradicional *pé de meia* dos nossos avós.

E assim foi que no seculo XIX se construíram pela primeira vez edificios essencialmente irracionaes, desprezando-se os mais elementares principios da arte e do senso commum, não se attendendo sequer ás commodidades mais indispensaveis, pois é vulgar ver em paizes quentes casas imitadas dos paizes frios e vice-versa.

E' assim que nós vemos ahi pela capital e arredores amostras, mais ou menos fieis, da fortaleza medieval, do *château* e do simples *castel* francez, do *cottage* escossez, do *chalet* suíço, etc. E' assim que vemos um gazo-metro e um ascensor em estylo gothico e uma estação de caminho de ferro em estylo manuelino, com portas em forma de ferradura; é assim que vemos a lousa substituir a telha nos telhados e até nas aguas furçadas, onde se usava tão pittorescamente a telha pintada; e vemos varias torrinhas cobertas, não de azulejos ou telhas vidradas, como antigamente, mas de folha de ferro ou de zinco pintada de preto, parecendo grandes apagadores, — como os telhados de lousa dão aos predios o aspecto de estarem de chapéo na cabeça... Em Portugal o mal foi maior do que nos outros paizes em razão da maior ignorancia geral em assumptos d'arte.

No meu tempo ainda nenhum ministro do reino acompanhou el-rei á abertura das

nossas exposições de bellas-artes nem me consta que se tenha dignado dar-lhes a honra da sua visita; e conta-se que uma das poucas vezes que um deputado quiz mostrar conhecimentos d'arte na camara respectiva enfeixou os famosos frescos de Raphael com as ruinas de Pompeia!

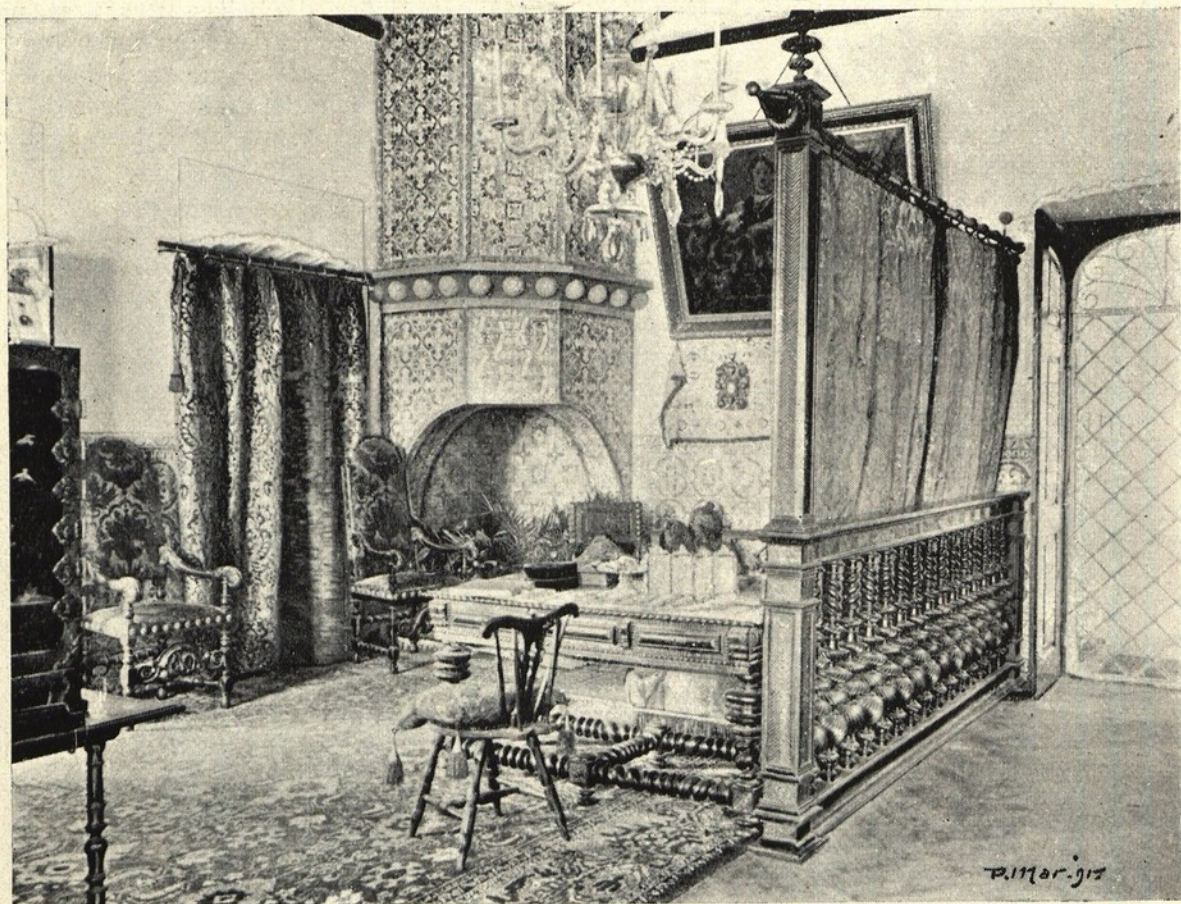
Quanto á ignorancia do publico menos illustrado, d'ella dão um testemunho desolador as phantasias estramboticas que *exornam* os novos edificios das estações de villegiatura: casas que parecem gaiolas, outras semelhando caixotes; n'uma as portas e ja-



DETALHE DA PORTA DA TORRE

nellas é tudo aos pares; outra com um pulpito na esquina, no qual a gente está á espera de ver apparecer o proprietario a prégar... aos passaros; janellas geminadas, em que uma pessoa só pôde assomarse por partes, — meio corpo de cada lado; torções cobertos com um bonnet de jockey, outros com apagadores e outros guarnecidos superiormente de pedras de cascata; telhados defendidos por peças d'artilharia!... Emfim, a phantasia desregrada, o mau gosto e a pretensão expandindo-se descaradamente...

Outra circumstancia ainda tem concorrido para desnaturar e desnacionalisar a nossa architectura moderna, — a demasiada permanencia (vae até 7 annos!) dos nossos pensionistas em França, d'onde, naturalmente, veem fazer entre nós architectura franceza (Vejam-se, por exem-



SALA DE ENTRADA — CHAMINÉ DE CANTO

plo, os numerosos projectos de casas publicados nos dois volumes da *Construcção Moderna*: quasi todos são de estylo francez), quando tanto pela razão da similhaça do clima como pela economia (aproveitando-se o Instituto de Santo Antonio em Roma) elles deviam ir antes para a Italia.

Ha muito que lá fóra se faz uma activa propaganda em favor dos bons principios e do regresso á architectura tradicional ou regional. Tendo cada região uma architectura propria, em virtude das suas condições especiaes de clima e modo de vida dos seus habitantes, e sendo de evidente conveniencia saber como fizeram os nossos antepassados para aproveitar d'elles o que fôr razoavel, é claro que para fazer architectura racional todo o architecto deve conhecer a architectura tradicional da região em que tiver de trabalhar.

Comprehende-se bem que as casas construidas nas diversas provincias de Portugal nos tempos em que o proprietario se preocupava, não com a vaidade de possuir uma casa mais bonita que as dos seus visinhos, mas com a necessidade de ter uma habitação onde vivesse commodamente, devem paten-tear caracteres differentes segundo a differença das regiões, e ao mesmo tempo similhan-

tes em cada região. O architecto moderno dispõe de recursos novos, tanto em sciencia como em materiaes. A vida hoje tambem não é a mesma d'outros tempos; e as suas necessidades são, portanto, diversas d'aquellas a que tinham d'attender os nossos antepassados. Mas o clima, esse é que não mudou; e d'elle depende essencialmente a forma na architectura. O conhecimento dos typos de construcção das diversas regiões de um paiz é hoje, por isso, considerado em toda a parte tão necessario a um architecto como qualquer outro dos que constituem a arte de construir.

Pelo governo francez foi ha tempos ordenado, sob a direcção do *Comité des travaux historiques et scientifiques*, um inquerito sobre as condições da habitação em França ¹, do qual estão publicados já dois volumes (1894-1899). E em 1899 um deputado pedia a criação de escolas regionaes de architectura, porque, dizia elle, «l'art doit s'inspirer des traditions locales pour arriver à réaliser des œuvres qui portent la marque du génie de la France architecturale». Na recente reforma da Academia de Bellas-Artes de Lisboa vem um artigo, segundo o qual «o governo subsidiará alumnos do curso de architectura para

¹ *Enquête sur les conditions de l'habitation en France. Les maisons types. Paris, Ernest Leroux.*

em viagens pelo paiz estudarem os monumentos da arte nacional.» Apesar de que os reformadores só pensaram em «monumentos,» como os alumnos verão tambem as «casas,» não importa a omissão.

Por outro lado varios orgãos da imprensa teem nos ultimos tempos advogado a causa da architectura tradicional portugueza; e a propria *Construcção Moderna*, a que acima me referi, e que conta entre os seus collaboradores um fervoroso adepto d'essa causa, — o sr. Raul Lino¹ —, iniciou nas suas columns uma secção intitulada *Architectura pittoresca*, ou *Arte tradicionalista* para a vulgarisação, por meio de reproducções (ainda que muito reduzidas) acompanhadas de notas descriptivas (ainda que muito ligeiras) dos especimens interessantes da architectura portugueza tradicional (e não tradicionalista...).

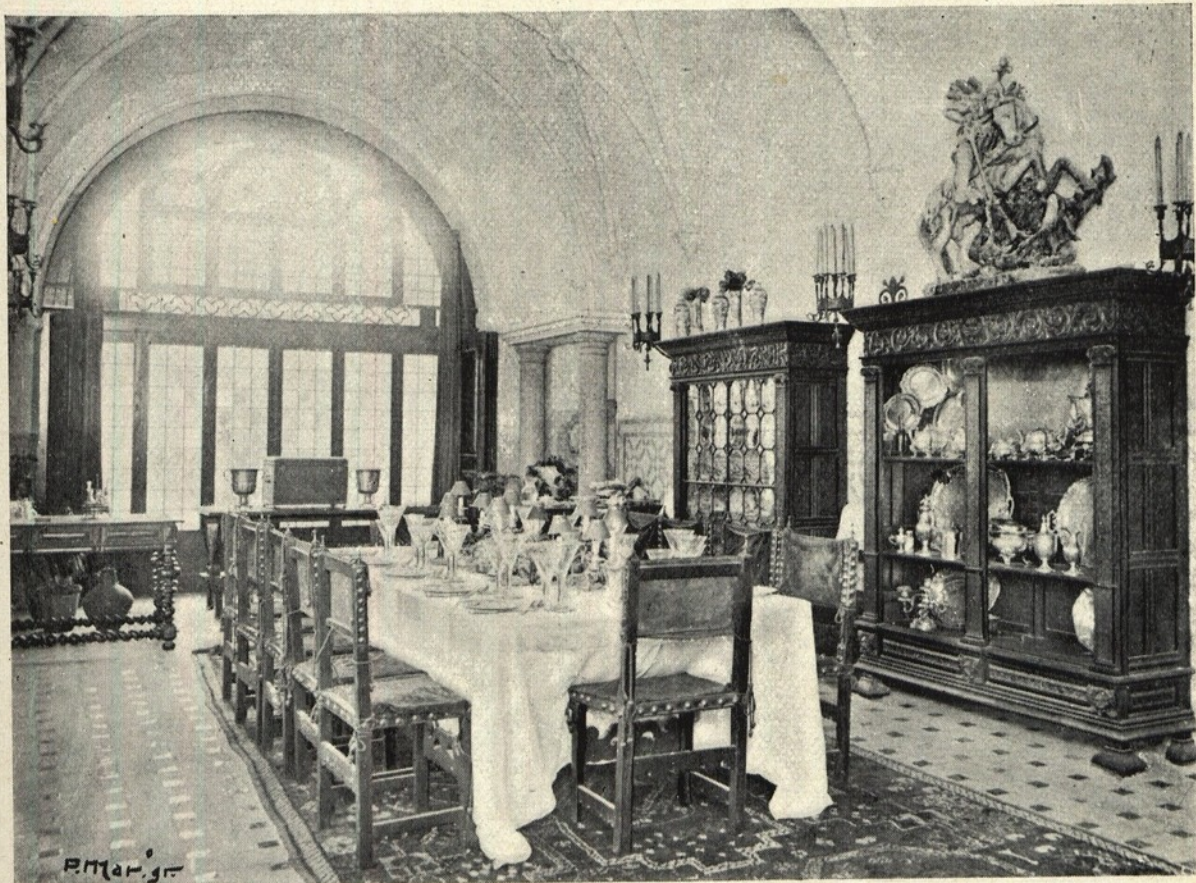
O primeiro, creio eu, a protestar contra o deboche de chalet-mania, que envergonha

¹ A predilecção d'este architecto pela nossa architectura tradicional explica-se pelo facto d'elle ter estudado na Allemanha com o sr. A. Haupt, o auctor de um importante trabalho, profusamente illustrado, sobre a architectura da Renascença em Portugal, e que a miude visita o nosso paiz em demorado estudo. O sr. Lino estreou-se, quando regressou á patria, com um bellissimo projecto de edificio para a secção portugueza na ultima exposição de Paris, ao qual o jury respectivo preferiu, infelizmente, outros projectos.

as nossas praias aristocraticas, foi o sr. conde d'Arnos com a sua casinha de Cascaes; mas esse protesto não teve repercussão, talvez porque d'ella o melhor só pode ver-se do mar, e o que vê quem passa pela estrada é, a bem dizer, insignificante. Mas não succedeu o mesmo com a casa do sr. Manuel Gomes no Mont'Estoril: essa deu nas vistas a toda a gente e fez escola. Pela sua altura, pela sua magnifica posição e pelo contraste com tantas casas feias, ridiculas e até horri-veis, que enxameiam n'aquelle bairro elegante (que pelos nomes das ruas parece pertencer a uma colonia franceza), não podia deixar de dar no gôto aos que passavam, e que naturalmente diziam consigo:

— Pois pôde fazer-se uma casa tão bonita sem ser *chalet*, nem *villa*, nem castello feudal? Uma casa tão bonita sem ser antiga nem estrangeira!? Ora não ha!

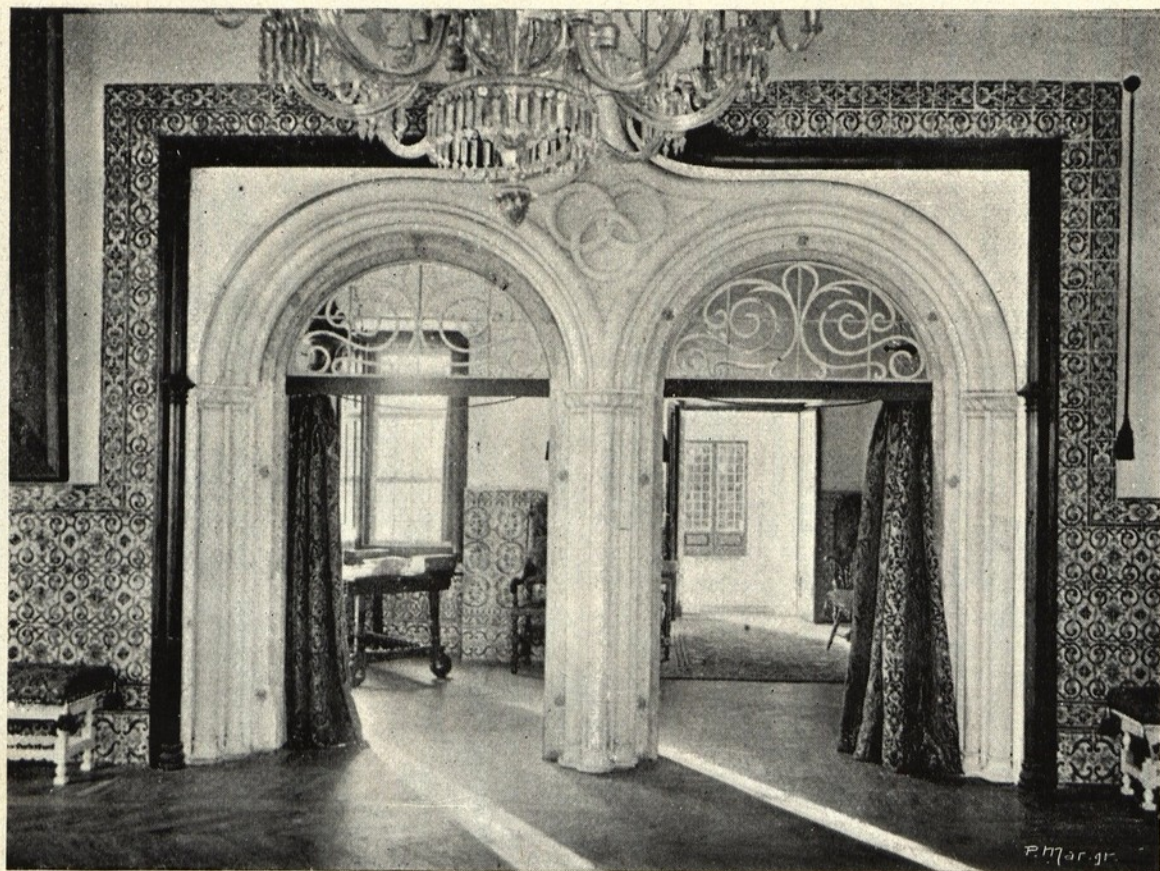
O palacio do sr. Jorge O'Neill em Cascaes, construido pelo mesmo artista que edificou a casa do sr. Manuel Gomes, terá de certo uma influencia ainda mais decisiva, tanto pela sua excepcional importancia architectonica, como pela sua situação á beira da estrada que conduz á famosa Bôcca do Inferno, ponto obrigado de visita para quantos fazem uma excursão a Cascaes.



SALA DE JANTAR



GRANDE SALÃO



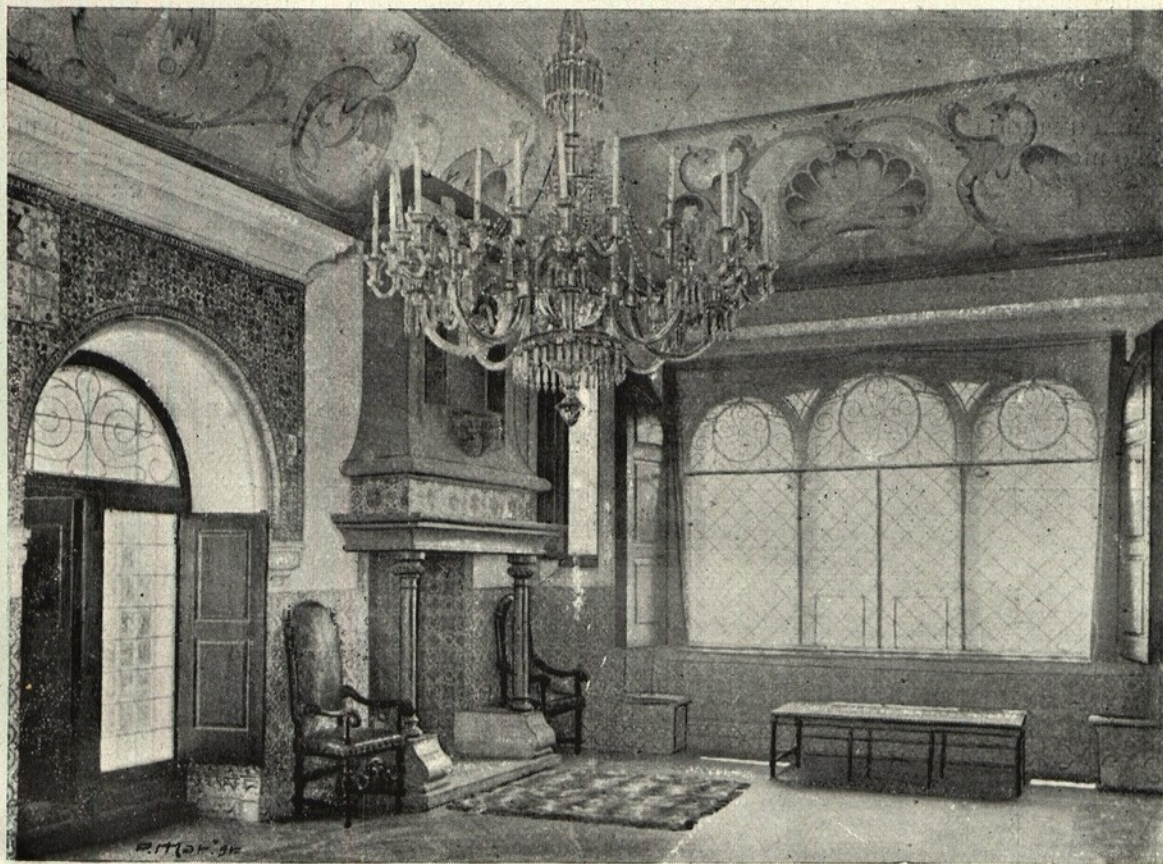
DETALHE DOS PORTAES

Ninguém, me parece, ao ver a elegancia e distincção da vivenda do sr. Jorge O'Neill, e comparando-a mentalmente com a picaresca (e não pittoresca) chaletzada que se estende de Pedrouços até Cascaes ao longo do caminho de ferro, deixará de se convencer de que o *chalet* é, não só um contra-senso em Portugal, mas ainda muito inferior sob todos os pontos de vista á casa portugueza quando ella seja feita por um artista.

Quanto á sua importancia architectonica, o palacio do sr. O'Neill em Cascaes é sem duvida a obra particular mais valiosa de quantas, do meu conhecimento, se teem construido em Portugal nos ultimos trinta annos.

monica dos seus corpos componentes e o bello aspecto das suas fachadas principaes, de um pittoresco grave e altamente distincto.

Como os leitores não podem avaliar bem do edificio, porque para isso seria necessario maior numero de gravuras, direi que o seu auctor foi especialmente feliz no desenho da porta principal (que na vista exterior se vê á direita, de escorço), no da porta para o terraço do alpendre (não reproduzida) e no da torre, todos elles originaes; nos cachorros dos balcões superiores da torre, inspirados da torre da igreja das Caldas da Rainha, mas invertidas, isto é: emquanto aqui representam uma secção, lá são uma saliencia; e ainda



JANELLA E CHAMINÉ DE SALA

Entre as suas qualidades vê-se que o seu delineador deu o primeiro logar ao caracter genuinamente portuguez dos elementos decorativos, aproveitando até, como lhe cumpria, os elementos locais. Não ha ali nenhum elemento ou detalhe de ornamentação ou decoração que não seja copiado ou inspirado na architectura portugueza.

A essa qualidade accresce a perfeita appropriação do edificio ás condições do local e ás necessidades dos seus habitantes, concorrendo a expressão exterior d'essas necessidades para a ornamentação geral, como mandam as regras da arte; e accresce mais a ligação har-

a esplendida casa de jantar, com a sua bella abobada artozoada e as suas admiraveis vistas, de um lado para o mar e do outro para o arvoredo do parque Penha Longa.

Tem elle defeitos tambem, é certo; mas são de pouca monta attendendo ás suas qualidades. E quando se disser que foi esta a segunda obra architectonica do seu auctor, é força reconhecer que este revelou uma verdadeira aptidão para a architectura, — aptidão que talvez nunca se manifestaria se um seu amigo se não lembrasse de lhe pedir o desenho de uma casa!

O auctor da casa do sr. Manuel Gomes no

Mont'Estoril e do palacio do sr. Jorge O'Neill em Cascaes é o sr. Francisco Villaça, geralmente conhecido pelas suas pinturas, mas de quem os seus amigos e os amadores d'arte em Lisboa conhecem ha muito as multiplas aptidões. O sr. Villaça é um dos nossos mais illustrados artistas. É um artista que tem bibliotheca!...

De resto, sendo provavel que a outros cause espanto, como me causou a mim, que um simples pintor construa uma obra como o palacio do sr. O'Neill, eu direi o que elle me disse a mim quando lhe expressei o meu espanto, e é que elle cursou a escola d'architectura de Paris; e tanto que executou alguns trabalhos para o illustre Charles Garnier quando este andava edificando a Nova Opera. Não é, pois, leigo em architectura; não é um simples pintor.

A elle dará o futuro o primeiro logar entre

os renovadores da architectura portugueza do nosso tempo. Mas, como as duas bellas construcções do sr. Villaça tambem honram extremamente quem as encommendou, o futuro archivará juntamente os nomes dos srs. Manuel Gomes, que mandou fazer a primeira, e o do sr. Jorge O'Neill, que mandou fazer a mais importante.

Tão importante que, no nosso meio, só poderia mandal-a edificar um homem que, como elle, reunisse, em rarissimo conjuncto, uma grande fortuna, um grande nome, um espirito superiormente culto e uma alma d'artista.

Na bella vivenda do sr. Jorge O'Neill fica perfeitamente bem a altiva divisa do brazão d'armas

dos seus maiores: *Celo, solo, salo potentes*

= Poderosos no céo, na terra e no mar.

JOÃO SINCERO.



FRANCISCO VILLAÇA



CLAUSTRO E PATEO INTERIOR



MARTYRES

EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO

CAPITULO VIII — PERSEGUIDOS E PERSEGUIDORES

PELOS grandes vãos da columnada do triclínio, em que Cesar se banqueteara, e cujas cortinas se achavam corridas para deixar entrar o grande ar, e saírem as baforadas dos perfumes, passavam os clamores das saúdes, os sons dos instrumentos e dos canticos com que se ia passando o longo comisassio, e um rumor confuso de todos estes ruidos chegava ás vezes, em echos sumidos e vagos, á masmorra de Romano.

Terminada a comida, o flamine e a flaminica, os sacerdotes e sacerdotisas retiraram-se. As cadeiras, em que estes convivas rituaes se tinham sentado, foram afastadas, e as bailadeiras syriacas, enfeitada a cabeça com a bicuda mitra asiatica, entraram na sala do festim e deram começo ás danças simultaneamente lubricas e langorosas.

Galero, incapaz de conversar sobre arte, de especular em philosophia, de se encantar com a cadencia rythmica dos versos, de ouvir comedias por mais obscenas que fossem — receando em cada verso um chasque ou uma ironia — aborrecendo-o os mimicos, além d'isso beberrão, dissoluto e feroz comprazia-se d'ordinario com as danças aphrodisiacas dos orientaes, com as luctas de gladiadores, com as musicas estridulas. Mas, naquella noite, mal as danças tinham começado que as mandou retirar, e só demorou os musicos, que pareciam por vezes tira-lo do turpor sombrio em que se achava abysmado.

Os seus companheiros predilectos, por temperamento e abjecção, guiados pelo mesmo pensar, debalde procuram e inventam diversões que lhe façam esquecer o acto sacrilego de que fôra victima. Mas como não podessem arranca-lo á odiosa obsecção, cada qual a seu modo trata de excitar nelle o odio contra o diacono.

Licinio, seu confidente e amigo, habil militar, mas do qual o menor defeito era a

avareza, propunha com grosseira chocarrice que Romano fosse trazido á sala do festim e que nelle um dos lotes dos mais negros escravos cevasse infamias lascívias.

Galero fez um gesto de repulsão; não de instincto, mas por uma certa urbanidade adquirida na côrte do sogro, meio já ficticio, com requintes de elegancia e de distincção palaciana, onde era grande a compostura e a gravidade. Sabia-o Licinio, mas tentava vêr se faria esquecer o cesar, e animar o soldado. Character duro e irritavel, alma feroz e cruel, baixo de instinctos, não se lhe dava de assistir em publico ao infame espectáculo que constituia o seu prazer predilecto. Além d'isso suppunha o diacono um homem lido em livros, e a sua aversão pelas lettras, que desprezava a ponto de lhes chamar: veneno e peste publica, influíam mais para assim querer aviltar o diacono, do que verdadeiramente o caso religioso, que pouco menos lhe era que indifferente.

Severo, outro intimo, sempre prompto a adular, docil em cumprir qualquer ordem, por mais monstruosa que fosse a sua execução sorria-se para Licinio e interrogava Galero com a vista, mudo no meio do turpor dos convivas e do meio silencio d'estes cortado pelos arrotos d'uns, ou pelas ancias dos vomitos de outros.

Dasa, o sobrinho predilecto, — que só tinha a superstição que lhe excedesse em vícios — receava que a presença d'um desprezível christão contaminasse a athmosphera onde respirava o magnanimo principe, em cuja presença não pode nem deve haver senão perenne adoração. Mas Galero calava-se.

Licinio deu uma ordem ao chefe dos escravos, e dentro em pouco saíram de diversos pontos da sala finissimos repuchos de agua safronada, que, elevando-se a uma grande altura, caíam depois sobre os convivas n'uma polvorisação fresca e odorifera.

Galero, pareceu respirar por momentos aquella inesperada frescura consoladora; mas de novo ficou taciturno e torvo. Bebia, bebia, sem dizer palavra, respirando a custo, e como que estrangulado por vezes. O braço esquerdo sobre que se inclinava entorpecia-se-lhe a miude e quasi que se lhe insensibilizava, obrigando-o a mudar de posição, o que lhe não era facil, pelo obesidade de todo o seu corpo, que mal se accommodava dentro na tunica solta. De repente, num impeto de raiva, rasgou e atirou para longe de si a syntese de linho que lhe protegia o vestido, e arredou com tedio as flores que formavam uma odorifera camada sobre os cochins do diclinio.

As candellas de cêra iam já curtas, a athmosphera morna da noite concorria para tornar mais pesado o ambiente da sala, saturado com a fumaça das luzes, e a fumarada dos perfumes resinosos. Os convivas estavam entorpecidos pelos vinhos, e tinham já caidas as corôas de hera, que mais uma vez provavam a sua improficuidade contra a embriaguez, e Galero, bolsando uma golfada de vinho, deixou cair a cabeça sobre o peito, e adormeceu roncando como um cerdo, espapado ao sol. Licinio já mandara cessar as musicas. O tricliniarca ordenara aos escravos que retirassem as mesas. Os convivas, caídos de bebados, foram assim deixados nos leitos, ou no chão para onde tinham resvalado, os que não tinham absolutamente succumbido aos vinhos capitosos e ás bebidas perfuma-

no inquieto, cortado por continuos e afflictivos sobresaltos, e um mesmo pensamento surgiu naquelles tres cerebros d'ambiciosos, brutaes e sem escrupulos: — como seria facil destruir um cesar!

Olharam-se mudos e suspeitosos. Levantaram-se, e sem desesperarem do futuro, cada qual se foi extender no triclinio, que lhe ficava mais proximo, e adormeceram, ou simularam que o faziam, vigiando-se mutuamente; porque se era facil tirar a vida a um chefe adormecido, não o era menos mandar um rival *ad patres*.

Dentro em pouco Galero acordaria suffocado e afflicto, e qualquer delles queria ser o primeiro a chapinhar-lhe as fontes com agua fresca, a dar-lhe o braço para o conduzir ao banho quente e perfumado.

Na masmorra, no mais em baixo dos subterraneos, na paz e na tranquillidade das consciencias puras, das almas fortes, Romano comera a refeição que lhe levára Martha, que outra não era a mulher que o seguira e com elle penetrara na prisão.

— Mas quem te disse que eu tinha fome e sêde? perguntou Romano.

— Elle, respondeu Martha, com a convicção de quem se admira de tal pergunta.

— Quem? insistiu o preso.

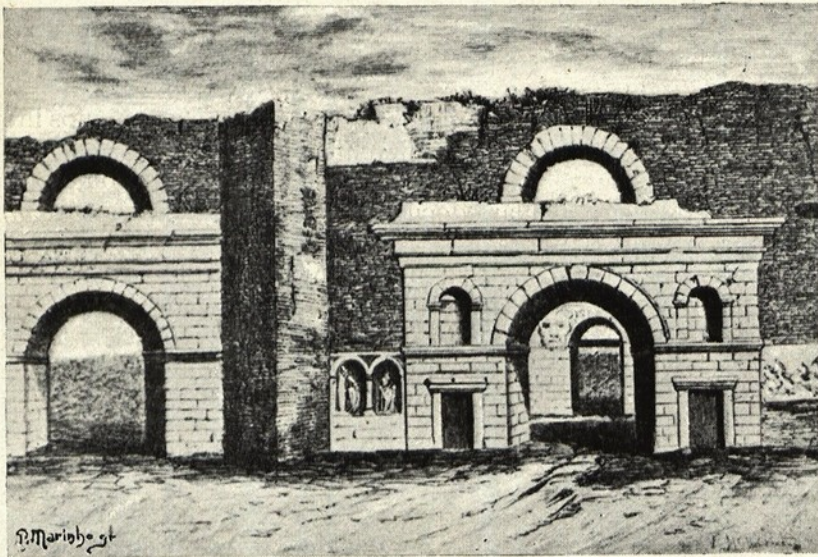
— Hesico! Deixou-se submergir nas aguas para que os idolatras não tornassem a perseguir-lo; mas rara é a noite em que não vem

ter comigo. Affaga-me, aperta-me em seus braços, beija-me, pergunta-me por Barallah, e diz-me sempre o que hei-de fazer.

— É a sua alma boa, que Deus permite que communique com a tua.

— Mas vejo-o sempre mais bello do que d'antes, continuou Martha no tom monocrorde de halucinada que, sem emoção, vê um quadro que se vae desdobrando. Veste a mesma coiraça, que, em vez de ser de bronze esverdeado, é de oiro reluzente; tem o mesmo casco, mas brilhante como as aguas

do Oronte quando nellas bate a lua. Não tem a voz aspera, mas meiga e cheia de unção. O olhar afflictivo, com que me fitou, quando o afogaram, está convertido noutro cheio de doçura, como o de Jesus, Nosso Senhor.



AS PORTAS DE NICEA

das, retiraram-se, e lá foram cambaleando pelas ruas da cidade, ou levados pelos carregadores nos fundos das liteiras.

Licinio, Dasa e Severo ficaram juntos do adormecido imperador, vigiando aquelle som-

— Era aquelle soldado que nos incitou a atacar a pompa de Ceres?

— Esse mesmo.

— Santo heroe, que alcançou o martyrio! triste de mim, que ainda fiquei vivo! Derribado por uma violenta pancada na cabeça, só voltei em mim alta noite. Estava no fundo d'um vallo, enlameado, roto, enxarcado até os ossos.

— Como eu, murmurou Martha, chegando a si o filho, que a attraia com a luz suavissima do olhar fito n'ella.

— Conforme pude, levantei-me e segui para Antiochia. Mas perdi-me no emmaranhado dos semedeiros, e só ao fim de muitas horas d'um doloroso caminhar, fui detido pelos sons d'um cantico que reconheci ser dos nossos irmãos. Escutei, approximei-me levado por elle, e achei-me á entrada d'uma gruta profunda. Era a egreja de S. João da Serra, onde se tinham abrigado fugitivos alguns dos nossos. E allí, tenho vivido.

— E para que saiste?

— Para provocar o cesar infernal, que no dia consagrado á Ascensão do Nosso Divino Redemptor, se atreveu a manchar a hora da sua santa subida ao ceu, com um sacrificio sacrilego, E tu?

— Quando te traziam preso, vi-te e seguite. Hesico tinha-me dito, durante a noite, que no dia seguinte haveria quem tivesse fome e sêde. E como sei que já não ha diaconisas que tenham coragem de consolar os prisioneiros, vim até aqui, Não fiz bem, meu pequenino Barallah? perguntou ella para a creança que, meia dormente, se lhe reclinára no seio.

O pequenino mal entreabriu os olhos amortecidos, e, sem responder, e, sorrindo, adormeceu de todo.

— E' um anjinho de Deus, murmurou Romano, pondo-lhe a mão na cabeça. Para Deus o deves crear.

— Se elle moresse, iria mais depressa para

o Paraiso, não é verdade? perguntou a pobre mãe, com essa voz monota, extranha, quasi sem modulação, de quem diz coisas factaes.

— Pensa bem, Martha. Quando entramos na vida, por muito cuidado que tenhamos em nossos corpos, sempre os manchamos, e a alma participa d'essas manchas.

— As aguas do Oronte limpam Hesico de todas as manchas da vida.

— Teve um duplo baptismo, no seu martyrio pela fé.

— Só depois que morremos é que principiamos a viver verdadeiramente, não é?

— E, mas uns na gloria, outros nas gemonias.

— Para lá irá Galero! clamou Martha, sentindo-se nestas palavras, pronunciadas em gritos roucos, toda a vibração do odio!

— Se Deus se não amerciar d'elle; mas para que o faça devemos rezar.

— Rezar?

— O que seria a caridade christã se não perdoassemos aos nossos inimigos?

— Rezarei!

E o diacono recitou uma fervorosa prece pelo algoz que lá em cima ia adormecendo no turpor da embriaguez, e cujas palavras Martha repetia nessa voz baixa e arrastada de quem murmura apezar seu. Seguiu-se um longo silencio, depois as duas vozes elevaram-se no mesmo canto, e entoaram um psalmo de louvor. A este seguiu-se outro e outro, e por fim o silencio dos sepulchros reinou n'aquelle tumulo, onde os dois adormeceram, tendo entre ambos a creança, que os bafejava com o seu halito puro.

E nada mais se ouviu na mole enorme, escura e extensa do palacio imperial, do que os passos de centenas de sentinellas, passeando apressadamente, para afugentarem o entorpecimento da madorra da madrugada, que os gallos annunciavam com o seu cantar altivo.



CAPITULO IX — O SONHO DE GALERO

A O TANGER das cornetas, annunciando a alvorada, que vinha rompendo, Galero acorda sobresaltado, levanta-se com impeto, e o seu primeiro movimento é de correr as mãos por todo o corpo, que apalpa, como quem quer certificar-se não só da propria existencia, como da integridade do seu ser. Relanceia a vista pela sala, mal avermelhada pelo clarão das raras candellas que ainda ardem, illuminando com grandes contrastes de luz e sombras profundas alguns

dos convivas, comensaes do palacio, a quem o vinho fôra mais pesado. A custo começa a distinguir o que o rodeia, e a certificar-se, com olhos espavoridos, do logar em que se acha. Os tres intimos que o observavam apressam-se em se approximar d'elle. Instinctivamente, Galero tem um movimento de terror, e, com a mão tremula, aponta para a frente. Os tres voltam-se. Era a figura gigantesca do tricliniarcha, que se destacava sombria, baça, sinistra, hirta ao centro do apar-

dor no meio das mil resplandescencias das baixellas. Depois, reconhecendo a causa que determinára aquelle movimento, os seus olhos dirigiram-se perscrutadores para outra figura, encostada a uma das columnas que dividem

— Os deuses abandonaram-me! Os meus genios tutelares emmudeceram!

E como os tres ficassem sem saber que replicar-lhe, concluiu:

— Tive um sonho horrivel!

— Ora sonhos!... murmurou Severo.

— Sonhos são presagios, accudiu Dasa.

— E este meu foi presagio de morte, murmurou Galero.

Nenhum dos tres se atreveu a interrompe-lo, e com ancia curiosa esperavam que elle, saindo da depressão em que o deixaram aquellas palavras, dissesse o que tanto o acabrunhava.

Galero, fazendo um esforço sobre si, e talvez mais para ouvir lenitivos do que para desabafar, contou:

— Achava-me, sem saber como, no templo de Jupiter, e da sua mão collossal vi cair a meu lado esse diacono, que avança direito a mim, com uma audacia em que tanto havia de escarneo como de ameaça. Brilha o raio do deus, e o seu clarão envolve o sacrilego numa luz vermelha, que o deixa incolume. Vou-me a elle para o estrangular, lanço-lhe as mãos ao pescoço, mas quanto mais quero apertar os dedos para o esgano, mais elles perdem



CASA RUSTICA

o triclinio do terraço exterior, e cuja armadura já brilhava aos primeiros raios do dia. Reconheceu Asclepiades e tranquillizou-se.

A Licinio, que é o primeiro que se levanta, toma o braço, e fazendo signal aos outros dois para que o sigam, dirige-se com elles para o terraço, odorifero e matisado jardim suspenso sob as aguas do Oronte. Não profere uma unica palavra. Vae livido, offegante, ainda banhado no suor d'um sonho febril, e procura no fresco do ar livre um refrigerio ao ardor que lhe queima o estomago, sécca a garganta e abrasa as faces. E, quando julga que só os tres o pódem ouvir, dá ordem a Asclepiades para que afaste os protectores domesticos, de sentinella ao palacio; e, quando á sua volta não viu senão os favoritos, exclamou:

de força, e mais elle ri. Sinto os musculos lassos, e mal e a custo obedecendo aos inicios dos movimentos. Tudo em mim são ameaças baldadas, tudo palavras quasi sem som, tudo desejos violentos que acção alguma consegue secundar! Puxo do punhal para lh'o cravar no peito, e, contra minha vontade, o braço retrae-se, como se tivesse medo de ferir. Cançado de lutar em mim e contra mim, perseguido pelo riso escarninho do christão, que n'este momento vejo com a cabeça glorificada pela corôa d'oiro que a Victoria offerece a Jupiter, vexado pela gargalhada terrivel do deus, que se ergue enchendo toda a cella com o seu vulto majestoso, a tocar com a cabeça na abobada, extenuado e sentindo-me desfallecer, quero fugir do templo; mas o chão falta-me debaixo

dos pés, caminho, caminho e acho-me sempre no mesmo sitio! Repentinamente invade-me um arrepio de frio e vejo-me nú, junto da ara do sacrificio, enquanto elle, o maldito, ri, embrulhando-se arrogantemente na purpura, de que estou despido. Reparo em mim, e d'alto a baixo me mancha o sangue entornado na libação! Tapo o rosto com as mãos para não vêr, mas sinto zumbidos, ruidos surdos que me retumbam na cabeça, o bate-bate rijo das arterias, e começo a ouvir falar o maldito... o que foi ainda mais horroroso que ve-lo!

Galero calou-se, deixando-se cair na borda de marmore d'um lago, onde o vento brando encrespava a agua limpida, ja tinta pelo roseo da manhã.

Os tres olhavam-se sem encontrarem uma expressão, uma palavra sequer, com que quebrassem aquelle silencio que lhes pesava.

Foi Galero que, ao cabo de alguns segundos, o quebrou, continuando n'uma afflicção crescente:

— Falou, e falou com essa voz que no templo ninguem pôde dominar, que não houve estrondos que abafassem, e que desde então ouço aqui, a gritar-me, dentro na cabeça, e disse-me: — Um dia virá em que Deus se vingará do implacavel inimigo do seu culto, ferindo-o com uma chaga incuravel, onde o prazer sensual mais se gosa. Será longo o tormento, improficua a arte dos medicos, inuteis as suas operações. Da grande chaga, ennegrecida pela gangrena, correrão primeiramente rios de sangue, e quando não houver mais sangue a esvasiar-se sairão as entranhas, roidas por milhões de vermes, e tão pôdres, que hão de empestar os palacios em que morares, as cidades em que estiverem edificados! Fugirão todos de ti, como d'um pestifero; e nem dinheiro, nem honras, nem ameaças hão de conseguir que te soccorram. Inspirará horror a tua cara d'um tamanho monstruoso, dominando um corpo que pouco mais será do que um esqueleto assente sobre dois odres cheios de vento.

E calou-se, tremendo, apalpando-se, e mirando-se na agua do lago, para verificar se a profecia já começava a cumprir-se. Seduzia-o a frescura; mergulhou as mãos e lavou o rosto. O frescor deu-lhe alento, e então enxarcou as barbas e os cabellos, chapinhando n'agua com uma voluptuosidade insaciavel, com essa intensidade do prazer exclusivamente animal, que por uns momentos domina e faz esquecer todas as torturas d'alma.

Os tres continuavam sem encontrarem nas formulas habituaes da lisonja e do servilismo,

phrase alguma que tivesse applicação n'aquelle momento.

Por muito incredulo que Severo quizesse ser, nem elle, nem os outros podiam duvidar que os sonhos são avisos dos deuses. E então, pensavam, porque não poderia o deus da Palestina, aquelle que os christãos adoravam, da mesma forma que outra qualquer divindade do olympto grego ou romano, das theogonias egypcias ou syriacas, tambem elle enviar avisos aos homens em forma de sonhos? E n'aquelles cerebros elementares para especulações theologicas, baralhavam-se as idéas do polytheismo, dominadas pela crença no Destino immutavel, e ficavam perplexos e mudos.

Dasa, como o mais supersticioso dos tres, rompeu o silencio e aventurou um alvitre:

— E se sacrificassemos desde já esse propheta de mau agoiro; se antes d'outro qualquer tormento lhe arrancassemos a lingua?

— Arrancar-lhe a lingua, objecta o Cesar, e se elle morrer logo? E depois, como quem toma uma resolução inesperada, grita com a violencia do soldado feroz, incitando á carnificina:

— Que o conduzam immediatamente ao pretorio.

— Para que descer á basilica, replica Licinio, não lhe pode qualquer de nós, aqui mesmo, arrancar a lingua, e atirar-la como manjar aos barbos e aos lebés do Oronte?

— Não! não! gritou Galero, já dominado pela sua vontade de mandar, e ao mesmo tempo obedecendo á pequenez do seu espirito, quero te-lo muito tempo acabrunhado, abatido e tremendo na minha presença. Quero que antes de os soffrer, oiça da minha bocca quaes os tormentos que lhe reservo. Vamos.

— Mas, atreveu-se Severo a dizer, não me parece que devas entrar no tribunal assim descalço, e com esse simples roupão de seda da India, só proprio de banquetes.

— Que me importa a compostura? Isso é bom para Diocleciano. Vão buscar-me uma toga.

— Quanto mais majestosa for a tua presença, aventou Licinio, maior terror inspirará a tua vista.

— Tens razão. Devo em toda a parte mostrar que sou quem sou!

— E porque não encarregar o julgamento a Asclepiades, lembrou Severo, embora assistas a elle?

— O tribunal sou eu!

E seguiu com os seus amigos para o balneario, onde no tepido do banho, na doçura das unções perfumadas contava de tranquillizar-se e de recuperar de todo em todo o sangue frio.

O TIÇÃO NEGRO

POESIA DE

FARÇA LYRICA

MUSICA DE

H. LOPES DE MENDONÇA

AUGUSTO MACHADO

SERENADA DO 1.º ACTO

Andantino ♩ = 46

Piano e canto

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. Both are in a key signature of three flats (B-flat, E-flat, A-flat) and a 6/8 time signature. The tempo is marked 'Andantino' with a quarter note equal to 46 beats per minute. The dynamic is marked 'mf'. The music begins with a whole rest in the bass staff and a quarter rest in the treble staff, followed by a series of eighth and sixteenth notes with slurs and accents.

The second system of musical notation continues the piece with two staves. It features a series of eighth and sixteenth notes with slurs and accents, maintaining the 6/8 time signature and three-flat key signature.

The third system of musical notation continues the piece with two staves. It features a series of eighth and sixteenth notes with slurs and accents, maintaining the 6/8 time signature and three-flat key signature.

The fourth system of musical notation continues the piece with two staves. It features a series of eighth and sixteenth notes with slurs and accents. The system concludes with a 'cresc.' marking and a dashed line indicating a gradual increase in volume. The signature 'MUNHOZ SILVA des.' is visible at the bottom left of the system.

No Ceu di... visoumaes

The first system of music consists of two staves. The upper staff is a treble clef with a key signature of three flats (B-flat, E-flat, A-flat) and a 7/8 time signature. It contains a vocal line with a melodic line and a piano accompaniment. The lower staff is a bass clef with the same key signature and time signature, containing a piano accompaniment. A dashed line is present in the upper staff between the first and second measures.

lrel... la em tran...ses de sea-pa...gar

The second system of music consists of two staves. The upper staff is a treble clef with a key signature of three flats and a 7/8 time signature. It contains a vocal line with a melodic line and a piano accompaniment. The lower staff is a bass clef with the same key signature and time signature, containing a piano accompaniment.

che.gae á vos.sa ja...nel... la se vi... da lhe que.reis

The third system of music consists of two staves. The upper staff is a treble clef with a key signature of three flats and a 7/8 time signature. It contains a vocal line with a melodic line and a piano accompaniment. The lower staff is a bass clef with the same key signature and time signature, containing a piano accompaniment.

dar che.gae á vos.sa ja.nella se vi.da lhe que.reis

The fourth system of music consists of two staves. The upper staff is a treble clef with a key signature of three flats and a 7/8 time signature. It contains a vocal line with a melodic line and a piano accompaniment. The lower staff is a bass clef with the same key signature and time signature, containing a piano accompaniment.

dar

The fifth system of music consists of two staves. The upper staff is a treble clef with a key signature of three flats and a 7/8 time signature. It contains a vocal line with a melodic line and a piano accompaniment. The lower staff is a bass clef with the same key signature and time signature, containing a piano accompaniment. The word "cresc." is written in the lower right of the system. A small logo "Merh^o gr" is visible in the bottom left corner.

Re...cei.o po...rem quem

ven.....do o o...lhar com quem le...vae

se pa-guem to-das di-zen.....do na ter-ra ha ja luz de

mais to-das se a-pa-guem di-zendo:

na terra ha ja luz de

mais.



QUADRO EXISTENTE NO MUSEU D'ARTE ORNAMENTAL

LOGARES DEVOTOS

No cantinho mais discreto da consciencia, de sua essencia peccadora, onde se aninham mysteriosamente a fé sincera, a crença simples ou a superstição receiosa, ali mesmo em tão recondito sanctuario germinam e se multiplicam, ao calor dos sentimentos plenamente humanos, essas preferencias piedosas, que se chamam devoções.

A graduação das sympathias determina a escolha dos santos e das imagens, como no mundo dos affectos se recorta o circulo dos predilectos. Na necessaria egualdade divina estabelecem-se distincções de intimidade e de confiança, como nos usos sociaes se exerce a selecção das relações. A crença indefinida ou complexa toma corpo na preferencia devota, funde-se n'uma particular inclinação: — o Senhor dos Passos da Graça, a Nossa Senhora da Conceição, S. José ou Santo Antonio. E ao sabor da fé viva e convicta, cada alma crente concentra as suas esperanças, os seus desejos ardentos, as suas supplicas humildes n'uma invocação intima e individual.

Lisboa, como todas as terras, tem as suas imagens preferidas, onde o culto é mais assiduo, a promessa interesseira na sua simplicidade é mais frequente, a confiança mais illimitada, a romaria quasi ininterrupta. O Senhor da Graça congrega a grande maioria das devoções; perante a sua imagem prostra-se com maior fervor e maior coragem a desventura que busca conforto.

Na hora das supremas desesperanças, através das crueldades mysteriosas da sorte,

quando o sopro gelado da fortuna adversa derruba illusões, quando a angustia dilacera um coração, quando a amargura retalha um sentimento, quando a injustiça das cousas mundanas domina e escravisa uma vida, a alma do crente, abandonando a vingança acida pela reparação doce da Providencia, trocando a revolta contra a resignação, invoca a bella imagem da Graça, a sua dilecta devoção. Por isso, a cera das promessas pesa-se por toneladas, a concorrência dos feis

é constante, a enumeração dos milagres é infinita, e de quando em quando, na caixa bem provida das esmolas, mão ingenua deixa cahir um requerimento ao divino, supplica de despacho favoravel em pleito d'amor desventurado.

Pela sua grande generalidade, a devoção da Graça tem a feição democratica e niveladora de classes. Nobreza e povo acolhem-se sob a sua protecção; á porta da sacristia, por onde se entra na

egreja hoje em obras, param as carruagens luxuosas, como se agrupam as burguezas ou as mulheres do povo; sobre as lages do chão rojam-se os joelhos mimosos da seda perfumada que os protege, como tambem descansam os endurecidos pelo trabalho ou crestados pelas brisas do mar, na despreoccupada nudez, no desconforto das luctas pela vida.

Outro character, outra feição bem distincta, outro aspecto bem diverso, no pittoresco desenho piedoso, na significação da frequencia e na exaltação da fé, offerecem ao analysta



QUADRO DA ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES

da vida em Lisboa alguns outros logares de votos, sobre os quaes se reflecte e se refrange



IGREJA DA GRAÇA — ENTRADA DA SACHRISTIA

o mysticismo elegante ou a intolerancia escrupulosa. E cada um d'aquelles logares tem o seu cunho especial, bem individualizado.

A devoção soffre as modalidades de expressão externa, como as preferencias da sociedade mundana, como a distincção das maneiras e dos vestuarios se proporciona á importancia dos logares ou dos salões. Ha attitudes definidas nos regulamentos da devoção elegante para escutar, em recolhida attenção, d'ar constricto, um psalmo de Haendel, rythmado no poderoso orgão dos Inglesinhos, em largas ondas sonoras. E' permitida a exhibição ostentosa da *toilette* nova, ultimo modelo, na missa da uma no Loreto, ou na do meio dia na Conceição Velha, como quem da preguiça dolente da manhãsahe

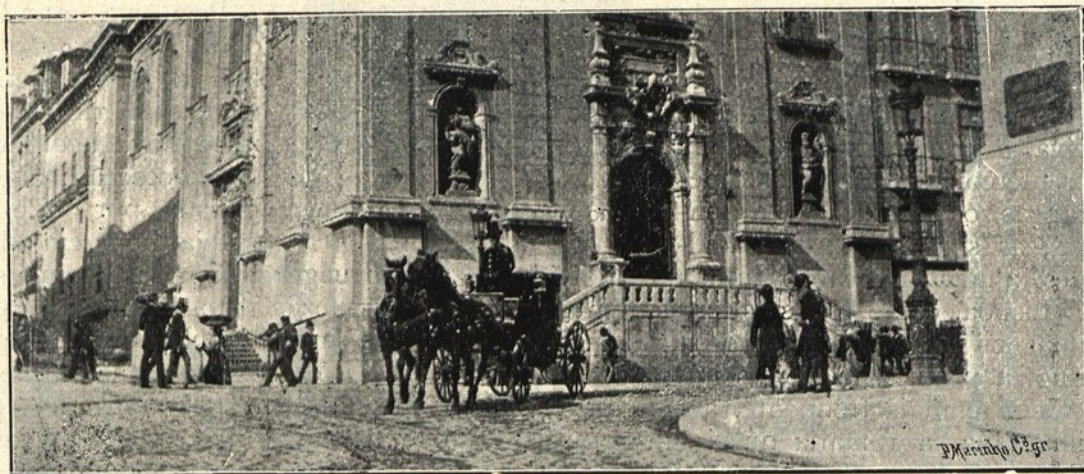
apressadamente á reconciliação purificadora do sacrificio divino para seguir a vida na alegria do passeio, na pequenina intriga das visitas,

nos encontros casuaes do adro. Mas, no

casas gentis que frequentam a catechese, escutando a predica intencionalmente educadora, a vida elegante adapta á severidade meticulosa da devoção a simplicidade do vestuario sombrio. O convencionalismo mundano transporta para o exercicio das devoções intimas as mesmas apparencias e as mesmas precauções que regulam em preceitos de codigo os accidentes frivolos da vida ou as aventuras romanescas da sensibilidade exigente. Encantadoras subtilizas do coração feminino.

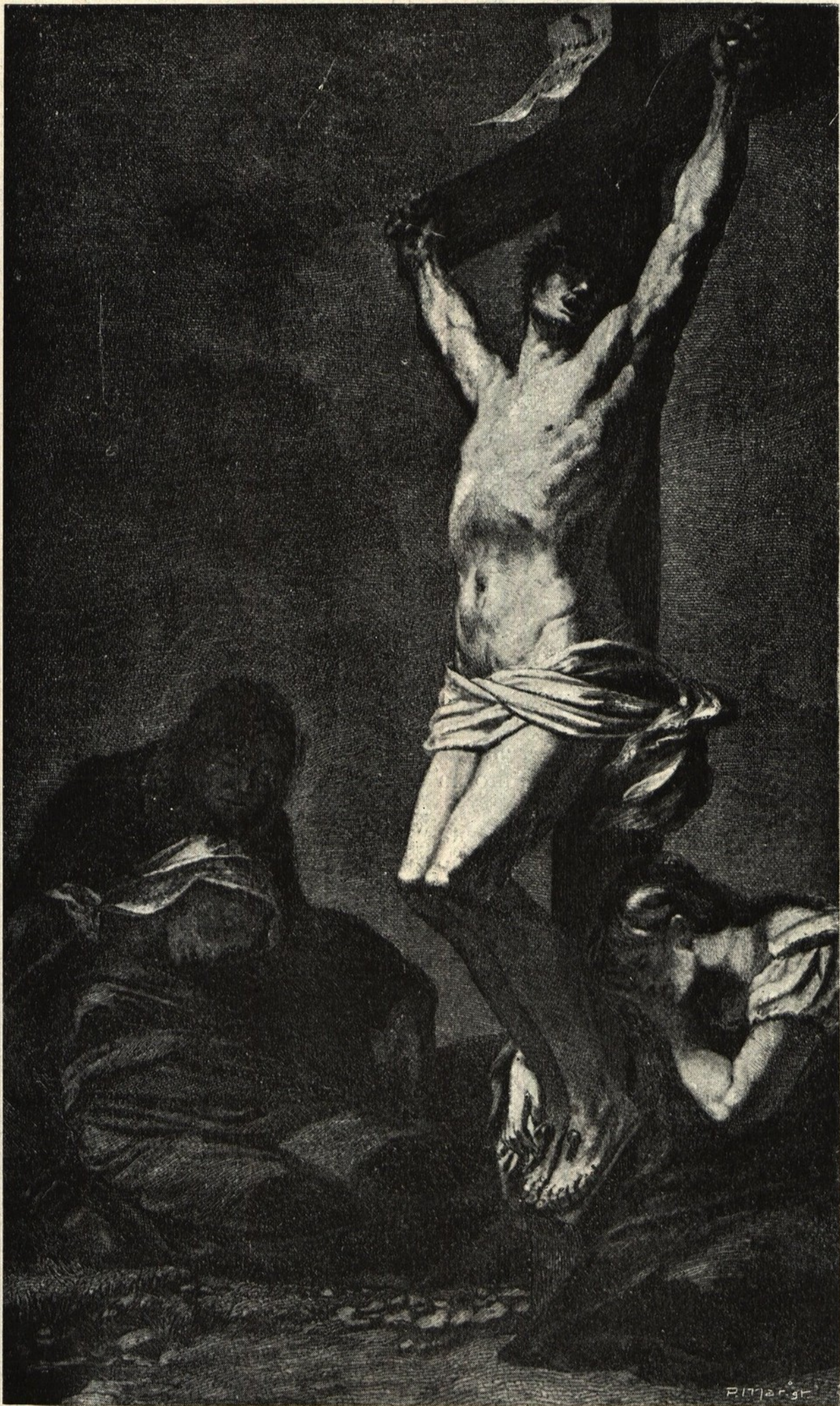
Ouvir missa no Loreto, á uma hora da tarde, em plena luz vibrante, é exhibir uma devoção simples, conciliadora, de bom gosto; é adornar o coração d'uma piedade levissima, para fazer sobresahir a crença moderada, como as finas rendas debruam um decote promettedor para

attenuar a ousadia de formas opulentas. Ouvir na cadeira pessoal, nos Inglesinhos, a predica em inglez, entretecida sobre os textos da invocação do dia, é affirmar uma educação esmerada e distincta, uma compostura de espirito e de culto especial, como ter uma cadeira na Opera ou tomar um *fauteuil* para as primeiras de D. Maria. Consultar na penumbra do confessorario em S. Luiz, sobre um ponto delicado de duvida religiosa e de receio lithurgico, sobre um escrupulo de consciencia timida, é caso mais grave de devoção que precisa do mysterio e do resguardo, de manhã cedo, com o sacrificio de abandonar o conforto do *edredon* e da *baptiste* do leito antes de findo o repouso. São tão difficeis de effectuar estas



IGREJA DO LORETO

consultas de consciencia, como as confissões ao medico.



CHRISTO NA CRUZ — QUADRO DE P.-P. PRUD'HON

Devem de ser envoltas em delicadezas de pudor as miserias physiologicas, que deslus-



PORTAL DO LORETO

tram uma belleza, como as lastimas psychologicas que n'um só dia envelhecem uma alma: pôde ser tão forte e importante para a vida o traço violaceo d'uma ruga prematura, como a preocupação d'um peccadito na limpidez d'um espirito desalentado.

Assim, n'uma classificação symbolista, feita á moda da época, a Graça seria a definição da fé ardente e vivaz; os Inglezinhos traduziriam a crença moderada e forte; ao Loreto competeria a piedade simples, quasi obrigatoria, preceituada pela educação, mantida pelo exemplo domestico; e S. Luiz deveria expressar a regra inflexivel, a devoção zelosa, quasi intolerante, rigorista.

Mas, na verdade, de todos estes logares devotos, quer tomados como syntheses, quer apreciados apenas em sua feição suggestiva, fica sempre a impressão bem gravada do mysticismo que domina as elegancias mundanas e se sobrepõe ás praticas religiosas das velhas tradições pagãs.

Sente-se em todos estes logares devotos ou uma sinceridade encantadora ou uma superstição ingenua, ambas naturalistas, fortemente primitivas que definem a alma crente da lisboeta, confiada na efficacia das formulas, quasi fatalista na resignação.

Tem indifferenças apparentes pelos rigores de doutrina, e soffre intimos medos do castigo futuro, se infringe algum preceito. Abusa da sua predilecção devota para os menores casos da vida. Invoca o favor do seu santo de elei-

ção, sem receio de lhe fatigar a complacencia. Compra um bilhete de loteria e faz-lhe uma promessa.

Curva-se n'uma reverencia profunda no momento da elevação, e levanta os olhos em seguida para os pousar sensualmente no dilecto do seu coração, que a contempla da teia. Pressurosa santifica-se pela manhã, após severo exame de peccados miudos, e vae á noite ao theatro ouvir, entre sorrisos, o dialogo livre, picante, em scenas de duvidosa moralidade. Todavia, todas estas contradicções de proceder e de pensar são lealmente praticadas, sem laivos de hypocrisia; porque, no fundo da sua consciencia, a alma da lisboeta é nitidamente religiosa e crente. Por isso mesmo multiplica as devoções. São tanto mais numerosas as preferencias quanto mais variadas são as supplicas; e de tempos a tempos, reconhece que mudou de santo, como mudou de namorado, sem vislumbre de despeito. Amor que se extinguiu; devoção que feneceu, na sua bella alma talvez frivola, mas sincera, meridional. Observo aqui sómente as devotas, que podem despertar, em espiritos pessimistas e torturados pelo tedio do seculo, o sorriso levemente ironico, mas prendem sempre a sympathia e a benevolencia, como as captivam tambem os proprios enguiços que ellas sentem numerosos, afflictivos, que lhes esfriam a



PORTADA DA CONCEIÇÃO VELHA

vontade e lhes illuminam ao mesmo tempo o olhar em phosphorecencias sensuaes.

Nem sequer alludo ás beatas, tomadas do mal da fé, postigas nos procedimentos, arre-

pendidas não raro do prazer vivido em aventuroso passado, apertadas pelo cilício das fórmulas, como se comprimem em collete de barbas rijas, remedio extremo, as exuberancias de encantos degenerados. Umás e outras frequentam os mesmos logares, apparentam a mesma assiduidade. Todavia distinguem-se, separam-se; são inconfundiveis para quem as observa.

Na devoção sincera ha um certo diletantismo gracioso que captiva. Na preferencia pela predica, agrupando as devotas em torno do pulpito, descobre-se um certo gosto d'arte e de poesia, variavel como todas as modas, obedecendo ao capricho do momento, ora romantico, ora naturalista, enlevando-se na harmonia dos periodos floridos ou approvando a simplicidade da dicção, expositiva e clara. Fazem e desfazem a fama dos pregadores. Concorrem ás festas de grande instrumental, como a um concerto; procuram, no prazer da musica, embalar docemente as suas illusões juvenis, as suas esperanças risonhas ou procuram esquecer o desgosto da existencia, tantas vezes decorrida em abandono de affectos, n'uma desolada solidão de caricias meigas.

Procuram nos logares devotos, um repouso e uma consolação.

Ha tempos, em manhã de excursão distrahida, em busca de quietação para o cerebro estimulado, entrei no Conventinho, a Santa Engracia, no modesto templo trapista, cujo sino por vezes dobrou plangente e fraco a annunciar aos caridosos da proximidade que a offerta d'alguns alimentos era mais do que necessaria e se tornava urgente. Senteime n'um banco escuso, junto do côro baixo, todo defendido de farpões de ferro, que a ferrugem de longos annos tem corroido e deformado.

A igreja está sempre silenciosa; são raros os devotos que estacionam fóra da hora das rezas, ditas no côro superior, em cantochão fanhoso e acompanhado pelos sons



IGREJA DOS INGLEZINHOS

asperos d'um fagote e d'um rabeção. A luz tamisa-se através das vidraças empoeiradas;

o templo é apenas illuminado por um só lado, pelo lado da rua.

Perto da teia do altar mór está collocada a



EM ORAÇÃO

rotula do confessorio aberto; e mal distinguia o vulto d'uma mulher ajoelhada em confissão, abafando o murmuro das palavras, com as mãos brancas e finas postas em arco junto da face, a formar pavilhão de resguardo aos segredos da consciencia. Interrompia de quando em quando o silencio do templo a tosse secca e sacudida d'uma pobre velha sentada n'um pequeno mocho de cortiça. A lampada do altar bruxeleava rythmicamente. A confissão terminára; o padre absolvêra, a dama levantára-se e bem distinctamente che-

garam-me aos ouvidos estas palavras ditas involuntariamente mais alto: — «Vá-se em paz e esqueça».

Com effeito, os logares devotos, se para muitos são continuação da vida mundana, se para outros são conforto aos desgostos da

existencia, são tambem logares de esquecimento, onde aquelles mesmos que não teem no coração os beneficios da fé ou as consolações da esperanza crente encontram a quietação suprema, tão visinha do nada, como da eternidade mysteriosa e insondavel .



O CHRISTO DA MOEDA — QUADRO DE VAN DYCK

Mestre, disseram a Jesus os phariseus, tu que ensinas o caminho recto da verdade, que não attendes a respetos humanos, nem olhas a pessoas, diçe-nos se é licito ou não dar tributo a Cesar? — E entendendo Jesus a hypocrisia da pergunta, lhes disse: — Mostrae-me um dinheiro (que logo lhe trouxeram). De quem é a imagem e a inscripção que tem essa moeda? — E como elles lhe respondessem: De Cesar — Então, lhes disse Jesus, dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus. (EVANG. DE S. MATHEUS, S. MARCOS, E S. LUCAS.)



CAPITULO QUARTO

NO DIA seguinte regressei a minha casa do Temple; porém, antes de deixar Cumberland, ouvi da bocca da governante toda a triste historia de Lucy. Até a sua volta de Londres, Lucy nunca tinha tocado em bebidas alcoolicas. Mas Londres deixou-a exhausta de forças. O novo ambiente, a nova vida, o movimento de festas, o nosso ajuste de casamento e a separação subsequente, tudo lhe excitara os nervos, e começou de apresentar symptomas de hysticismo. Então o doutor receitou-lhe, para lhe levantar o organismo abatido, gemmadas aromatisadas de brandy, duas vezes ao dia. Mistress Hill ficara horrorisada. Recordara ao doutor a morte do avô e do pae de Lucy, e a praga que pesava sobre a familia. O doutor sorriu-se apenas. Poderia ella esperar que qualquer homem sensato, de idéas modernas, podesse guiar-se na sua profissão por tão loucas superstições? A menina precisava de um estimulante, era forçoso dal-o, e escolheu aquelle, no seu entender. Dentro de quinze dias Lucy tornava-se escrava do seu remedio. Tomava-o, não duas vezes ao dia, mas quatro, seis, dez vezes. Possuiu-se d'uma sede inextinguivel, d'uma febre ardente, d'um desejo insaciavel. O doutor começou a fallar de alcoolismo latente no sangue, e de tratar a sua doente como se fosse uma louca. Um agudo ataque, uma crise que durara dois dias acabando por convulsões, deixara a minha adorada Lucy restabelecida. A sede insaciavel, a febre ardente abandonara-a, ficando com tudo fraca e abatida.

O veneno porém fora dominado, não eliminado. Tres mezes depois a sede insaciavel voltou, os antigos symptomas renovaram-se e a mesma agonia reapareceu. O ataque d'esta vez durou mais tempo, e maior prostração se lhe seguiu. Quando voltou pela terceira vez o ataque, com intervallo de dois mezes do segundo, coincidiu justamente com esse periodo a minha visita.

Tal foi a triste historia da situação desgraçada da minha querida noiva. Vi o circulo estreito em que se limitava o seu destino; e com horror, com a covardia do horror, fugi.

Esperava-me uma carta no Temple. Era de meu pae e cheia de bôas disposições que mais doloroso tornaram meu soffrer: «Desde que te escrevi a ultima carta, tenho estado a pensar, que, tendo só um filho e estando prestes a perdê-lo pela cruel batalha do amor de pae contra o amor de mulher, a melhor cousa que posso fazer é curvar a fronte á inimiga e de morrer com face corajosa. Portanto faze favor de tomar nota de que, tendo pedido e obtido licença de seis mezes, tenciono ir assistir ao teu casamento na primavera; e então, se a minha nora for bôa e meiga para mim, poderei talvez capitular sem muito esforço. Entretanto mil affectuosas lembranças para ella e este recado de bôas festas do Natal — que as cartas do meu rapaz fizeram um velho já meio apaixonado por ella.»

Na mesma noite dirigi-me para Cheine Walk, a contar a Jorge Chute tudo que succedera. Atravez da attitude serena d'um homem habituado a historias extraordinarias, e propositalmente disciplinado a não apparentar surpresas, vi a sua commoção profunda e dolorosa. Como me sentasse cabisbaixo de frente do fogão, o meu velho amigo poz-me sobre os hombros a sua mão carinhosa e disse:

— Tenho pena, meu rapaz, muita pena; mas para isso não ha remedio.

— Suppõe que o caso de Lucy seja desesperado?

— Receio que o seja. Qualquer que tenha sido a causa — vicio ou praga hereditaria — a pobre menina está sob o influxo d'uma maldição fatal.

— Por amor de Deus, não diga isso! Nada haverá então que eu possa tentar?

— Sim, ha uma cousa; uma só.

— Qual é?

— Retomares a tua liberdade e agradece-
res a Providencia de te haver poupado a tão
desgraçado porvir. Estás na flôr da vida. Pen-
sa o que seria se tivesses de puxar, n'um elo
de grilhetas emparceirados, por uma mulher
embriagada.

A expressão feriu-me como se fora uma
bofetada, e exclamei com resentido pezar:

— Ella ainda poderá salvar-se. Quem me
diz que não póde?

— Pergunta aos medicos, continuou Jorge;
elles te dirão que difficilmente se citam exem-
plos de cura de uma mulher que cahiu no vi-
cio de beber.

Quando me levantei para sahir, mostrei-lhe
a carta de meu pae. — Telegrapha, disse-me;
é preciso detel-o: telegrapha immediata-
mente.

Voltei para casa pelo caminho do Strand.
Era a noite das festas do Natal e alguns dos

fallava e ria de rijo. Uma parte caminhava
apressadamente para as tavernas. Faltavam
apenas minutos para fechar. Beber, beber!
Durante os dias seguintes parecia ser uma
perseguição e um phantasma para mim. Via-o
por toda a parte, e as suas devastações e rui-
nas vinham de encontro aos meus passos.
Oh! se eu pudesse expungir e purificar tudo
n'uma noite, como seria certo o mundo trans-
formar-se e nascer para uma nova vida na
manhã seguinte, tal como nunca poderá co-
nhecer sob o jugo do mais tyrannico mal, do
mais abjecto e degradante vicio que jamais
assaltou a humanidade! Pelos fins da sema-
na recebi uma carta de Lucy. Tinha-lhe pas-
sado o ataque e sentia-se bem outra vez;
porém via mais claramente do que nunca a
situação que lhe impunha o dever. O nosso
compromisso devia ser considerado nullo, por
uma vez e para sempre. — «E' de direito,

escrevia ella, e se mes-
mo no seu amor ou na
sua compaixão — d'am-
bos estou certa — dese-
jasse perseverar e insis-
tir, nada me induziria
a concordar.» — Havia
tambem palavras de ter-
nura, muito crueis para
repetir, e que eu li com
os olhos semi-cerrados,
n'uma concentração de
dôr. Mas a funda im-
pressão que deixava a
carta, era a de ter es-
cutado a lastima d'uma
pobre alma, tão querida
para mim, em lucta con-
tra o predominio do
desejo ardente de be-
ber.

«Querido Roberto, se
pudesse ao menos saber
(Deus o livre de tão
horroroso conhecimen-
to) quanto eu soffro
quando se aproximam
estes periodos nefastos,
não havia de lamentar-
me, como receio que o
faça, pela minha fra-
queza, ou arguir-me de
não a vencer. Oh! o
terror do momento em
que sinto vir sobre mim
o desejo insaciavel!
Abandono todo o tra-
balho, escrevo addian-



O doutor sorriu-se...

theatros mais tardios estavam despejando pa-
ra a rua a densa multidão buliçosa. O povo

do todos os meus contractos de minas, des-
culpo-me para com todos, fecho-me e esqui-

vo-me a todos os olhares. Isto succede antes de chegar o ataque; mas, quando sei que está perto, e quando o terrivel mal cahe sobre mim, oh! vergonhoso horror! como eu procedo, enganando-me a mim propria, illudindo todos, corrompendo os criados, e roubando dentro e fóra da minha casa como se fora uma ladra! O ceu me defenda d'este inimigo que se apoderou de mim e me domina por completo! Porém Deus não me salvará; e tenho de acabar como acabou meu pae. E, afinal, devo ser-lhe agradecida, porque descobriu a tempo o meu destino. Se isto me cahisse depois de estarmos casados, e talvez, depois de ser mãe... mas isto é muito triste para o pensar sequer. Adeus querido Roberto! Recorde-se de mim o mais ternamente que puder. Comquanto seja bem cruel pôrmos de parte todos os pensamentos de felicidade que sonharamos, deverá ser uma consolação para mim, nas minhas mais negras horas, rememorar a alegria que me deixa este sacrificio dentro da minha desgraçada e fatal existencia.»

Jorge tinha razão; — não havia remedio para isto. Recordei-me do meu pae e sahi para lhe expedir um telegramma. Na estação telegraphica da rua Fleet escrevi com reflectido laconismo: — Não venha, casamento addiado, escrevo. — Tive na mão por muito tempo o telegramma, e não podia resolver-me a entregal-o ao expedidor. Finalmente rasguei-o e sahi da estação.

Afigurou-se-me ser o attestado da morte de Lucy e não o quiz mandar. Não; não

queria perdela. Não podia abandonar a esperança de a ter ainda. A idéa d'aquella



Lucy tornava-se escrava do remedio...

bella mocidade ser mansamente envolvida pela serpente que acabaria por asphyxial-a, era demasiado horrivel. Onde descobrir um anjo, que o deveria haver, no bom mundo de Deus, capaz de aniquilar semelhante demonio?

Era noite de sabbado, e as ruas estavam ainda plenas e remurejantes de concorrencia. Ia caminhando sem destino, absorto,

entristecido até que me encontrei em frente de um divertimento popular, o qual ostentava um gigantesco cartaz. N'este se annunciava que, ás dez e meia da noite, um tal professor La Mothe, hypnotista, acordaria um homem que estivera deitado dez dias em extasis. Para desviar da alma o desgosto, e sómente com o fim de distrair-me dos pensamentos tristes que me acabrunhavam, entrei para vêr.

Tinha ainda uma hora, antes da indicação para a experiencia; mas procurei ver e aproximar-me do adormecido. Estava guardado n'um pequeno quarto isolado da sala e deitado n'um caixote, que á primeira vista me deu idéa de um esquife. Tinham levantado plataformas dos dois lados e das quaes o espectador podia olhar para o homem como se estivesse n'uma sepultura. Mas nada havia no seu semblante que dêsse apparencia de morte. A sua phisionomia estava composta e saudavel; os olhos cerrados, os labios ligeiramente comprimidos, a respiração serena, o peito arfando com o mais vagaroso

tão tranquillo. Eu estava só no quarto. A não ser que a exhibição fosse uma impostura palpavel, havia alli um grande e espantoso mysterio — o poder de produzir o somno. Eliminou, reflectia comigo, dez dias de vida a este homem — dez dias, talvez, de tristezas e de soffrimento. O mundo acabára-se para elle. As tentações, os trabalhos e os desgostos habituaes não o haviam tocado de leve durante aquelle tempo.

Sentei-me n'uma cadeira da plataforma e olhei para o dormente. E emquanto o fixava, obstinada illusão do meu espirito, pareceu-me finalmente que não era a cara estranha de um homem que eu estava vendo, mas a formosa phisionomia d'aquella que me era a mais querida em todo o mundo. Repentinamente, prepassou-me na mente, como relampago fugaz, um pensamento que me fez estremecer todo. Se Lucy podesse dormir durante os dias da sua abominavel tentação? Se ella podesse ser posta em extasis quando a atacasse a sede insaciavel? Poderia passar além do tempo do ataque? Poderia fugir do

inimigo que a perseguia? Acordaria ella sem a febre ardente?

Chegou a hora da experiencia e os espectadores entraram no quarto em tropel. Eram na maior parte rapazes da moda, acompanhados de mulheres elegantes, e elles palravam, riam e fumavam longos charutos durante os preparativos. O hypnotista era um homem dos seus trinta e cinco annos, com maneiras agradaveis, uma phisionomia franca e uma barba espessa, mas com um sorriso, como o brilho do sol, e uma voz que era ao mesmo tempo, aspera e acariciadora. Comprimu os sobrolhos do dormente, abri-



Chute poz-me as mãos sobre os hombros...

e rythmico movimento. O somno de uma creança nunca fôra tão suave, tão dôce, nem elle os olhos e soprou-os, depois chamou por elle, e elle pareceu acordar. Passados alguns

segundos, o homem, que, conforme a informação, estivera dez dias deitado a dormir, morto para elle proprio e para todo o conhecimento da vida, saltava ligeiro do caixote e vestia o seu casaco. Desci da plataforma e fallei-lhe:

— Tem fome — perguntei-lhe.

— Não senhor — respondeu.

— Nem sede?

— Tão pouco.

— Sente-se bem?

— Perfeitamente.

Procurei em seguida o hypnotista no seu escriptorio particular.

— Sr. La Molhe, disse eu, foi acaso alguma vez usado o somno artificial para a cura da intemperança?

Elle era parisiense, e eu tive de repetir a minha pergunta em francez.

— Na escola de Nancy, disse, a cura do alcoolismo por suggestão não é desconhecida.

— Isso é mais do que eu queria dizer. Conhece a forma de mania alcoolica na qual a sede insaciavel é periodica?

— Certamente.

— Parece-lhe que, se um doente fosse posto sob um somno artificial quando o periodo se aproximasse e estivesse conservado assim tanto tempo quanto elle durasse, essa sede

ardente se extinguiria quando tivesse chegado o tempo de acordar?

Pude reconhecer que esta idéa nunca occorrera ao hypnotista e que ella o sobresaltou e fascinou.

— Com um proprio sugeito póde ser... não póssó dizer... creio que sim. Desejaria experimentar.

Antes de o deixar, combinei todo o meu plano. Ficou de se preparar e estar prompto para ir commigo até Cumberland em qualquer occasião que eu podesse avisal-o do momento opportuno.

Será exaggero dizer que fui para casa n'aquella noite com o passo e andamento d'um homem que caminhasse sobre estrellas? Se eu tivesse achado a cura para a mais mortifera praga da humanidade, se tivesse descoberto o meio de eliminar a maldição de todas as raças, de todas as nações, de todos os climas, de todas as idades? Hypnotismo! Magnetismo animal! Electrobiologia! Chamassem-lhe como quizessem. Para mim tinha sómente um nome — dormir! Dormir era o remedio, o calmante, a suprema consolação. E a dormir viria o anjo bom arrancar a minha querida Lucy do inferno em que se consumia, entre as garras do mais mortifero dos demonios.

CAPITULO QUINTO

RECEBI uma carta do sacerdote escocoz de Cumberland. Mercê de Deus, Lucy estava melhor. Principiára outra vez na sua ardente philantropia. Estava organisando *confederação de Esperança*, entre as creanças. O poder de Deus era superior a todos os outros poderes, e confiava que a nossa querida, victima do mal de herança, havia de se salvar.

Fiquei contente, mas ao mesmo tempo penalizado. O pathetico arrependimento de Lucy impressionava-me fundamente; mas se o mundo soubesse a verdade, quanto gritaria a ficar rouco pelo que era forçoso chamar a sua hipocrisia.

O momento da minha intervenção ainda não chegara, mas cedo appareceu. Quinze dias depois, recebia noticias por mistress Hill. Lucy estava denunciando symptomas de outro ataque. A contracção da bocca, o desasociego das mãos, o agudo fixar dos olhos febris eram indicações infalliveis.

«Principiaram — dizia a dama de companhia — depois dos officios, na manhã de domingo passado. Commungou, Pae misericordioso! o que estou dizendo? Comtudo foi a

verdade. Não o devo negar.» Havia já escripto a mistress Hill que tinha apalavrado um medico especialista de doenças nervosas, e que desejava ter aviso logo que voltasse o ataque. A carta d'ella tinha este fim e pedia-me o especialista. Preveni por telegramma La Mothe.

No caminho para Euston procurei Jorge Chute nos seus aposentos em Lincoln Inn Field. Ouviu a minha narrativa sem approvação nem desapprovação. A sua phisionomia sempre aberta tomou o aspecto impassivel de uma mascara, sem movimento nem expressão. Quando me retirava, tomou-me do braço e perguntou-me:

— Telegraphaste a teu pae?

— Não — respondi rapido, procurando retirar-me o mais depressa possivel.

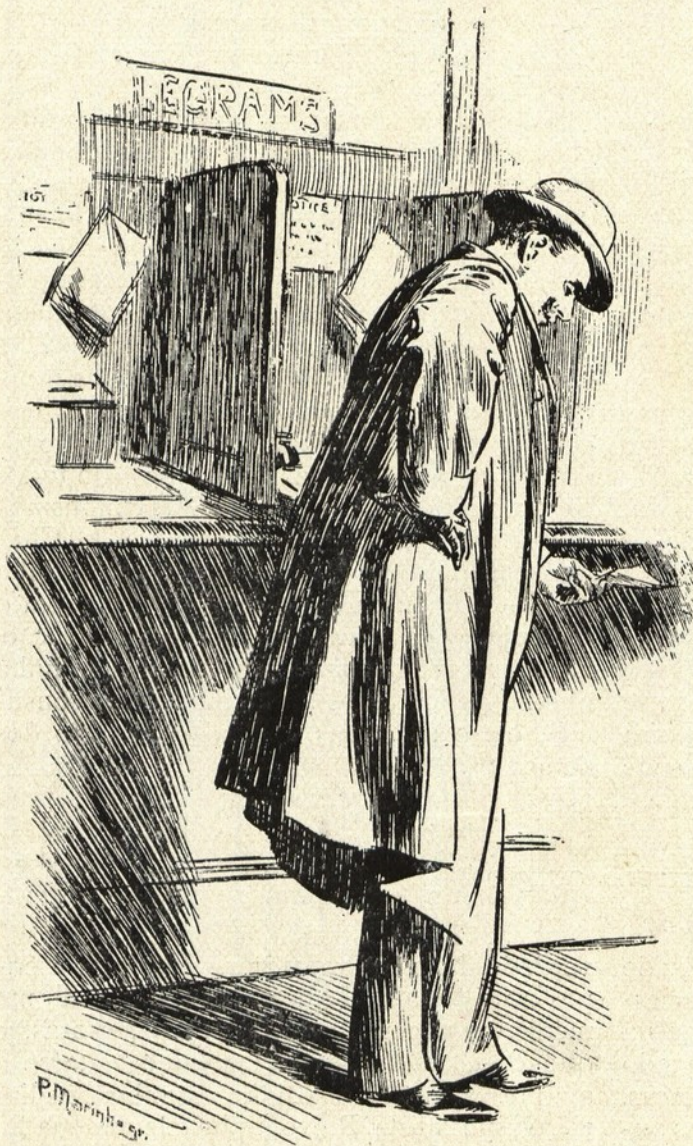
— N'esse caso, vou eu proprio fazel-o, disse resolutamente.

— Dê-me mais uma semana, rogo-lhe Haverá ainda tempo bastante para o prevenir.

Jorge Chute meneou duvidosamente a cabeça e eu deixei-o; evidentemente tinha bem pouca fé na minha tentativa. Só pelo pezar

de ver o duplo embaraço das minhas afecções, lhe soffreu o animo consentir na minha empreza.

Já tarde, e na mesma noite, cheguei a



Tive na mão o telegramma....

Cumberland com La Mothe. Alojamo-nos no *Wheatshaf*, e não perdi um minuto em mandar um bilhete a Mac Pherson e a Godwin annunciando-lhes a minha chegada e pedindo-lhes o favor de me procurarem no hotel. Os dois chegaram juntos e houve então uma violenta e desagradavel entrevista. Apresentei-lhes o hypnotista, participando-lhes as minhas tenções e pedindo-lhes o seu auxilio e assistencia.

O sacerdote recusou prompta e absolutamente. A sua attitude foi precisamente aquella que eu devia ter previsto. O que eu propunha fazer, se o podesse fazer, seria applicar a experiencia contra livre vontade. A sua consciencia estremeceu com semelhante temeridade. Beber era uma tentação do de-

monio que sómente podia ser vencida pela graça de Deus. As experiencias que propunha empregar eram instrumento do mal. Subjugar a livre vontade de uma pobre creatura, actuar sobre ella por suggestão, constrel-a a fazer o que devia e não o que ella queria, era attentar contra a lei moral, desprezar a religião, e abalar a fé no proprio Deus.

De balde quiz explicar que não havia intenção no meu plano de actuar sobre Lucy, por suggestão therapeutica, mas se fosse levado a pratical-o como ultimo recurso, não recuaria em o fazer.

— O sr. falla-me, disse-lhe eu em consciencia, em responsabilidade moral, em livre arbitrio. D'um cento noventa e nove não teem similhante cousa; e apenas o que resta possui a vontade livre, e, para bom fim ou para mau, escravisa as vontades dos outros noventa e nove. O orador dominando uma assemblêa, o estadista dirigindo os negocios publicos, o rei governando um imperio, a mulher elegante designando a moda, a noiva formosa conquistando para seu lado o marido que a ama — o que estão elles todos fazendo senão impôr a sua vontade livre sobre a vontade que não é livre? Todo o grande homem é só grande á medida que subjuga as vontades dos outros homens e maior ainda é aquelle que obriga os maiores espiritos a obedecer-lhe. O sacerdote escocez ouvia-me com phisionomia horrorizada.

— Chama grande homem, replicou, porque paralysa as almas dos seus similhantes? Os mais vis e os mais perversos assim praticam, pelo poder do domonio. O assassino que

encaminha a victima para um lugar solitario com o fim de cahir sobre ella e de a matar, o Judás que surprehende o segredo de seu amo para o trahir e para o entregar, o criado infiel que aproveita das afflicções da viuva e dos orphãos para lhes roubar o pão, o seductor que escarnece do amor de uma pobre mulher para a deshonnar e depois arremessal-a á lama, estes são os homens que tentam dominar sobre as acções dos seus similhantes, e esses são os verdadeiros Lucifers, porque estão em rebeldia contra Deus no seu thrôno mais real — o coração das creaturas.

— Em resumo, o sr. quer dizer que influindo eu para que miss Clousedale seja posta sob o somno hypnotico, na esperanza de combater a sêde de beber que pouco a pouco

a vae destruindo, estou procedendo como o peor dos perversos?

— Está attentando contra o sanctuario da sua alma, respondeu, e pretendendo conquistar um poder que sómente póde promanar da graça divina.

Começava a perder a paciencia.

— No entanto, tenciono experimentar — O padre corou até ao branco dos olhos.

— Não, não o ha de fazer.

Tornei-me então carrancudo de aspectoe severo de voz e continuei:

— Ella não tem tutor ou guarda legal, não está interdicta, estou em breve para ser seu marido. O direito moral é meu, e vou utilizar-me d'elle.

— Então, senhor, replicou o reverendo Mac Pherson, assentando os punhos na meza, lavo as mãos dos seus processos; — e com esta evasiva de Pilatos e uma faisca de raiva nos olhos levantou-se e sahiu.

Não recebi melhores estimulos da parte do doutor. Os seus olhos d'aço brilhavam com divertido e evidente contentamento durante a minha discussão com o sacerdote, e agora fallava com facil superioridade de quem se considerava acima de todas as fraquezas e superstições. Assuas theorias eram modernas, os seus methodos o reverso d'aquelles que confiam na persuasão moral. A sede de beber era uma doença. As victimas d'ella deviam ser tratadas como gente doente e guardadas sob vigilancia até que lhes sobreviesse a loucura. A expressão feriu-me, e supponho que corei duplamente, porque fitou-me e disse: — Agora não é a occasião de falsa modestia. E' tempo de encarar a verdade. Pela

minha parte assim procedi desde o principio. Considerando miss Clousedale como um ente atacado de insanidade temporaria tratei-a, como deve ter percebido, correspondentemente.

Mordi os beiços e perguntei.

— Com que resultados?

— Não sou responsavel pelos resultados. Sou unicamente responsavel pelo tratamento. Diligenciar curar a bebedeira meramente pelo estratagema de um compromisso ou voto de temperança é um systema desacreditado aos olhos dos investigadores scientificos. Apesar da gigantesca organização da sociedade de temperança n'estes ultimos cin-



Procurei o hypnotista no seu gabinete...

coenta annos, o mundo que se embriaga não é menor, ao contrario é ainda maior. As

suas consequencias são mais graves, os casos especiaes mais agudos. Como resultado final dos seus mais largos propositos, a causa da *temperança* falliu. Tão longe estou de concordar com a sua opinião: mas...

Eu meneava negativamente a cabeça; elle não me dava attenção.

— Mas o methodo pelo o qual propõe agora substituir o inutil da temperança de que usa este sacerdote escocoz, não é sómente inefficaz, mas é cercado de incertezas pavorosas. Diz que vae sugeitar a infeliz senhora ao somno *hypnotico*. Não existe similhante somno *hypnotico*. O que ha, de facto, é um phenomeno produzido pela imaginação.

— Muito bem, disse eu, se prefere chamar a isso imaginação, concordemos n'essa fórma; e se a imaginação é um remedio, deixe-me usar d'elle.

— Não vá tão depressa, respondeu. O senhor não contou verdadeiramente com os perigos. O phenomeno da imaginação que propõe introduzir é ainda pouco conhecido. Nós sabemos o que isso envolve. Envolve o perigo da loucura — a loucura incuravel, não temporaria, como a que soffrem as victimas da embriaguez. D'esta fórma o senhor está tentando escapar-se das chammas para cahir nas brazas. Mesmo que fosse possivel pôr miss Clousedale n'um somno real, durante tres dias — o que eu descreio completamente — reduzil-a-hia só a uma fórma de hysteria, a fórma mais perigosa, e com uma condição que lhe deve arriscar a vida.

— Quer então dizer que ella não mais acordaria?

— Quero dizer — respondeu o doutor — que ella provavelmente nunca mais acordaria para o conhecimento da razão, ou acordaria só para morrer.

— Em resumo o doutor recusa partilhar das nossas responsabilidades?

— Não serei tão ingenuo que as queira partilhar. O que o senhor diz que vá fazer, assimilha-se effectivamente, se o puder fazer, á applicação de chloroformio. Ora, uma doente pôde morrer sob o chloroformio: e quando isto succede a nossa defeza é obvia. Mas o

senhor váe usar de meios desconhecidos, e não tem possibilidade de provar, taes como são, que os está usando com propriedade. Se miss Clousedale morre nas suas mãos qual será a sua situação aos olhos da lei?

— Ella não ha de morrer.

— Mas se, meu amigo, se...

— Se; respondi o senhor sabe tão pouco do que primeiro fôra chamado hypnotismo por um dos da sua propria faculdade como de fallar dos seus perigos, e da mesma forma dos do chloroformio, pelo que, claro está, nada temos a ganhar com a sua cooperação e nada a perder com a sua ausencia.

A phisionomia dura do doutor ficou ainda mais dura e o semblante carregado ainda mais carregado.

— Assim o senhor pede-me para me retirar, pede-me que reconsidere a favor de sabe Deus quem, vindo sabe Deus d'onde e com que artes de aventureiro e de charlatão?

— Peço-lhe que se recorde, repliquei, que a sua profissão tem sempre usado da mesma linguagem que está usando para com todas as cousas e para com todas as pessoas que tenham feito alguma cousa de grande e de proveitoso no interesse da humanidade.

Elle levantou-se e dirigiu-se para a porta.

— Homens como o sr., e como essa creatura, apontando com o chapéo para o hypnotista, são os perturbadores da sociedade, fazendo com o fumo sujo d'uma pequena palha queimada as superstições d'espantallo que encham o mundo de fraquezas, de melancolia e de insanidade. Deixo-os em seu louco trabalho; mas previno-os de que se fizerem o que dizem, e alguma cousa succeder em resultado, tão certo como haver lei na terra, hei-de pôr a justiça em movimento para os castigar.

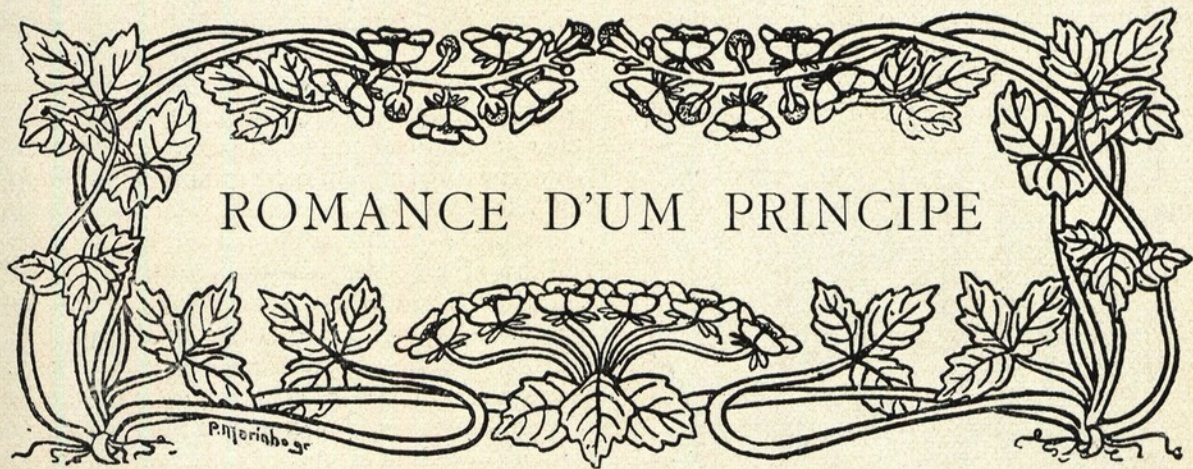
Comprimentando, despediu-se com delicadeza reservada, e sahiu irritado. O hypnotista tinha assistido ás duas conversas com apprehensão da tempestade que se estava dando, pela observação que lhe forneciam as nossas phisionomias.

— Senhor La Mothe — disse-lhe em francez — estes cavalheiros lavam d'aqui as suas mãos. Elle sorriu-se; não lhe fôra surpresa.

(Continua).

(Segundo HALL-CAINE).





ROMANCE D'UM PRINCIPE

A narrativa historica, que segue, procura deevendyr um dos mais curiosos e emocionantes enygmata do coração humano, seguindo o processo historico conhecido com o nome de psychologico, quer dizer, aquelle que, concedendo ás influencias exteriores a parte de impulsão determinante que lhe compete, como ás leis geraes necessarias que regem o mundo physico a cosrdenação ponderada dos factos conhecidos, transporta para a alma das personagens o mubil ou força motriz das acções describeas, e tende assim penetrar no intimo das deliberações que determinua novos factos n'uma cadeia ineterrupta, atravez dos tempos.

AFFIRMA-SE que no anno de 1828 foi levada dos archivos de Simancas ao rei Fernando VII de Hespanha uma certa caixa verde, hermeticamente fechada e sellada, com as suas fivelas de ferro ferrugentas pelo tempo, a côr apagada pela poeira dos seculos. Sete gerações de historiadores tiveram conhecimento da existencia d'esta caixa, mas a nenhum foi permittido um simples relancear pelos papeis que ella continha. Dentro d'ella estavam guardados, segundo se dizia, os fastos d'um secreto acontecimento que se deu justamente duzentos e sessenta annos antes, quer dizer, no anno de 1568. Desde aquella epoca até os dias do rei Fernando, a caixa sellada tinha permanecido intacta no lugar onde fôra collocada por ordem do monarcha, cujo negro espirito legou á posteridade tantos enigmas, o poderoso Philippe II.

Desde o dia da remoção da caixa verde de Simancas por ordem do rei Fernando, perderam-se todos os vestigios d'ella e de seu contheudo. Talvez, um dia ainda venham á luz d'entre os moveis inutilisados d'um palacio, os documentos que possam dar explicação final d'um d'estes problemas embaraçosos que teem aguçado a imaginação dos estudiosos do passado.

Entretanto, das memorias publicas e privadas da epoca, das acções e palavras dos proprios protagonistas, rememoradas por testemunhas contemporaneas, é possivel reunir os principaes traços d'este triste romance historico.



Na noite de 27 de dezembro de 1567, na igreja de S. Jeronymo em Madrid, deu-se um

extraordinario e afflictivo incidente. Um mancebo, de apparencia fidalgo, ricamente vestido, calçando, como particularidade caracteristica, botas com largos couros na extremidade dos canos, nos quaes se alojavam as pistolas, entrou com passo pesado e firme pela igreja dentro, ao cahir da noite, seguido por um unico cortezão familiar. O moço fidalgo tinha vinte e dois annos. De semblante e porte distinctos podia dizer-se formoso; mas n'aquelle momento parecia profundamente agitado; tinha o olhar selvagem, inflammado, de extranho brilho; a phisionomia pallida e transtornada; mostrava no andar o desasocego violento, e intimo, o seu aspecto revelava logo um estado d'alma singular e doloroso. Tirando o chapéo da cabeça e fazendo a reverencia ante o altar mór com todo o signal de devoção, o mancebo encaminhou-se para um grande confessorario fechado, que estava n'uma das naves, entrou para elle e cerrou a porta.

Era vespera dos Santos Innocentes, dia em que a familia real de Hespanha costumava receber o sacramento da communhão em publico, conjunctamente com as principaes personagens da côrte. Desnecessario será recordar que antes da communhão é obrigatorio confessar-se e receber previamente a absolvição sob pena de cahir em peccado mortal.

O cortezão cujo emprego era o de camarista de quarto, e o qual ficára fóra do confessorario, não esperou muito tempo, que não visse sahir seu amo precipitadamente, com a phisionomia convulsionada e andando com passos agitados. Não foi preciso que o moço fidalgo fallasse para que o camarista advinhas-

se o que tinha succedido. Elle fizera a sua confissão, mas o sacerdote recusara-lhe a absolvição.

O caso não podia acabar ahí. Não era uma



Um mancebo entrou pela igreja...

formalidade banal a que movera o mancebo a ir procurar absolvição n'aquella noite especial. Seguido pelo seu camarista, a quem não occultou a situação, dirigiu se para outra igreja, a do convento de Nossa Senhora de Atocha, cujos monges eram nomeados na resolução dos mais difficeis casos de consciencia.

No confessorario do mosteiro esperava-o similar recusa. Mas o monge que o ouviu de confissão não despediu apenas o penitente. Impressionado com a gravidade da situação, persuadiu-o a submeter o caso a um conselho de theologos. O mancebo consentiu. Elle melhor do que o monge conhecia as consequencias e media bem o alcance da decisão. A sua ausencia á cerimonia do dia seguinte poria em consternação a capital e causaria um grave escandalo, não só em Hespanha como tambem na Europa. Porque era uma infelicidade para elle chamar-se D. Carlos, príncipe das Asturias, e ser o herdeiro do monarcha que dominava sobre dilatado imperio, sobre a Hespanha, a Sicilia, Napoles, Milão, Paizes Baixos e as Indias.

Reuniu-se á pressa o conselho de theologos. Presidiu o prior do convento, e com elle juntaram-se quatorze monges piedosos e instruidos, alguns chamados de fóra para serem consul-

tados n'esta grave questão. Aos horrorisados ouvidos do reverendo conclave, o príncipe, agitado e sombrio, mas pertinaz, emittiu a mesma confissão que já fizera duas vezes. Estava possuido de um impulso homicida, declarou positivo. Havia um certo homem, cujo nome não revelaria, a quem elle odiava com odio intenso e a quem elle desejava dar a morte.

Para uma pessoa admittida a assistir á consulta, a confissão não foi de todo uma surpresa. Era o fiel camarista, o qual depois registou e descreveu estas scenas extraordinarias nas suas memorias. Havia tempo que o príncipe deixara insinuar, em conversações e na presença de alguns cortezãos, a existencia de um seu inimigo mysterioso com quem tinha uma contenda mortal. Similhante imprudencia de linguagem era demasiadamente caracteristica no infeliz D. Carlos.

O filho de Philippe II era a todos os respeitos um perfeito contraste com o pae; o frio, reservado monarcha, calculista, moroso em resolver e mais ainda em executar, não descurando todavia o proseguimento d'um fim uma vez resolvido; um homem cujas paixões fundas e descuidosas o levaram muitas vezes a violar as leis da moralidade, mas nunca as do decoro. D. Carlos era indomavel, impulsivo, resolute em fallar, mais do que o necessario, frequentemente desabrido e duro em suas maneiras.

Entre caracteres tão oppostos não podia haver verdadeira sympathia. Philippe II apparentava pesar e lamentava-se, entre os que o rodeavam, das loucuras do filho, em tom d'um pae cujos sentimentos são ultrajados: ao mesmo tempo que se aproveitava do procedimento do príncipe para desculpa de não o admittir, sequer na menor acção, nos trabalhos do governo. D. Carlos resentia-se amargamente d'este afastamento propositado e assentava a sua furia sobre aquelles que mais altamente recebiam o favor e a estima de seu pae, sobre o brando e insinuante Ruy Gomes, príncipe de Eboli, e sobre o aspero e arrogante duque de Alba, o qual n'aquella occasião partira para a sua famosa expedição destinada a vencer a revolta dos Paizes Baixos.

D. Carlos tendo protegido os enviados das provincias descontentes, e querendo o governo d'ellas para si proprio, aggreduiu pessoalmente o orgulhoso duque na vespera da partida. Ultimamente o seu proceder era, mais e mais, o d'um homem levado ao desespero pela ferida sensibilidade da injuria recebida. Fez planos de abandonar a Hespanha e mandou um agente levantar recursos n'algumas cidades principaes.

A unica pessoa na cõrte que parecia ter uma suave influencia sobre elle, era sua madrastra, a joven e linda Isabel de Valois, a princeza mais querida do seu tempo. Posto que tivesse

deixado completamente de fallar ao pae, excepto nas occasiões publicas e solemnes, D. Carlos visitava muitas vezes a gentil rainha, que diligenciava distrahir o, desviando-o de seus disparatados intentos.

Mas, n'um ponto especial, tinha resistido mesmo a ella. Isabel procurara promover o casamento entre D. Carlos e sua irmã mais nova, um casamento que seria, esperava ella, o meio de o fazer feliz e de lhe pacificar a alma. D. Carlos foi privadamente ás côrtes e informou os assombrados membros d'ellas que qualquer que se atrevesse a levar para deante similhante proposta seria considerado seu inimigo, e em seguida ordenou-lhes que guardassem segredo das suas palavras, sob pena de morte.

Voltando á narrativa, os desnorteados monges que ouviram a confissão do príncipe acordaram em decidir que no seu estado de espirito não lhe podia ser concedida a absolvição. Depois de alguma discussão, o prior que presidira a assemblea, e que bem percebia a gravidade do caso, fez uma suggestão artificiosa ao príncipe. Disse-lhe que poderia talvez achar um meio para o ajudar a obter a absolvição, se elle consentisse em dizer o nome do objecto de seu odio.

O exitado mancebo olhou em redor do circulo de phisionomias graves, cujos olhares interrogadores se cravavam silenciosamente sobre elle, luminosos e ardentes por entre a penumbra dos seus capuzes. Depois, abaixando a voz, quasi a segredar respondeu que o homem cuja morte desejava, era a de seu proprio pae, o rei Filippe.

Um estremecimento de horror pas sou por aquelles homens, velhos, endurecidos, de longa experiencia, conhecedores dos negros abysmos do coração humano. O prior, dominando a custo a sua emoção, conseguiu perguntar serenamente se o príncipe já dera alguns passos para effectuar similhante intento.

D'esta vez D. Carlos recusou responder. Talvez visse a armadilha. Resistiu a todos os argumentos e exhortações que lhe apresentaram, e á meia noite voltou desanimado para o palacio acompanhado do seu camarista, e sem a absolvição que pretendia obter. Logo depois do príncipe se retirar, os monges mandaram secretamente um mensageiro ao Escorial, edificado então com melancolica magnificencia sob a vigilancia e inspecção do supersticioso rei.

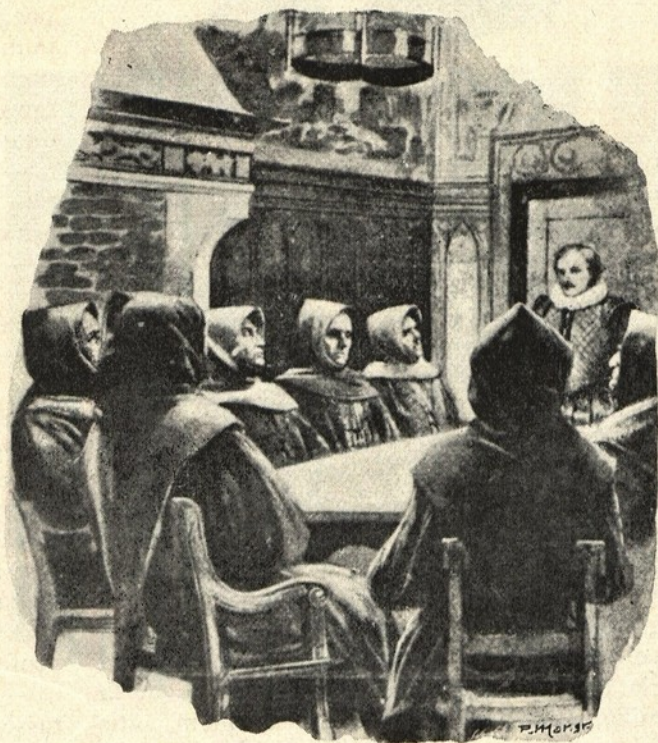


Durante quinze dias nada succedeu. O arrebatado príncipe continuara nos preparativos

de fuga de Hespanha. Não transparecera no mundo exterior signal algum que denotasse o conhecimento por parte de Filippe II do que se estava passando. Repentinamente Madrid estremeceu de espanto com a apparição de um pregão extranho em todas as igrejas. O rei desejava que se fizessem preces publicas para que elle recebesse do ceu inspiração n'um negocio de grande importancia que lhe estava amargurando o espirito.

Foi este um movimento interior d'alma que lhe revelava o caracter inteiro, como o clarão d'um relampago illumina a escuridão da floresta. Os historiadores de Filippe II noticiam que o seu punhal andava quasi unido ao seu sorriso. Que ameaça se esconderia na oração de similhante homem! O trabalho intimo d'aquelle espirito tortuoso está agora aclarado. Vê-se que o tyranno resolvera ferir. Restava sómente ao hypocrita justificar-se perante Deus.

Não levou muito tempo para effectuar o processo. Um ou dois dias depois, D. Carlos procurou seu tio, D. João d'Austria, a quem muito amava, confiou-lhe o seu intento de fugir, e pediu-lhe que o acompanhasse. D. João recusou, e depois de o ter admoestado, foi direito ao Escorial levar a noticia. Realmente Filippe II era um soberano bem avisado para ter conseguido que nos seus dominios a adoração ao rei fosse um dever que tomara precedencia de



...olhou em redor...

fé religiosa e de confiança de homem para homem. Um historiographo admirador de Filip-

pe II faz a analyse e a curiosa nota, de que era de doze soldados da guarda real, desceu a escada que conduzia aos quartos de seu filho.



O rei revestido de armadura...

que nunca ninguém sonhou defrontrar-se com a sua vontade e que todos os seus vassallos ou o amavam ou pretendiam aparentar tal affecto.

Na noite seguinte D. Carlos terminou os preparativos de fuga. Com uma extraordinaria despreocupação que forçosamente contrastava com a prudencia de seu adversario, mandou ao director das postas do reino que lhe fornecesse oito cavallos para uma viagem. O director sabia proceder melhor do que obedecer. Tendo mandado para diferentes direcções os cavallos, afim de pretextar não os ter em caso de necessidade, apressou-se tambem em ir ao Escorial receber as ordens do rei. De manhã Philippe II chegou a Madrid. Deu longa audiência publica no palacio, calmo e grave como sempre. Depois de acabada a audiência, assistiu em publico á missa com a sua familia. Apresentava a attitude de quem, satisfeito com a propria consciencia, procede a dever penoso, e nada tem de se culpar. Passou o dia serenamente. Chegou a noite e pelas 11 horas, o rei de Hespanha, revestido de armadura completa e seguido de alguns nobres e

D. Carlos dormia. Desde algum tempo porém elle dormia com todas as precauções de quem julgava ter a vida em risco. A porta do seu quarto de dormir estava sempre fechada com uma engenhosa fechadura de segurança. A cabeceira do leito, quando repousava, tinha pendurada uma espada e um punhal, e ao lado da cama a distancia mas ao alcance do braço um arcabuz carregado. Tudo isto era sabido pelo rei prudente, e por isso tomou as correspondentes precauções. O mecanismo da fechadura foi de ante-mão e secretamente desarranjado. No mesmo instante em que se abriu a porta, o capitão da guarda adeantou-se mansamente até a cabeceira da cama e retirou as armas.

Estava portanto livre e seguro o caminho para Felipe II entrar. Quando sentiu gente, o desgraçado principe, despertado de seu somno, deu um pulo procurando por instincto as armas das quaes acabava de ser privado. Momentos depois, as luzes illuminando-lhe os olhos, deixaram-o vêr em redor o quarto cheio de homens armados, e na entrada da porta a figura sombria de seu pae, armado de aço, olhando-o com aquelle immovel e complacente olhar, que fazia com que aquelles olhos azues frios fossem mais temiveis de encarar do que os olhos colericos de um Caligula.

— Que quer vossa majestade de mim? — foram as primeiras palavras pronunciadas pelo principe em quanto saltava da cama.

— Váe já sabel-o — foi a resposta do rei, que serenamente proseguiu dando ordens áquelles que estavam no quarto. Trancaram as janellas, fecharam as portas á chave, e toda a qualidade de armas offensivas, incluindo os ferros do fogão, foram removidas. Então Philippe II deu ao principe ordem de prisão, e entregou-o á guarda do duque de Feria e dos outros nobres presentes, ordenando-lhes que o tratassem com respeito, mas não obedecessem a ordem alguma sua, sem que fosse confirmada por elle proprio Philippe II.

D. Carlos ouvira estas determinações na mais profunda agitação. Finalmente exclamou:

— Melhor era que vossa majestade me matasse do que fazer-me prisioneiro. Se me não mata, eu o farei por mim proprio.

— Não fará similhante cousa — respondeu-lhe friamente o pae — porque seria um acto de loucura.

— Vossa majestade trata-me tão mal que me

forçará a fazel-o — replicou D. Carlos com voz estrangulada pela ira. Não sou doido, mas vós, senhor, conduzis-me ao desespero.

O infeliz príncipe deixou-se cahir sobre a cama, apagada a vóz pelos soluços. O rei atravessou o quarto dirigindo-se para elle e trocaram-se entre os dois algumas phrases, em tom tão baixo, que ninguem poude ouvir o que se houvera dito. Foram as ultimas palavras proferidas entre o pae e o filho. O rei completou as suas disposições, apoderou-se de um cofre contendo os papeis particulares do príncipe, e retirou-se, deixando-o ao cuidado dos dignitarios.



Pouco tempo depois estreitava-se cada vez mais a clausura do príncipe. Ruy Gomes, o ministro favorito do rei, e o homem que D. Carlos considerava seu peor inimigo, teve ordem de fixar a sua residencia no palacio, em aposentos pelos quaes necessariamente se havia de passar para chegar ao quarto do prisioneiro. Foram designados seis nobres para cada um por sua vez vigiar D. Carlos, não o deixando nunca dia e noite. Estavam estrictamente prohibidos de lhe fallar sobre a causa do seu captiveiro, ou em qualquer assumpto do Estado, ou de deixar passar qualquer correspondencia entre elle e o mundo exterior. Estavam ainda mais obrigados por juramento a guardar segredo de tudo quanto succedesse portas a dentro do palacio.

Entretanto, a prisão de D. Carlos, o herdeiro da monarchia hespanhola, produzira sensação em toda a Europa. Por toda a parte ouvia-se a mesma pergunta. Qual tinha sido a causa de tão extraordinaria medida? Qual tinha sido o crime de D. Carlos, ou de que seria elle accusado?

O rei Filippe assentou em tratar a questão por uma fôrma caracteristica e singular, como costumava. O seu primeiro acto foi reunir alguns officiaes do estado em conselho e annunciar-lhes solemnemente a prisão de seu filho. Acompanhou este annuncio da declaração de que só o seu dever para com Deus e o bem da monarchia podiam tel-o levado a tal passo. Raro fôra em verdade que, durante o longo curso do seu reinado, o bem da monarchia e o seu dever para com Deus estivessem em opposição aos olhos de Filippe II.

Alguns dias depois enviou cartas cerimoniaes ás principaes personagens do reino, aos nobres, grandes e alcaides das municipalida-

des. Estas cartas não continham mais informações do que as que elle concedera aos seus conselheiros de estado. Algumas das grandes cidades propozeram-se mandar uma deputação a Madrid, nominalmente para acompanhar o rei na sua dôr, na realidade porém para obter luz sobre o mysterio. Filippe II mandou-lhes dizer que procedera assim simplesmente para o bem geral e que não desejava recebê-los na côrte.

Havia trez provincias em Hespanha que ainda conservavam as suas antigas liberdades, comquanto estivessem sentenciadas a perdê-las antes do fim do reinado de Filippe II. Aragão, Catalunha e Valencia resolveram defender os seus proprios interesses nos do herdeiro do throno. Nomearam commissarios para seguirem para a capital a inquirir das causas da prisão do príncipe e exigirem, se tanto fosse preciso, a sua liberdade. Apenas porém, tinham resolvido partir, chegaram ordens do rei para que voltassem, se já tivessem sahido, redigidas em tão severa e decisiva linguagem que não se atreveram a desobedecer. Filippe II não era monarcha que permitisse aos seus vassallos pesquisar ou inquirir das suas acções.

O povo de Murcia foi mais bem avisado no proceder e afortunado na consideração. Contentou-se em dirigir uma carta ao rei, expressando a sua sympathia e admiração por um soberano capaz até de sacrificar o terno



Filippe II honrou esta carta...

affecto, que dedicava ao proprio filho, pela justiça e pelo bem do povo.

Filippe II honrou esta carta com uma d'aquel

las celebres annotações no sobrescripto, que ainda hoje nos representa tão vivamente o retrato do despota, grave, digno, no seu fato preto, sentado socegradamente, no seu gabinete, decorado com simplicidade, tendo Ruy Gomes a seu lado, assignando uma sentença de morte, com aquella conscienciosa attenção de particularidades, que teriam feito d'elle um admiravel chefe de repartição ou um escrupuloso professor de escola publica: — «Esta carta — comenteu Filippe II no sobrescripto da de Murcia, — está escripta com prudencia e discricção.»

As pessoas de sua familia que se arriscaram a mostrar interesse pelo principe Carlos, foram firmemente censuradas. A D. João, foi-lhe prohibido usar fato de luto, como signal de sentimento. A D. Joanna, tia de Filippe II que se offerecera para partilhar do ca-

ptiveiro do principe, com o fim de o consolar, foi-lhe recusada licença mesmo para o visitar. A compassiva rainha tinha todas as apparentes razões de interesse, humanas embora duras, para folgar no intimo com as infelicidades de seu enteado. D. Carlos era o unico filho da primeira mulher de Filippe; de sua segunda mulher, Maria, rainha de Inglaterra, não tivera successão. De Izabel porém nasceram duas filhas, uma das quaes havia de subir ao throno, na eventualidade da morte de D. Carlos. Todavia, ella pranteou a sua prisão e a sua desgraça dois dias inteiros. Filippe

ordenou-lhe asperamente que enxugasse as lagrimas.

Não era porém tão facil callar a curiosidade das côrtes estrangeiras. Tempos antes planeava-se uma alliança de casamento, e quasi se terminára de facto, entre D. Carlos e Anna, filha do imperador Fernando de Austria. Em resposta ás anciosas perguntas do imperador, Filippe II

mandou-lhe uma carta contendo duas noticias de mau agouro: — D. Carlos, por muitas e boas razões, nunca ficaria livre; e não casaria nunca com a archiducueza.

A sua tia, rainha de Portugal, dirigiu uma exposição; que o seu proceder não era devido a nenhum mau comportamento da parte do principe, nem intentado como meio de reforma politica. Accrescentava estas palavras admiraveis de significação reserva-



RETRATO DE MARIA DE PORTUGAL

Primeira mulher de Filippe II. — (Auctor desconhecido)

da: — «O processo assenta n'um outro fundamento, e o remedio que eu proponho não é de tempo, nem de expedientes; mas é de maior importancia satisfazer as minhas obrigações para com meu povo.»

Era então já corrente o boato em Madrid de que o mancebo desesperado conspirára contra a vida do pae. Filippe II teve particular empenho em desmentir taes dizeres, os quaes, sem duvida, promanavam da scena passada no convento de Nossa Senhora d'Atocha. O nuncio do Papa referiu-se ao boato conversando com o cardeal Espinosa, o grande

inquisidor das Hespanhas. O cardeal repelliu-o com vigor: — «O caso presente é peor, se peor podesse ser — declarou elle. Sua majestade tem vigiado a carreira desordenada de seu filho durante estes dois ultimos annos, sem ter possibilidade de o refrear, e acabou por ser constringido a dar este passo.»

Havia na Europa uma côrte na qual Philippe II podia esperar ver julgado o seu procedimento com secreta satisfação, se não com plena approvação. Carlos IX de França era irmão da rainha hespanhola e consequentemente tio da infanta, cujo advento ao throno estava aberto e livre com a morte de D. Carlos. A Carlos IX tinha, portanto, Philippe II menos necessidade de explicar o seu proceder do que a outro qualquer. Todavia foi a Carlos IX que Philippe II escolheu communicar o segredo tão cautelosamente guardado dos seus proprios vassallos, dos membros de sua familia, e até do proprio Papa.

Segundo a informação do príncipe de Eboli que a expediu ao sr. de Fourquevaux, embaixador francez, não havia mysterio algum sobre o assumpto. Por algum tempo o rei Philippe suspeitara que seu filho era lunatico. Elle estava agora convencido que D. Carlos era um demente sem esperança e tomára as correspondentes precauções. Tal é a explicação que o erudito Von Raumer transcreveu com aquella credulidade propria d'um espirito mais familiar com os livros do que com os homens. Observa-se singularmente como a mera vista d'um documento official entorpece a faculdade critica de escriptores a ponto de considerarem a tradição não officiosa e correntia com o mais deliberado scepticismo.

A explicação era plausivel; era até um tanto plausivel de mais. Havia um caso de demencia na casa real de Hespanha. A avó de Philippe, D. Joanna, estivera assim durante alguns annos, que precederam a sua morte. Mas esse era um caso

perfeitamente conhecido em todos os domínios de Hespanha, e d'elle se fallara nas côrtes estrangeiras. Se nada mais houvesse do que isto em referencia a D. Carlos, parece que não haveria motivo para que a verdade não fosse abertamente declarada, em vez de ser segredada aos ouvidos de um embaixador afim de informar privadamente Carlos IX.

Se era segredo, devia suppôr-se que fosse um segredo de familia, o qual Philippe II de preferencia o confiasse a sua tia de Portugal, e a seu tio, o imperador d'Austria cuja boa opinião na verdade indisposera e cujas suspeitas deviam ter tambem peso para elle. Por quê, em resumo, havia de reservar o rei essa explicação para uma unica pessoa, a quem não tinha motivo apparente de a declarar, e sobretudo uma explicação que satisfaria todos e que



RETRATO DE MARIA, RAINHA DE INGLATERRA
Segunda mulher de Philippe II. — Quadro de ANTONIO MORO

collocaria o seu procedimento em brilhante situação aos olhos de todo o mundo?

Como reflexão tardia, não deixava de ter seu merito semelhante pretexto, mas o seu sabor

perseguidor. O retrato do rei catholico, sentado no seu gabinete, anotando os despachos



RETRATO DE ISABEL DE VALOIS

Terceira mulher de Filippe II.—Quadro de J. PANTOJA DE LA CRUZ

provinha mais do politico Ruy Gomes do que do orgulhoso e vingativo rei. De facto, ao mesmo tempo em que assim era explicado o caso pelo seu ministro, o proprio Filippe II depunha n'outro sentido.

Havia então uma alta personagem que não estava satisfeita com as vagas desculpas que lhe chegaram, e succedia que essa personagem era no mundo o homem em quem Filippe II reconhecia superioridade indiscutivel — Pio V, conhecido na historia como o Papa da inquisição. O seu zelo austero pelo que julgava ser o christianismo igualava o passo com o do proprio Filippe II, posto que o seu character ativo e irreprehensivel o redemisse da peculiar e odiosa censura que bem cabe a um convicto

fôra declarado a Carlos IX — deixa-se prevêr o termo fatal que viria a ter aquelle captivo. Sem duvida, D. Carlos não era o successor necessario ou conveniente.

• • •

Approximava-se aquelle desfecho previsto. Começaram de correr em Madrid boatos insistentes de que o infeliz principe se entregava a extranhos excessos que rapidamente lhe minavam a saude, umas vezes recusando comer, outras alimentando-se com comidas indigestas, e mais ainda inundando o quarto de gêlo para refrescar a febre que se apoderára d'elle. Seria devêras singular que um pae affectuoso, levado a collocar seu unico filho sob custodia

de Alva tintos de sangue, com um cruxifixo em frente e uma carta da mulher d'outro homem na algibeira, ficou mais odiosamente gravada na historia. O de Pio V era de mais ampla envergadura e na sua presença o despota, ante quem todos tremiam, sentia-se confundido.

O Papa requereu uma explicita narrativa do caso. Finalmente Filippe II escreveu-lhe, com o seu proprio punho, e mandou a carta directamente ao Papa. Similhante documento, nunca foi visto. O unico indicio do seu conteúdo foi fornecido depois em observações feitas por Pio V ao embaixador de Hespanha em Roma. «Sua santidade, escreve o embaixador, louva grandemente a deliberação tomada por sua majestade; porque elle sente que da longa vida de sua majestade e d'um digno successor *que lhe siga os passos*, depende a conservação e engrandecimento do christianismo.»

Ha uma sinistra indicação n'estas palavras. Quaesquer que fossem os motivos da prisão do principe — e é claro que esta carta confidencial ao Papa designava um outro muito diferente do que aquelle que

por causa de manifesta demencia, como explicou ao rei de França, o deixasse no entanto em liberdade para taes desmandos.

Mas estas noticias eram de origem suspeita. Só o príncipe de Eboli e seus auxiliares podiam realmente conhecer o modo de viver do prisioneiro. Tudo quanto se passava n'aquelle estreito quarto de reclusão chegava ao mundo exterior por intermedio dos dedicados a Filipe II e implacaveis inimigos de D. Carlos. N'aquelle momento outra informação era tambem adrede divulgada. O prisioneiro estava tão fraco, que lhe eram especialmente preparadas sôpas nutrientes nos proprios aposentos de Eboli. Ora D. Carlos, tendo feito uma lista dos seus inimigos figadaes, escrevera n'ella o nome de Ruy Gomes, príncipe de Eboli, e este lêra por certo a famosa resenha.

Justamente seis mezes depois da sua prisão, o mundo teve noticia de que D. Carlos já não existia. Atribuira-se a sua morte a causas naturaes, ou antes ao seu modo de viver. O funeral effectuou-se apressadamente no mesmo dia. Quando o corpo do príncipe era levado para fóra do palacio levantou-se uma mesquinha discussão de precedencias debaixo das proprias janellas do pae enlutado. Filipe II ouviu o que se passava, appareceu á janella e com a maior presença de espirito deu as necessarias ordens para conciliar a disputa.

Eis o que se sabe d'este mysterioso caso pela versão official. É tempo agora de seguir a narrativa complementar.

Dois dias depois da prisão de seu filho, o rei instituiu contra elle, e com conhecimento apenas de tres pessoas, um d'esses processos secretos que eram dilectos á alma negra de Filipe II, um d'esses terriveis julgamentos, ao qual a victima nunca estava presente e do qual talvez nunca tivesse conhecimento; onde a prova estava clandestinamente accumulada em montões de documentos, cujo conteúdo o rei revia minuciosamente, alta noite, isolado no seu gabinete; onde a accusação era trabalhosamente preparada, e cuja sentença pronunciada em segredo era executada tambem com todo o segredo de um assassinato.

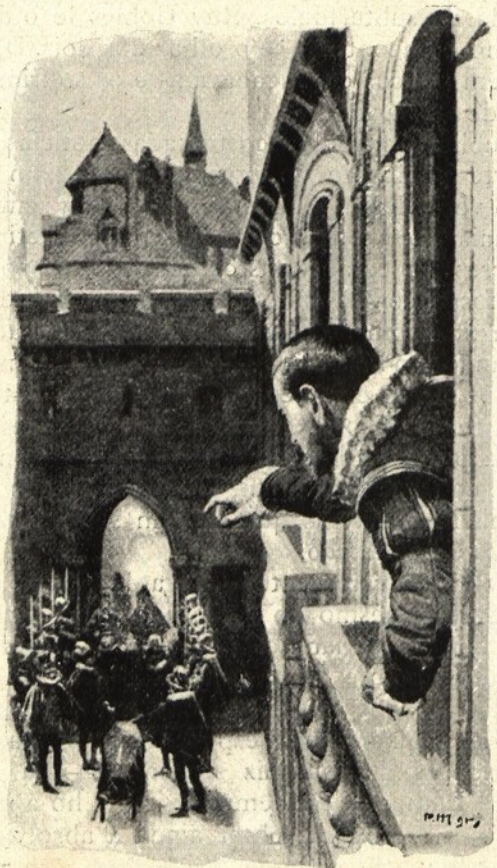
Tres pessoas acompanharam até o fim o processo completo. Ruy Gomes, o Grande Inquisidor e um advogado obscuro do conselho real, chamado, sem duvida, para dar o necessario tom legal á vingança do pae sobre o filho.

Este era o tal grande processo guardado na caixa verde de Simancas, o qual estava destinado ao cabo de dois seculos e meio a ser examinado pelos olhos curiosos de um rei de outra dynastia e a desaparecer mais uma vez da vista de todos, talvez para sempre. É sómente de origem anonyma e de memorias e

narrativas pouco auctorisadas, accidentalmente trazidas á luz pelo decorrer dos tempos, que alguma coisa se conhece do processo do famoso tribunal. Parece ter-se combinado entre o rei e os seus ministros um fino jogo caustico. Filipe II pretendia dar á sua vingança pessoal uma apparencia de justiça. Se fosse um caso ordinario, o ministro Eboli e os seus collegas teriam satisfeito o desejo do rei sem hesitação. Mas D. Carlos era o herdeiro da corôa. A execução de uma tal personagem era realmente acontecimento inaudito. Não estavam seguros de que lhes fosse permittido fazel-o, nem de que o rei não recuasse em a confirmar. E se por acaso o rei morresse antes de se executar a sentença, D. Carlos subiria ao throno e chamal os-hia a terriveis contas.

Delinearam, portanto, um julgamento no qual pronunciaram o príncipe culpado de mau proceder, que mereceria a morte se fosse um subdito qualquer, mas deixaram ao rei decidir se as leis ordinarias podiam ser applicadas ao herdeiro do throno. Em todo o caso eram cuidadosos em recordar a sua majestade que ella possuia o direito de dispôr de toda e qualquer penalidade.

Dirigir um pedido de misericordia a Filipe



Filippe appareceu á janella...

II, era o mesmo que pedir ao tigre que largasse a preza. Não é difficil recompôr a scena. A

figura magra do rei, vestido de preto, barba aloirada e olhos azues claros, sentado em frente da bem celebre secretaria, examinando cuidadosamente a exposição do julgamento, enquanto o discreto ministro e cortezão estava de pé, a seu lado, vigiando a attitude de seu amo, com quem está jogando delicado jogo. Filippe II lê até o fim o documento com a physionomia sombria, pega da penna, talvez por um momento deite pela janella, atravez das arvores do jardim do palacio, olhar furtivo e sinistro para a torre onde as janellas gradeadas escondem o filho captivo, e depois, na vagarosa e constringida calligraphia que meia Europa aprendera a temer, elle appõe a sua decisiva rubrica e despacho.

Os seus sentimentos de pae incitam-o a socorrer-se do subterfugio apresentado pelos juizes. A sua consciencia de supremo arbitro impede-o de assim proceder. Era preciso livrar os seus subditos de tão mau successor. A sentença tinha de ser confirmada, quer dizer, as proprias extravagancias do principe conduziriam ao mesmo resultado.

Tal seria a resposta que Filippe II entregou ao homem por cujas mãos passava o alimento do prisioneiro. Era uma proposta magistral em que o rei esmagava o seu ministro na contenda de subterfugios. Ruy Gomes lê o despacho e encontram-se o olhar dos dois. D'entre em poucos dias acabavam-se os soffrimentos de D. Carlos.

Publicaram-se as costumadas noticias da morte edificante do prisioneiro. Podiam ter sido verdadeiras. Filippe II manifestou sempre o mais sincero desejo de que as suas victimas morressem como bons catholicos e, se possivel fosse, confessando no seu ultimo momento a justiça com que haviam sido sentenciados. Quando um homem, que tem estado por muito tempo preso e perseguido a ponto de sentir o espirito e o corpo igualmente exhaustos, se acha prestes a libertar-se dos seus soffrimentos, não é difficil a um zeloso confessor extrahir-lhe palavras que possam ser levadas á conta de confissão.

Felippe II raramente deixava de obter o que desejava, mesmo do mais innocente d'aquelles que encorriam em seu furor. Guardava cautelosamente esses attestados, esperando o dia em que tivesse de dar conta das suas acções e quando em resposta ás perguntas inquiridoras do seu juiz supremo: — Tu mataste Egmont? condemnaste teu filho á morte? — elle podesse obter ainda a absolvição, dizendo: — E' verdade, Todo Poderoso, mas aqui está a prova de Egmont de que eu tinha razão. Aqui está a confissão de meu filho de que merecia a morte.

Ha o quer que seja de perversão sublime

n'esta fraude piedosa. Como D. Carlos cahisse quasi sem conhecimento nos seus ultimos momentos, diz-se que seu pae se introduzira no quarto, atraz dos cortezãos, e, estendendo silenciosamente as mãos para o filho moribundo, o abençoára como signal de perdão.



D. Carlos morrera, deixando n'um profundo mysterio a causa da sua morte. Agora procuramos o verdadeiro motivo, occulto nas vagas e contradictorias desculpas postas em evidencia pelo auctor da tragedia.

As palavras de Pio V ao embaixador Zuniga, dando sua activa approvação ao proceder do rei, referiam-se sem duvida ás razões confiadas por Filippe II na sua carta secreta. A accusação contra D. Carlos que certamente mais poderia indispor o coração do Papa era a de heresia. E' provavel que Filippe se apressasse a pôr em evidencia semelhante motivo. Talvez se tivesse persuadido á si proprio de que não era sem fundamento.

Comtudo a accusação era falsa. A suggestão da heresia não era mais real do que o motivo da loucura. E' contraria a toda a vida de D. Carlos. Elle não era feito do mesmo tecido de que são feitos os herejes. Um principe obstinado e ardente, distrahindo o seu espirito inquieto com toda a qualidade de distracção, e embrenhando-se em toda a sorte de loucuras, difficilmente seria attrahido pelo austero evangelho de Genebra. O mancebo que tão cegamente confiára os seus mais perigosos pensamentos aos monges catholicos, poderia ser qualquer coisa menos protestante.

A explicação não tem uma sombra de evidencia, nem um vestigio de probabilidade, e além d'isso nada explica. Para ter a verdadeira resposta á pergunta: — Porque tirou Filippe II a vida a seu filho? — E' preciso tambem responder a esta outra: — Porque havia de D. Carlos desejar a morte a seu pae?

Tres mezes depois de se ter fechado a sepultura do principe, houve uma outra morte na familia real de Hespanha. D'esta vez foi a mulher de Filippe, a gentil e joven rainha a quem os seus vassallos chamavam Isabella. Ella morreu depois de ter dado á luz prematura uma creança, em consequencia do errado tratamento dos medicos da côrte; e a sua agonia foi vigiada pelo embaixador francez, o mesmo Fourquevaux a quem Ruy Gomes teve tanto cuidado em convencer de que D. Carlos fôra recluso para refreamento de sua fraqueza mental.

Entre os aridos officios politicos accumulados nos archivos francezes, está conservada como uma flôr murcha e secca a carta que

este diplomata mandou á mãe de Isabel, descrevendo os seus ultimos momentos. Foi sómente na manhã da sua morte que elle soube do estado perigoso em que a rainha estava, e apressou-se a ir ao palacio. O rei despedira se da sua joven mulher, retirando-se para o seu quarto, e deixando-a entregue a estranhos para assistirem á sua despedida d'este mundo.

Isabel reconheceu o embaixador e deu-lhe o ultimo adeus para os seus queridos de França, a quem não tornaria mais a vêr. Ella disse-lhe que estava passando para um reino mais agradável, e que sua mãe e seu irmão teriam de supportar a sua morte com paciencia, e conformar-se com a idéa de que nenhuma felicidade a tornara tão satisfeita como agora a esperança de se aproximar do seu Creador.

O bom Fourquevaulx expressou-lhe a vulgar consolação de que ella ainda viveria para vêr a França em prosperidade; mas ella respondeu-lhe que não desejava viver, antes preferia ir vêr aquelle que esperava contemplar no ceu. O embaixador perguntou-lhe se queria mandar algum recado especial á sua mãe: — «Não, replicou a rainha moribunda; sómente pedi-lhe que por amor de Deus se não afflija com a minha morte, que eu vou para a Bemaventurança, a melhor coisa que posso desejar.»

Algumas horas depois expirava, e o choroso embaixador sahiu, deixando o palacio inteiro immerso em pezar compartilhado pelo povo de Madrid e por toda a nação.

Segundo o direito, a carta de Fourquevaulx chegou ás mãos da mãe a quem era dirigida. A mãe era Catharina de Medecis. Se n'aquella epocha de terriveis e negros acontecimentos houvesse alguém destinado a adquirir na historia uma reputação mais horrorosa ainda do que a de Filippe II, era a rainha mãe de França. A gentil e pura figura de Isabel, faz contraste entre estas duas figuras sinistras, semelhante a um cordeirinho entre um lobo e uma serpente.

Esta ultima missiva pathetica a Catharina seria escripta com intenção de desviar quaesquer sombrias perguntas que podessem talvez germinar n'aquelle espirito desconfiado? Se assim foi, falhou o intento. Catharina de Medecis e Filippe conheciam-se bem para se deixarem lograr um pelo outro.

A augusta ama de Fourquevaulx não era tão facil de contentar como elle. Escreveu ao embaixador de seu proprio junho, pedindo-lhe claras e completas particularidades sobre a a sua filha. Depois seguiam-se estas palavras, as quaes escriptas por semelhante mulher tem um grande significação. — «Conduzi-vos com a vossa costumada discrição, e como achardes necessario e conveniente. *Dae vos ao trabalho*

de vos informar do que se diç sobre esta doença, de fórma a poder communicar-nos imme-



...dando-lh'a com suas proprias mãos...

diatamente, com tudo mais, cujo conhecimento pôde ser util a meu filho.»

A mulher que governára a França durante trez reinados, e viveu bastante para vêr a ruina de quasi todos os seus inimigos, não participou do desprezo pelos boatos particulares, nem d'aquelle profundo respeito pelas declarações officiaes que passam nos nossos dias por sciencia historica e critica. Quando esta rainha, que passou a vida inteira em côrtes, desejou saber a verdade relativa á morte de uma outra rainha, não pediu para vêr os attestados dos medicos da côrte; procurou saber-a pelo cochichar dos cortezãos e pela tagarellice dos criados particulares.

Talvez se póssa achar resposta á pergunta suggerida por Catharina n'uma narrativa escripta em calligraphia differente e depositada nos archivos ao lado das cartas do embaixador.

N'uma manhã, durante a doença da rainha, segundo esta narrativa, a duqueza de Alva, a sua primeira dama d'honor, entrou no quarto de dormir, trazendo-lhe uma tizana que, informou a duqueza, os medicos consideravam recommendavel para ella tomar. Izabel regeitou, declarando que não tinha necessidade de nenhum remedio n'esse momento. Repentinamente apparecera no quarto o rei Filippe, perguntara sobre que descutiam, e tendo-se primeiro aparentemente declarado contra a duqueza, depois confessára estar convencido das suas razões, e inicitára sua mulher a tomar a bebida.

Izabel persistiu na recusa, sobre que Filip-

pe lhe disse fialmente que o bem do Estado requeria que ella a tomasse, dando-lh'a com as suas proprias mãos e demorou-se ao pé d'ella até que a tivesse bebido. Poucas horas depois deu-se o acontecimento do qual resultou a morte da infeliz rainha.

Será verdadeira a insinuação transparente ?



Para que se possa admittir e comprehender o enredo d'esta tragedia é necessario retroceder dez annos, e recordar factos anteriores e designadamente os preliminares do tratado de Cateau-Cambresis, em vida de Maria, a rainha de Inglaterra, segunda mulher de Philippe II.

Por estes preliminares tinha-se estipulado como meio de assegurar a paz futura entre a França e Hespanha, que D. Carlos, principe das Austrias, casaria com a princeza Isabel de Valois. Os dois jovens eram quasi da mesma idade e o casamento promettia ser por todos os motivos conveniente e auspicioso. Estava-se aproximando o complemento do tratado quando a rainha de Inglaterra morreu.

Filippe II ficára de novo viuvo. Antes mesmo que sua infeliz e abandonada mulher ingleza tivesse dado o ultimo suspiro, já elle estava em vistas de lhe dar successora. O primeiro offercimento fêl o á irmã da sua mulher morta. Contrariado n'esse intento, voltou-se para a joven de Vallois. Com uma brutal penada roubou a noiva ao filho. Quando finalmente foi ractificado o tratado, o nome de Philippe tinha sido substituido pelo de Carlos.

D'aqui, pois, parece deduzir-se a resposta ao enigma, e encontrar-se a chave d'aquelle tragico odio entre pae e filho, que findou com a morte do mais fraco. Vêmos a historia desenrolada defronte de nós, como uma tragedia representada fóra do tablado. Quando Isabel veiu a principio para Hespanha, D. Carlos era muito novo ainda para sentir a sua perda. Mas logo que foi tendo mais annos e de dia para dia conhecendo e amando mais e mais a dôce e graciosa rainha, amargos pensamentos accordavam e se agglomeravam no seu espirito, quando reflectia que estava constrangido a adorar a distancia a propria noiva que lhe fóra destinada, debaixo das vistas ciumentas do pae rispido que lhe anniquilara aquelle risonho porvir.

Incautas palavras lhe escaparam na presença d'aquelles que depressa as iriam revelar ao desconfiado rei. Não menos incauta foi aquella violenta opposição ao casamento com a irmã de Isabel, que a propria rainha lhe sugge-

riu — bello estratagemas de um coração amavel para curar aquella louca paixão que lhe era dado só lamentar e perdoar.

A lingua diffamadora, que não poupa ninguém, ficou silenciosa para com a madrasta de D. Carlos. Vêmol-a andando entre o severo e opprimido decóro da côrte de Hespanha, sempre risonha e gentil, submissa ao sombrio marido, já meio velho, a quem foi dada na sua juventude e innocencia em nome da implacavel rasão do Estado. Philippe tratava-a com cortezia apparente, mas de fórmula alguma lhe era um marido fiel. A pobre menina viu-se abandonada e isolada n'um paiz estrangeiro, entre extranhos e espias, sem um unico amigo verdadeiro, excepto o indomavel e mal avisado rapaz, cujo infeliz amor por ella só creou um forte e vivo pezar para aquelle espirito tão sensivel. Assim ella passou uns annos bem attribulados, até que a morte veiu dar-lhe abençoado repouso.

Vêmos Philippe de pé, como uma sombra negra em logar escuso, vigiando o joven par a quem elle tão cruelmente separou, para satisfazer o seu capricho pessoal e egoista. Se os julga por si, sem duvida os crê culpados. Todo qualquer sorriso é notado, a mais simples palavra é tomada em intenção, até que tendo enchido o calice dos seus ciosos receios, elle decide comprehendere a sua encoberta e furtiva vingança.

Estão bem tomadas as precauções. Engana o irmão de uma das suas victimas, e o parente mais proximo da outra. Engana o Papa, e julga ter enganado o seu Creador. Comtudo, apezar de todas as suas precauções, um furtivo murmurar, levantando-se cada vez mais alto, accusa-o dos crimes commettidos secretamente, e um dia accorda achando o mundo todo a rodeal-o de accusações sinistras. A critica historica moderna, na sua tendencia rehabilitadora dos vultos mais odiosos, nega esta explicação psychologica do procedimento do rei Philippe e aceita para a morte de D. Carlos a razão do Estado, como razão suprema, n'um juízo implacavel do despota.

Resta-nos accrescentar que antes de dezoito mezes passados, Philippe teve a ousadia de tomar para quarta mulher aquella mesma Anna que tinha sido promettida a D. Carlos, roubando portanto, ainda que na sepultura, pela segunda vez, seu filho. Cinco annos depois tendo-se afinal completado o vasto mosteiro do palacio do Escorial, os corpos de D. Carlos e D. Isabel, removidos dos seus jazigos temporarios, descançavam finalmente lado a lado na sua eterna morada.

(Segundo UPWARD e GACHARD).





Entre os diversos entretenimentos que tem occupado recentemente o tempo de repouso, em noites de inverno, ao serão de familia, tornou-se muito apreciado e seguido com insistencia o de compôr quadros a fumo sobre louça, produziudo os mais encantadores effeitos, estimulando as aptidões em concorrência de esforço inventivo e de habilidade.

TUDO quanto é preciso para executar estes trabalhos encontra-se em qualquer casa. Um prato, uma vèla accesa, um canivete, um ou dois pequenos pinceis e as pontas dos dedos de cada qual, constituem o instrumental completo, a ferramenta do artista pintor a fumo. Forçoso é possuir, sem duvida, uma certa habilidade artistica para conseguir resultados apreciaveis; mas, como a habilidade se adquire com a pratica, ninguém deve ter receios de experimentar o novo entretenimento que apresentamos aos nossos leitores.

O methodo de trabalho é extremamente simples. E' preciso explicar-se, em primeiro logar que a producção das pinturas a fumo, se obtem por um processo inverso d'aquelle que se usa para os outros generos de pintura ou de desenho.

Ordinariamente os artistas pintando a oleo, miniaturistas ou desenhistas de branco e ne-

gro, conseguem os effeitos accumulando a tinta, a cõr; o artista de fumo fixa-os enfraquecendo as sombras. Para esclarecer quanto possivel a nossa explicação, vamos tentar instruir os que desejarem experimentar a mão n'um primeiro ensaio. Tire-se do aparelho de louça da casa ou adquira-se para o effeito um prato branco; e com o auxilio d'uma vèla accesa, um simples pavio ou phosphoro de cera, fume-se a superficie do prato igualmente, mas não

carregada de mais. O prato deve estar completamente limpo, lavado a preceito e sem a mais leve sombra de gordura ou de humidade; aliás seria desastroso o resultado. Fumado convenientemente o prato, está este prompto para n'elle se fazer a pintura, trabalhando sobre a superficie preta com pinceis



seccos, as pontas dos dedos, o canivete, qualquer outro utensilio como um palito, ou canudillo de papel enrolado ou ainda outro qualquer meio que possa suggerir a imaginação, como mais apropriado para obter o exa-

cto effeito desejado. Com quanto no principio se experimente certa difficuldade em conseguir exito,



a repetição paciente das tentativas revelarão depressa os methodosa adoptar e mostrarão

a possibilidade e o prazer que ha em trabalhar por este extravagante processo. Se o prato tiver recebido muito fumo n'alguns pontos ou precisar mais em outros, deve-se-lhe applicar novamente a véla e assim podem ser obtidas as mais variadas graduações de tons pela habilidosa manipulação da chamma.

Uma das gravuras que acompanham este artigo mostra exactamente a maneira como se ha de fumar o prato, e n'outra está um dos mais apreciados *fumoplatistas* trabalhando n'um delicado e pequeno estudo.

Sim, muito bem, dirá o leitor; mas de que serve a pintura quando se tiver finalizado? O fumo tem o feliz condão de se «apagar» com o mais leve attricto; merece acaso a pena perder tanto tempo a trabalhar para resultado tão fugitivo? — Socegue, leitor sceptico, que o resultado póde deixar de ser improficuo. As pinturas a fumo podem ser fixadas e assim — se forem boas — podem ficar como preciosidade reservada aos vindouros, para todo o sempre. Nas paredes dos *ateliers*, ou antes dos *studios*, como é mais moderno dizer-se, da maior parte dos artistas, de que damos aqui algumas reproducções indicativas, ha collecção de pratos que excitam invejas nos corações dos menos inclinados a este peccado mortal. Muitas pinturas a fumo conservam-se ciosamente como se fossem «velhos mestres.»

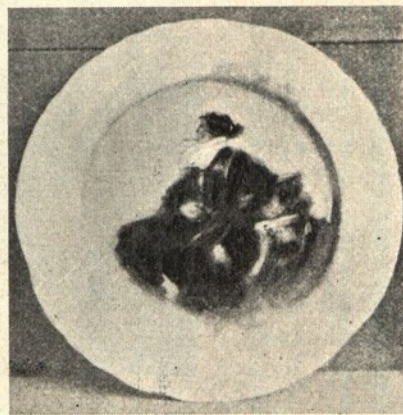
Para fixar a pintura, quando acabada, deve aquecer-se o prato, segurando-se na borda e deitar-se sobre elle todo, n'uma rapida passagem, um verniz negativo incolor, tendo em baixo um balde ou similar receptaculo onde possa cair o accesso de verniz, o qual secca

de repente, e nada ha mais a fazer senão collocar a pintura em posição apropriada para ser admirada.

As diferentes photographias de pinturas a fumo que illustram este artigo, foram escolhidas de molde a dar aos nossos leitores indicação dos generos a estudar. Ha pouco ainda o *Sketch Club* de Londres realizou alguns serões de fumar pratos, com o fim de praticar este novo estylo d'arte, e n'elles se entretiveram alguns dos melhores e mais conhecidos illustradores inglezes.

Devido á novidade do processo, as placas de fumo promettem vir a ser uma decoração de moda. As pinturas são suaves e delicadas no effeito egual ao mais fino trabalho a lapis. Quando alguém tiver verdadeiramente estudado os rudimentos da arte apresentados n'este artigo, contanto que possua a sufficiente concepção artistica, não deixará de dedicar as longas noites de inverno n'uma occupação que não só proporciona um agradável e economico divertimento, mas ao mesmo tempo um meio rapido de embellezar a propria casa. Uma outra recommendação importante a seu favor, é poder-se applicar este trabalho com egual facilidade a objectos de vidro.

Não são apenas as paisagens, as marinhas, ou trechos de cidade os assumptos a escolher para a composição dos quadros a fumo. Os mais habéis artistas no genero atacam motivos de estudo mais complexos, como o retrato de que damos reproducção na vinheta onde se descobre, apesar das suas dimensões reduzidas, o perfil caracteristico de Sarah Bernhardt, a genial artista; ou como o retrato a Rembraudt, de que apresentamos n'outra illustração uma cabeça, cuidadosamente estudada e executada por quem maneja o pincel com egual mestria.



Outros dedicam-se á caricatura expressiva, e ainda á decoração complicada, phantasis-ta, desenhada em arabescos kaleidoscopicos, mais ou menos graciosos ou excentricos, re-

cordando no effeito trabalhos de talha em relevo, medalhões esculpidos, ornatos bisantinos, emfim, infinito numero de motivos que a imaginação, o gosto, a predilecção de cada qual suggerir para este educativo passatempo de quem sabe desenho.

Acreditado o processo pelo uso que d'elle fizeram os mais notaveis artistas inglezes, desenhistas de fama, pintores da academia, o entretenimento passou aos salões onde naturalmente vivem as discipulas. E os delicados dedos delgados de rosadas e finas mãos patricias não duvidaram mascarar-se no fumo depositado pela vela sobre a superficie d'um prato, em busca d'um effeito de luz nos desenhos que primeiro copiam para exercitar a habilidade e adquirir a necessaria destreza, até chegar á composição espontanea e livre que caracteriza a verdadeira artista.

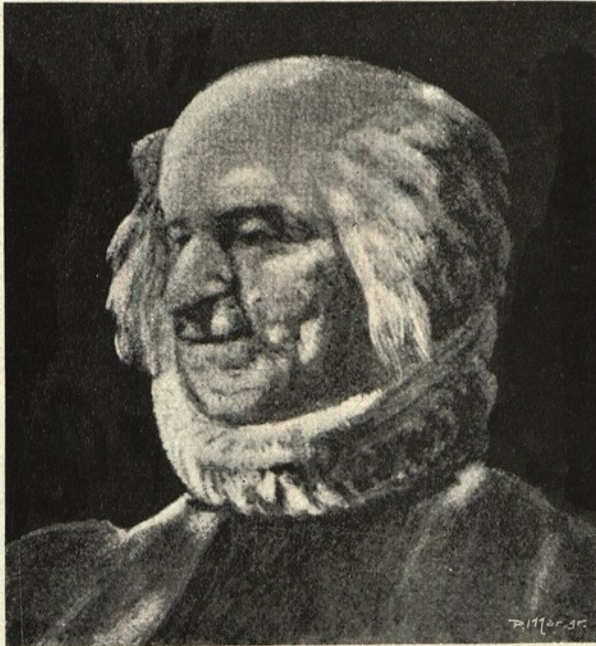
A modesta exigencia de preparos, que requer o processo, tornou-o adoptavel ao salão, facilmente executado sobre a meza redonda do canto, á luz do candieiro de Carcel, montado em colorida jarra do Japão, defendido pelo gracioso *abat-jour*, que tambem, repetidas vezes attesta nas finas aquarellas da sua decoração circular o gosto das dónas de

casa que o pintaram. E alli, entre o florear das conversas, em estimulado concurso de destreza, se procura arrancar da negra camada de fumo um effeito de luz, uma visão d'arte, subtil, expressiva.

Por vezes, entre risadas *crystallinas*, n'uma franca expressão de intimidade, como o gorgear de passaros no desabrochar da primavera, faz-se a critica severa da mão menos destra que sobre o fumo deixou marca indelevel, irremediavel, a inutilisar tentativas que aspiravam a consagração gloriosa.

Outras vezes, uma exclamação expressiva e hilariante denota a descoberta d'um pequeno botão negro em face rosada, descuido em pousar o pequenino dedo como ponto de apoio á attitude melancolica ou reflexiva.

Um ou outro vestigio de verniz ou de negro de fumo apparece disperso sobre a cachemira do chaile bordado a matriz ou sobre a seda adamascada da colcha da India que recobrem as mezas do serão. Mas em tudo isto está a graça do entretenimento, a pequena contrariedade a aguçar novos estímulos, o riso sincero a polvilhar a rudeza do trabalho afincado e sério...



NO CAMARIM AZUL



QUADRO DE DANTE-GABRIEL ROSSETTI

«Este celebre preraphaelista inglez comprehendeu que a epoca plastica da pintura havia pasado ; que tendo deixado o corpo humano, o seu vigor e sua belleza, de ter a estima d'outr'ora, o unico objecto da arte não podia ser a simples representação d'aquelle ; que n'uma epoca toda intellectual a pintura deveria procurar outro ideal que não fosse a forma pura e que esse ideal só podia ser a expressão. As suas figuras têm uma immobildade, um silencio, uma attitude suspensa, uma lenta hesitação nos seus raros movimentos que parecem figuras de sonho pousadas perante a imaginação, sem precisão de contornos.» Esta é a segunda gravura que reproduzimos d'este eminente pintor que tanto influiu nas nossas escolas d'arte, como nas litterarias, que elle era a um tempo um verdadeiro poeta. A primeira gravura reproduzindo a PROSERPINA, foi publicada no n.º 7 dos SERÕES e iremos assim colleccionando as suas caracteristicas figuras de mulher.

MODAS

EMBORA a moda, de sua natureza volúvel e inconstante, mude quasi diariamente no principal intuito de produzir trabalho em variados ramos de actividade industrial que ella estimula e entretem, fazendo coucorrer a vaidade tão humana e tão comprehensivel na belleza feminina em beneficio de muitos; embora, pois, a moda apresente sempre novos aspectos e novas resoluções dos complicados problemas do atavio garrido, épochas ha no anno em que aquella actividade febril esmorece e quasi se retrahae completamente. E' no periodo mediano entre as estações que mais se acentua e define aquelle natural abatimento.

Ha uma certa hesitação no caminho a seguir; ainda não estão experimentadas, não obstante serem conhecidas dos mestres da

da moda, deu a sua plena approvação a este ou aquelle modelo, a este ou aquelle genero ou estylo que venha depois a predominar, senão exclusivo, pelo menos bem patricionado. Assim as illustrações, que seguem, destinam-se a preencher este tempo de hesitação, sem inculcar mudanças acentuadas.

Tem-se notado menos procura no genero *tailleur*, mas prevê-se que pelo progressivo desenvolvimento que dia a dia vae tomando o exercicio *sportivo*, o vestuario feminino terá de se adaptar a este genero. Os veludos e as rendas continuam a predominar; e o vestuario completo, que parece será mais preferido na proxima estação, ainda não consegue vencer a lueta com o formado por corpo e saia, visto que permite na diversidade de tecidos

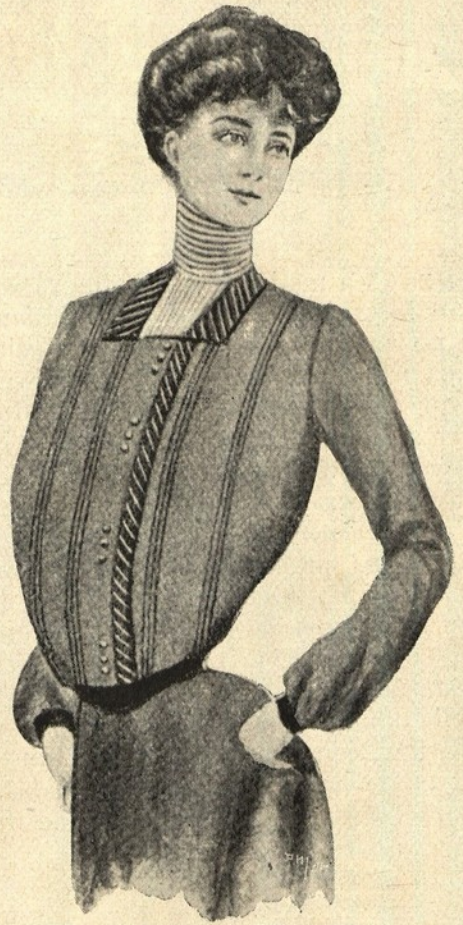
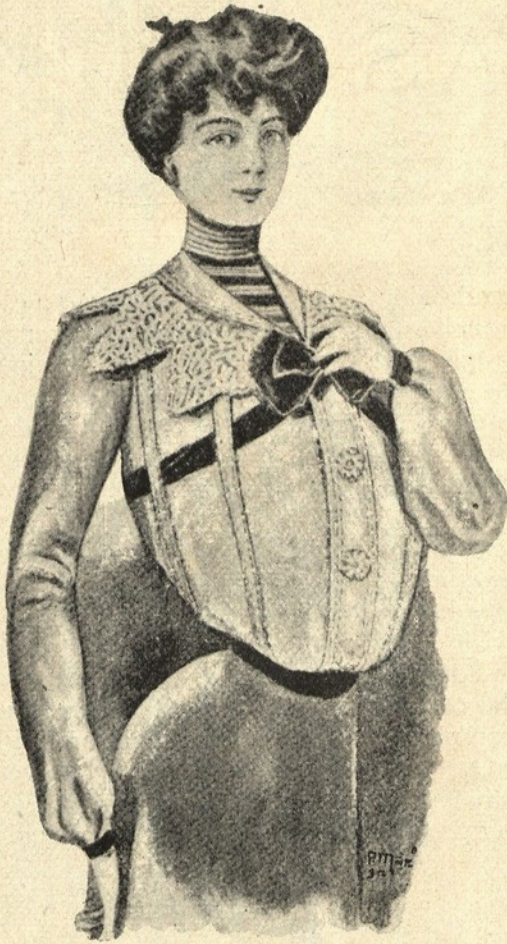


arte, as novas fazendas a adoptar na proxima primavera; ainda o bom gosto d'uma mundana, que reja imperiosamente os caprichos

e de formas, como blusa, bolero, casacos fingidos, variar muito a *toilette* e fazer realçar os encantos naturaes da mulher.

As illustrações que publicamos são destinadas a dar idéa geral do genero de *toilettes*

Blusa de seda, enfeitada com uma tira debruada levemente cosida sobre a seda, dei-



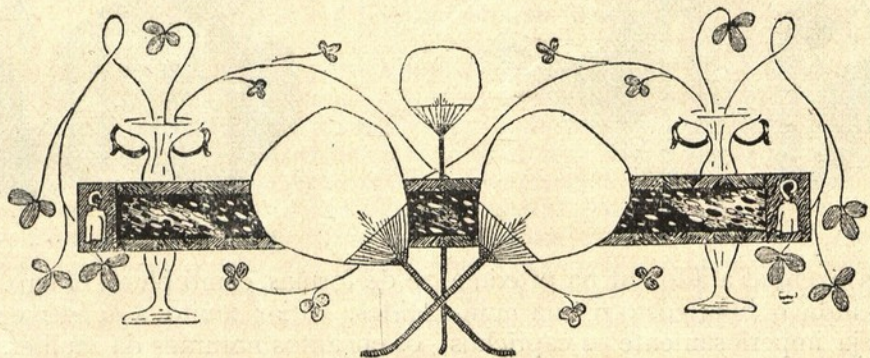
mais usados n'este periodo transitorio da moda, enquanto se não define aquella que deverá imperar na proxima primavera. Damos resumida descripção d'ellas e pela ordem em que vão collocadas.

Mostra a primeira um corpo de *soirée* de cambraia branca, salpicada de pintas pretas, enfeitado de velludo e rendas.

Mostra a segunda um corpo de cambraia leve branca transparente applicada sobre seda branca enfeitado e ajustado com umas bandas de renda antiga.

xando intervallos para deixar passar as bandas de velludo preto que vão em volta até as costas, finalizando em laço. Nos hombros uma gola voltada e adornada com uma larga renda em bicos. Fecham o corpo na frente botões de aço cinzelado ou recortado. A camisinha interior de cambraia é em pregas com fitinhas de velludo preto atravessadas.

Uma elegante blusa de flanela enfeitada com listas de velludo. O corpo cortado em quadrado na frente deixando ver uma camisinha em pregas de seda branca.



METEOROLOGIA

Observatorio do Infante D. Luiz

Janeiro	Barometro		TEMPERATURA						Chuva		Ozone	
	Nivel do mar		às 9 h. da manhã		maxima		minima		Millimetros		Graus	
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	768,9	771,7	8,9	7,8	14,6	13,0	7,8	7,0	0,0	0,0	7,5	7,2
2	766,8	773,9	8,0	9,5	14,6	12,2	9,9	8,5	0,0	0,3	0,5	2,5
3	763,2	772,0	9,2	12,3	14,0	16,2	8,4	11,0	0,0	0,1	5,3	9,5
4	764,4	769,0	6,4	9,9	11,9	10,0	2,9	8,8	0,0	0,2	5,2	5,8
5	763,7	769,7	5,4	10,7	11,0	16,1	4,2	9,1	0,0	0,0	6,3	5,8
6	752,6	770,5	10,2	8,5	11,5	13,6	4,2	7,7	8,3	0,0	10,0	5,7
7	758,9	773,5	5,1	8,7	9,6	14,9	3,8	7,5	3,0	0,0	5,5	7,7
8	757,8	774,3	12,4	6,7	14,4	12,2	9,0	5,4	14,5	0,0	9,8	6,5
9	762,4	774,7	12,2	6,3	12,9	11,6	7,8	5,4	1,5	0,0	7,7	5,3
10	762,2	771,4	9,3	5,6	11,8	12,7	7,6	4,7	6,7	0,0	9,5	4,2
11	767,1	766,6	8,3	10,0	11,9	14,4	6,9	9,7	0,4	0,2	5,5	4,0
12	767,7	764,5	7,6	11,6	12,7	12,1	2,7	11,2	0,0	16,0	3,8	0,5
13	767,7	765,6	7,0	10,7	13,6	14,3	6,1	10,9	0,0	0,6	0,5	4,3
14	766,1	767,6	10,2	11,4	13,9	12,0	9,3	10,9	0,0	0,8	6,7	5,7
15	758,7	774,4	12,7	10,0	16,3	14,5	12,1	8,0	5,1	0,0	9,3	6,8
16	762,7	772,7	13,9	7,2	15,2	14,2	12,2	6,3	15,2	0,0	8,7	7,2
17	767,2	772,4	12,5	6,8	13,8	9,0	10,1	6,4	10,2	0,0	8,5	7,0
18	771,3	709,6	9,4	8,5	12,8	12,9	8,0	8,0	0,0	1,0	5,8	7,0
19	763,8	772,4	10,2	0,4	13,4	13,0	8,2	9,0	0,0	0,0	6,2	5,3
20	762,0	772,6	10,5	7,0	15,0	11,9	9,6	6,0	35,9	0,0	7,8	7,8
21	771,1	772,3	10,0	5,9	15,3	13,0	9,5	6,2	0,0	0,0	9,7	6,2
22	771,0	769,8	9,0	7,7	14,5	11,5	7,8	7,2	0,0	0,0	8,0	4,5
23	771,7	767,3	9,1	5,9	13,6	11,9	9,1	2,4	0,0	0,0	5,0	4,0
24	772,1	767,7	9,6	8,1	15,8	14,1	8,7	6,7	0,0	0,0	5,0	5,8
25	775,7	768,7	11,8	11,0	16,0	13,3	10,9	0,3	0,0	0,0	0,3	7,2
26	777,9	771,0	10,7	9,2	14,3	12,8	0,6	8,1	0,0	0,0	8,5	7,5
27	772,4	770,4	10,1	7,7	15,0	12,7	8,1	4,9	0,0	0,0	7,0	8,5
28	772,0	767,6	8,6	10,0	13,9	14,4	6,9	7,6	0,0	0,0	8,2	8,8
29	768,5	767,0	10,7	11,8	13,4	14,6	9,2	9,0	0,0	0,3	7,8	9,7
30	762,5	760,7	11,1	6,4	12,0	10,2	7,6	6,0	0,0	0,0	9,0	9,0
31	754,5	765,0	6,9	5,8	7,6	8,1	2,7	4,3	0,0	0,0	8,2	6,5

VARIEDADES

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

DEZEMBRO 26 — *Portugal* — É publicado no *Diario do Governo* o decreto reorganizando os serviços de saúde e de beneficência pública. — *Chili* — O Chili aceita a modificação das suas propostas pela republica Argentina. — *Italia* — Cahe um violento cyclone sobre a cidade de Napoles, derrubando algumas casas e matando trinta pessoas. — *Japão* — O parlamento vota as propostas financeiras do seu governo.

27 Irlanda — A municipalidade de Rosse-dom resolve cortar todas as relações officiaes reconhecidas como um serviço a Eduardo VII de Inglaterra por as considerar como um signal de escravidão á nação inimiga. — *Suissa* — Abre-se em Basiléa o congresso sionista com uns 1:000 assistentes, a ordem do dia comprehende questões de regeneração da raça israelita sob o ponto de vista corporal, intellectual e economico.

28 Portugal — São publicadas no *Diario do Governo*: a reforma da universidade de Coimbra, da direcção geral de instrução pública, do conselho superior de instrução pública, do curso superior de letras, das bibliothecas e archivos nacionaes, da Imprensa Nacional e da instrução primaria. — *Inglaterra* — Algumas companhias de Londres celebram um contracto com Marconi para o estabelecimento do telegrapho sem fios entre New-York e New-Haven. — *Italia* — As grandes chuvas inundam as partes baixas de Roma pela cheia do Tibre, e a cidade de Pisa pela cheia do Arno. — *Africa* — Cae sobre Saffi uma tromba d'agua que alaga a cidade baixa até á altura de 3 metros, perecendo afogadas mais de 200 pessoas e tendo desaparecido a alfandega e todos os armazens.

29 Afghanistan — O emir promette aos principes chefes que protegerá o paiz contra a invasão estrangeira e que prohibirá que se construam caminhos de ferro e telegraphos. — *China* — Regressam a Pekin 2:000 soldados chinezes. — *Corêa* — O governo da Corêa au-

ctorisa o Japão a estabelecer um cabo entre Chenulgo e Fusan.

30 Portugal — É publicado no *Diario do Governo* o decreto relativo ás reformas da fazenda e á reforma e reorganisação do serviço das alfandegas e da guarda fiscal. — *Russia* — A Russia resolve dissolver os regimentos finlandezes, por causa dos officiaes que recusam obedecer ao tzar. — *China* — A população de Shangae assassina numerosos convertidos. — *Belgica* — Realisa-se um grande comicio internacional em Bruxellas, no qual cada delegado socialista expôz as reivindicações dos seus nacionaes e approva uma ordem do dia dizendo que a crise economica europêa é o resultado do regimen perturbador da produção, ao qual os socialistas porão termo. — *Cuba* — O povo cubano faz uma estrondosa manifestação aclamando o sr. Palma como presidente da republica cubana.

31 Portugal — São publicados no *Diario do Governo* os decretos sobre a reforma da agricultura e organisação dos serviços da secretaria das obras publicas e organisação do pessoal dos telegraphos, correios e fiscalisação de industrias electricas. — *Hespanha* — O duque de Veragua apresenta a sua demissão por motivo de não serem approvados em votação definitiva os creditos da marinha. É encerrado o congresso. — *França* — O tribunal da Relação sentenciando no pleito do *Figaro*, ordena que os gerentes Perivier e Rodays devam no praso de 8 dias entregar a gerencia do jornal ao sr. Prestat, presidente do conselho fiscal

JANEIRO 2 — *Portugal* — Abertura solemne do parlamento em Lisboa. — *Hespanha* — Celebra-se um *meeting* de cigarreiras em Madrid, dirigindo-se depois á presidencia do conselho pedindo a reintegração das companheiras demittidas.

4 Nicaragua — O tratado firmado pelos Estados-Unidos e Nicaragua concede aos americanos jurisdicção completa em uma zona de

6 milhas desde o Atlantico ao Pacifico. — *Bulgaria* — O novo gabinete bulgaro é constituído como segue: o sr. Danef, presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros; o sr. Sarafof ministro do interior e da fazenda; o sr. Paplilzof ministro da guerra. Todos os ministros são tsankovistas. — *Republica Argentina* — Aggrava-se de novo o conflicto chileno-argentino por causa dos processos diplomaticos usados pelo Chili. A Argentina considera exgotados os meios pacificos, e ordena ao exercito e á marinha que se mobilisem em pé de guerra. — *Panama* — O secretario da companhia do canal inter-oceanico do Panamá informa o almirante Waltker de que a companhia está prompta a ceder todos os seus direitos mediante 40 milhões de dollars.

6 *Prussia* — Produz-se uma manifestação anti-germanica em Syduhunes proximo á fronteira russa, tendo a multidão apedrejado os edificios publicos. — *Mexico* — O congresso pan-americano approva as propostas das republicas do Haiti e do Equador, estabelecendo que os actos criminosos dos inimigos da sociedade não sejam considerados attentados politicos, approvando tambem a proposta da republica de Venezuela tendente a supprimir a pena de morte no caso dos criminosos serem extraditados de paizes onde não exista a mesma pena. — *França* — O congresso de 2:000 viticultores celebrado em Pezenas pronuncia-se a favor de premios aos vinhos destinados á distillação e de abatimento de direitos para os vinhos de consumo.

7 *Inglatterra* — Jorge Lloyd consegue realisar um comicio em Bristol a favor dos boers, não obstante a hostilidade da maior parte da multidão, sendo votada uma ordem do dia protestando contra a guerra de extermínio e pedindo se estipule uma paz honrosa. — *Estados-Unidos* — N'uma reunião presidida por Bryan é unanimemente votado que se peça ao presidente da republica que intervenha na guerra da Africa do Sul e impeça a remessa do gado cavallar e muar. — *França* — O censo da população de Paris, de 1898 a 1901, accusa um augmento de 444:713 almas. — *Estados-Unidos* — Os organizadores da exposição de S. Luiz offercem um premio d'um milhão de dollars ao inventor d'um balão dirigivel. — *China* — Os ministros resolvem estabelecer guardas nas legações de Pekin para evitar a possibilidade de collisões entre soldados chinezes e estrangeiros. Em Nin-y-Chung rebentam desordens entre os marinheiros do cruzador americano e os soldados russos, resultando varios feridos. — *Chili* — O governo chileno acquiesce aos pedidos da Republica Argentina a respeito do recente protocollo.

8 *Africa* — Os principaes chefes da kabila Benminsara dirigem-se a Liano, onde se concentram as tropas do sultão, e degolam rezes como signal de submissão. — *França* — Confirma-se a existencia de um tratado entre a França e a Italia compromettendo-se os francezes a reconhecer a supremacia sobre o Tripoli — *Afghanistan* — O vice-rei da India e o emir do Afghanistan assignam um tratado

muito favoravel aos interesses britannicos. — *China* — A imperatriz ordena que Tung-Fuh-Gianga, responsavel pelos assassinios dos missionarios belgas, seja decapitado.

9 *Estados-Unidos* — Roosevelt nomeia o negro Crossland ministro dos Estados-Unidos na Liberia. — *Inglatterra* — A grève sustentada por 120:000 mineiros do districto de Monthontshire tem a solução desejada, isto é, o augmento de salarios. — *Republicas hespanholas* — Rebenta uma revolta em Bogotá, sendo presos pelos revoltosos o sr. Marroquin, presidente da republica da Columbia. Rebenta uma revolução no Paraguay, sendo preso o presidente da republica, o exercito é favoravel a esta revolução dirigida pelos ministros da guerra e da fazenda. É resolvida a questão do caminho de ferro allemão; a republica de Venezuela pagará as devidas indemnisações. — *Republica Argentina* — A camara dos deputados vota o restabelecimento de 10 por cento sobre importações, os direitos alfandegarios serão pagos em ouro. — *Estados-Unidos* — A camara dos representantes approva por 308 votos contra 2 o projecto de lei relativo ao canal de Nicaragua.

10 *Allemanha* — Nas escolas publicas d'Elblings commettem-se inqualificaveis attentados, ascendendo o numero de victimas a 70.

11 *Portugal* — O *Diario do Governo* publica o regulamento das estampilhas fiscaes, recentemente creadas.

12 *Chile* — O congresso chileno auctorisa um emprestimo de 62.500.000 pesos para compra de material de guerra. — *Russia* — Manifesta-se um grande incendio no asylo dos pobres de Rotsdeswensy, perecendo 12 pessoas e ficando muitas gravemente feridas. — *Italia* — Despenha-se um comboio d'uma ponte suspensa sobre a torrente de Cilla Reys, proximo de Brindisi, perecendo bastantes pessoas.

13 *Estados-Unidos* — O sr. Mason apresenta ao senado uma proposta tendente a que se tomem em consideração os tratados de reciprocidade para serem postos em vigor no fim da sessão parlamentar.

14 *Italia* — O papa nomeia uma commissão internacional, presidida pelo cardeal Parochi, para estudar a interpretação da Biblia. A interpretação que a commissão proporá será adoptada como official para todo o orbe catholico. — *Austria* — Trasporda-se o Danubio, espriando-se em grandes inundações na Hungria meridional. — *Africa* — O sr. Max-Régis, radical anti-semita, é preso em Argel para cumprir a pena de tres annos de prisão, em consequencia de não ter pago as multas a que foi condemnado em diversos processos de diffamação. — *Portugal* — E' apresentada ás côrtes, pelo ministro da fazenda, a proposta da lei do orçamento. — *Bohemia* — Inunda-se a mina Jupiter, em Bruex, ficando afogados 44 mineiros. — *Inglatterra* — O conselho de ministros decide que, se forem mantidos os premios de exportação ao assucar pelas nações estrangeiras, a Gran Bretanha imporá ao assucar direitos aduaneiros equivalentes a esses premios.

15 Estados Unidos — Uma poderosa companhia sino americana, cujo fim é fomentar o commercio *yankee* no extremo oriente, eleva o seu capital a 15 milhões de dollars. — **Hespanha** — Em consequencia da municipalidade de S. Sebastian ter abolido a luta dos bois ensogados, produzem-se manifestações tumultuosas contra a administração, tendo os manifestantes assobiado as auctoridades e apedrejado alguns edificios publicos. — **Italia** — Nas egrejas de Leorne e Bari e outras povoações levantam-se e desenvolvem-se scenas tumultuosas entre catholicos e socialistas por causa da lei do divorcio. O governo prohihe que os prelados preguem nos templos contra o divorcio. — **França** — Os tribunaes de Paris intimam os jesuitas a abandonar as cadeiras que occupam no Instituto Catholico. Os tribunaes de Lyon, Bordeos e Marselha procedem egualmente contra os jesuitas.

16 Inglaterra — Sessão solemne da abertura do parlamento com a presença do rei Eduardo VII e da rainha Alexandra. — **França** — O senado reelege seu presidente o sr. Fallières. — **Canarias** — Desencadea-se um violento cyclone em Las Palmas, chegando a cahir areia procedente do Sahara e produzindo bastantes estragos e varios naufragios.

17 Estados Unidos — A commissão do senado propõe reduccão de direitos sobre os productos das Filipinas. — **Italia** — Produz-se uma profunda scisão nos socialistas italianos, dividindo-se em dois grupos: revolucionarios e reformadores. — **Mexico** — Produz-se um violento tremor de terra que dura 22 segundos, morrendo 300 pessoas, e ficando feridas outras 300, e causando immensas perdas materiaes no Estado de Guerrero.

18 Inglaterra — Celebra-se em Wellington uma *meeting* monstro com o fim de protestar contra os ataques do estrangeiro á politica da Inglaterra na Africa do Sul, votando-se conclusões de que nunca houve guerra mais humana que a actual. — **Hespanha** — Produz-se uma enorme explosão nas caldeiras da fabrica de tecidos de algodão do banqueiro Jover, em Positvilmnara, ficando destruido todo o edificio e ascendendo o numero dos mortos e feridos a 120. — **Mexico** — O congresso panamericano approva a resolução de as republicas americanas adherirem ás bases do convenio de Haya, relativo á arbitragem. Sente-se um novo tremor de terra em Chilpanciogo, tendo desabado numerosos edificios ficando mortas 9 pessoas e feridas muitas outras. — **Estados-Unidos** — O presidente Roosevelt ordena que se reembolse a China da quantia de 1.376.000 dollars, representando o valor tomado pelas tropas americanas em Tien-Tsin. — **Chile** — São assignadas sem alteração as actas do accordo chileno-argentino.

19 Hespanha — Os estudantes catholicos de Valencia promovem graves disturbios na occasião em que o ministro de instrucção publica se dirigia para a Universidade para presidir á distribuição dos premios, havendo tiroteio de pedradas e ficando muitas pessoas feridas.

20 Hespanha — O embaixador de Hespanha junto do Vaticano, D. Alexandre Pidal, é demittido em consequencia das censuras que dirigiu a Sagasta n'uma entrevista com um redactor do *Heraldo*. — E' destruido por um incendio o theatro de Alcoy. — **Allemanha** — Um incendio destroe quasi completamente o theatro de Stuttegard. — **Estados-Unidos** — O presidente Roosevelt transmite ao congresso o relatorio da commissão do canal isthmico, relatorio que é favoravel ao traçado de Panamá. — O senado examina o projecto de lei relativo ás ilhas Filipinas emendado pela camara dos representantes.

21 Inglaterra — Chamberlain telegrapha para a Australia e Nova Zelandia pedindo a cada uma d'aquellas colonias que envie 1:000 homens de reforço ao exercito inglez na Africa do Sul. — O conde de Rosebery pronuncia um discurso em Edimburgo em que assignala e proclama a decadencia do parlamento inglez. — **Italia** — Rebentam em Roma grandes desordens entre estudantes socialistas e monarchicos por estes impedirem que o deputado Ferri desse aula, ficando bastantes feridos. A universidade foi encerrada. — **França** — O deputado republicano Etienne, representante de Oran, declara approvar a politica seguida ha 20 annos com relação a Marrocos e queixando-se de que a diplomacia ingleza suscite ainda contestações em diversos pontos. — **Suecia** — Na occasião em que o rei Jorge passeiava no Jardim Zoologico de Athenas, um avestruz, furioso, accommette o soberano, tendo de intervir o director do estabelecimento. O rei ficou ferido n'um braço. — **Noruega** — O parlamento norueguez approva o projecto de lei auctorizando as mulheres a advogar nos tribunaes.

22 Italia — Realisa-se em Roma um comicio promovido por 10:000 operarios sem trabalho, decidindo provocar a gréve geral se o governo insistir em não promover obras publicas. — **Hespanha** — O ministro da fazenda lê no congresso a proposta de lei limitando a circulação fiduciaria do Banco de Hespanha. O governador do Banco sr. Rio Gullon pede a sua demissão. — **Austria** — A archiduqueza Isabel Maria renuncia solememente aos direitos do throno por motivo do seu proximo casamento com o principe Otto de Windisch-Grätz. — **França** — Dá se uma explosão de torpedos a bordo do couraçado *Jaurreguiberry* durante as manobras de lançamento no golpho de Gasconha, ficando ferido um marinheiro.

22 Africa — Rebenta um violento incendio ao centro da Cidade do Cabo, produzindo enormes estragos e cujas perdas são avaliadas em 4:000 libras.

23 Austria — Celebra-se em Holburg o casamento da archiduqueza Isabel Maria com o principe Otto de Windisch-Grätz, assistindo á cerimonia o imperador Francisco José, os archiduques e os altos dignatarios da côrte. — **França** — A camara dos deputados approva uma moção do deputado socialista Bourrat, convidando o governo a apresentar um projecto de lei para o resgate pelo estado dos ca-

minhos de ferro de oeste e do sul. — *Hungria* — Um violento incendio destroe uma grande fabrica de moagens em Buda-Pesth. Os estragos são avaliados em mais de 3 milhões de florins.

24 França — Um incendio, attribuido a malvadez, destroe grande parte da floresta dominical de Perpignan. — A assembléa geral do *Figaro* elege seu director gerente o sr. Calmette, antigo secretario da redacção. — *Estados-Unidos* — E' assignado o tratado de cessão das Antilhas dinamarquezas aos Estados-Unidos por 5 milhões de dollars. — Dá se uma explosão na hulheira de Lost Creek, ficando soterrados 26 mineiros. — *Portugal* — Sente-se um abalo de terra em Lisboa e nas provincias do sul.

25 Africa — O conselho municipal de Oran approva a manutenção da lei de 1889 sobre a naturalisação na Argelia. — *França* — O *Figaro* declara-se periodico independente, sem pertencer a nenhum partido politico. — *Allemanha* — O governo, no sentido de conjurar a crise operaria, ordena que se activem novas construcções, para o que se vota pelo parlamento a verba de 150 milhões de marcos. — *Italia* — Produz-se nova erupção no Vesuvio, arrojando enorme quantidade de materias incandescentes e torrentes de lavas. — *Brazil*. — E' nomeado o ministro Epitacio da Silva Pessoa para membro do supremo tribunal de justiça.



THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante o mez de Dezembro

DEZEMBRO 27 — **CAPITÃO THEREZA**, opereta de Alexandre Bisson, traducção do sr. Sousa Bastos (Theatro da Avenida).

28 — **SUAVE MILAGRE**, mysterio, do sr. conde de Arnoso, com versos do sr. Alberto de Oliveira e musica do sr. Oscar da Silva, extrahido de um conto do fallecido escriptor Eça de Queiroz (Theatro de D. Maria).

28 — **ARTE NOVA**, revista do anno de 1901, do sr. Accacio de Paiva, com musica do maestro Thomaz Del-Negro (Theatro da Trindade).

31 — **SEMI-VIRGENS**, peça em 3 actos, de Marcel Prévost, traducção do sr. Mello Barreto (Theatro de D. Amelia).

JANEIRO 8 — **O ALFENIN**, drama em 5 actos, do sr. Lopes de Mendonça (Theatro do Principe Real).

18 — **TIÇÃO NEGRO**, farça lyrica em 3 actos, do sr. Henrique Lopes de Mendonça, com musica do maestro Augusto Machado (Theatro da Avenida).



NECROLOGIA

DEZEMBRO 27 — **HENRI FOUQUIER**, 65 annos, em Paris, eminente critico e uma das mais brilhantes pennas da França, auctor de varias obras, entre ellas os *Estudos Artisticos*, a *Arte official e a liberdade*, *No seculo passado* e a *Sabedoria parisiense*.

JANEIRO 8 — **JOAQUIM MOUSINHO DE ALBUQUERQUE**, em Lisboa, o heroe de Chaimite e captor do Gungunhana (por suicidio).

«Se havia alma complicada, amalgamada de elementos diversos, alma por assim dizer multanime, era a d'esse homem singular e estranho, que foi como um enygma vivo de psychologia. O commum da gente suppunha-o um *sabreur* temerario e duro, um temperamento aventureiro de *condottiere*, uma natureza auctoritaria de homem de mandõ allumiada por um entendimento claro e uma razão forte. E a estes quatro deficientissimos traços limitava a representação imperfeita da sua individualidade, tão complexa e tão varia.

Pois esse homem de apparencia imperturbavel e fleumatica era um agitado, um exaltado, vibrando ao impulso das mais diversas paixões; essa energia inflexivel e imperiosa temperava-se, nos seus affectos intimos, com uma sentimentalidade quasi feminil, esse or-

gulhoso, esse desdenhoso, que parecia concentrar-se todo no culto no seu *eu*, era um compassivo cheio de rasgos de pura e silenciosa caridade; esse obstinado, esse teimoso era ás vezes docil como uma creança; esse homem de acção tinha indolencias, apathias de sonhador: esse soldado, affectando, como Napoleão, o desprezo dos ideologos, era um espirito tão fino como culto, uma rara intelligencia sempre em actividade, um curioso de ideias, um intellectual na mais pura accepção d'este termo; esse espirito positivo e forte era accessivel á influencia da imaginação illusoria; esse ambicioso era um desinteressado; essa vontade rectilinea e firme tinha collapsos, incertezas, desfallecimentos; esse animo de estoico sentia agudamente todas as angustias, as decepções, as melancholias da vida.

Em almas tão complicadas, constituídas por forças tão antagonicas, o equilibrio moral é sempre instavel — e isso que, á primeira vista, se nos affigura uma aberração, é, bem no fundo, um acto natural, porque não passa da brusca cessação d'um estado difficil de manter-se.

Emquanto os simples e rudes apparatus archaicos, inventados pelo engenho do homem primitivo, operam imperfeita, grosseira, mas seguramente, os complexos e maravilhoso-

«sos mecanismos creados pela industria moderna estão sujeitos a cada momento a desarranjos que os paralyssam, ou a desastres que de subito os destroem. O mesmo acontece com o nosso mecanismo psychologico. As almas simples offercem á vida, á fatalidade, á adversidade, á desillusão, uma resistencia que não têm as almas complicadas. D'ahi a vulgaridade d'essas crises intimas, d'esses desequilibrios, que nenhuma apparencia trae ou revela e que umas vezes se resolvem pela loucura, outras pelo suicidio.»

Eis o retrato psychologo que do prestigioso militar e heroe fez um dos seus mais intimos amigos, o sr. dr. Luiz de Magalhães.

9 — NAPOLEÃO VELANI, conhecido e distincto professor de canto em Lisboa.

18 — MARCHETTI, em Roma, conhecido compositor e presidente da Academia de Santa Cecilia.

19 — INFANTA CHRISTINA, em Madrid, irmã do fallecido rei Affonso XII, de Hespanha.



NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

LA LECTURA — *Revista de ciencias e de artes* — Madrid — Anno II, n.º 14 — Fevereiro, 1902 — Pest. 2,75. — Principaes artigos: *Sacrificios*, drama em tres actos, por J. Benavente — *O enigma de Antonio Perez*, por Martin Hume — *Sociologia em França*, por A. Posada — *Columbia University*, por Titz Gerald — *A politica governante*, por C. Sollorca.

Esta magnifica revista madrilena publica estudos muito interessantes dos quaes a enumeração supra dá uma idéa succinta. O artigo historico do escriptor inglez Hume sobre um dos mais discutidos dramas mysteriosos que tem aguçado a curiosidade dos investigadores — o assassinio de Escovedo, secretario de D. João de Austria, e consequentemente a perseguição encarnçada e incansavel que Philippe II exerceu, durante largos annos, sobre o seu secretario Antonio Perez — resume os factos conhecidos, impõe os acontecimentos, mas traz nova contribuição de documentos para a sua comprehensão e estudo. Os nossos leitores estão ainda recordados da narrativa que d'este mesmo caso aqui foi publicada e baseada em investigações d'um outro historiador inglez.

Ambos chegam a identica conclusão, embora divirjam em promenores, e em algumas

afirmações mais importantes, o que depende do numero de fontes consultadas e tambem da escola historica ou processo expositivo adoptado, firmando-se Hume na preferencia de valor attribuido a alguns d'aquelles documentos. Todavia o distincto historiador inglez chega á mesma conclusão interpretativa que os leitores já conhecem — que o mobil de perseguição do poderoso monarcha a Antonio Perez não foi propriamente pela morte de Escovedo, mas por o ter morto quando já não era necessario, servindo-se da antiga auctorisação real, e sobretudo enganando o rei no exercicio do seu elevado cargo de confiança.

Examina com larga proficiencia o sr. Posada, em um artigo, os trabalhos dos modernos sociologos francezes, que representam as correntes mais importantes d'esta sciencia n'aquelle paiz, e d'este exame critico conclue as provas da sua afirmação principal — a crescente complexidade da materia sociologica, o predominio do ponto de vista psychologico. A sociologia se não progride, transforma-se, e d'estas novas tendências e diversidade de interpretação dos problemas sociaes dá analyse reflectida o escriptor no artigo citado.



PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradável entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Edinol

Um novo revelador

Do *Photogr. Centralblatt* extrahimos a interessante communicação do dr. E. Englisch: «Se se attender ao grande numero de reveladores de que podemos dispôr, pode perguntar-se que interesse ha em introduzir outros novos. Entre os reveladores organicos ha-os de todos os generos, rapidos e demorados, citando entre elles os mais notaveis, taes como: a glycinia, o paramidophenol, o metol, o ami-

dol, tendo cada um d'elles as suas propriedades. Uma chapa correctamente exposta dá com cada um d'estes reveladores resultados igualmente bons, mas quando se trata de revelar chapas cujo tempo de exposição não é exacto, é então que se percebe que elles apresentam differenças sensiveis.

Assim, os reveladores demorados que são inferiores aos rapidos para as chapas cuja exposição foi diminuta (salvo no caso de revelação demorada) são os mais vantajosos para os negativos demasiadamente expostos, dos quaes se pôde por meio de uma dosagem apropriada

tirar um melhor partido do que com o emprego do amidol, o revelador rapido por excellencia.

Ha pois interesse em ter a par do paramidophenol ainda um revelador que se deixe facilmente modificar na sua acção, e por meio do qual se possa revelar rapida ou demoradamente á vontade do operador. Tal revelador é o chlorydrato do alcool p. amydo-oxybenzyllico, que a Sociedade F. Bayer & C.^a, de Elberfeld, põe á venda sob o nome de *Edinol* ou *Paranol*. Tive occasião de experimentar este producto e vou relatar quaes os resultados obtidos.

O edinol é um pó amarello escuro que se dissolve tanto na agua como nas soluções de sulfito. Para o empregar photographicamente, é necessario por meio de um alcali pôr a base de que se compõe em liberdade, a qual em grande solubilidade permite preparar soluções muito concentradas sem o emprego de alcalis causticos; se se lhe juntar soda caustica em quantidade strictamente necessaria para neutralisar o acido chlorydrico e o grupo oxydrilo, podem-se preparar soluções relativamente concentradas. Todas estas soluções se conservam muito bem.

Sob o ponto de vista da sua acção reveladora, o edinol approxima-se muito do metol e do rodinal. O edinol com carbonato de soda revela um pouco mais demoradamente que o metol, mas em compensação dá negativos mais intensos. Misturado com o carbonato de potassa dá negativos um pouco mais duros e presta-se muito bem á revelação dos papeis de gelatino-brometo. A combinação do edinol com a potassa caustica revela os instantaneos, apresentando estes bellas gradações sem durezas. A prata deixa uma cõr cinzenta e as partes claras não se apresentam tão baças como com o hydroquinone. O edinol é superior ao rodinal pela solubilidade; assim como dá com o mesmo tempo de *pose* e de revelação melhores resultados do que o metol. Notei igualmente que não se dão os casos eczematosos como o metol produz algumas vezes nas mãos.

Reproduzo abaixo as formulas dadas por Precht e por Eder. Vi que a solução do commercio a 10 % d'edinol pôde ser diluida com 100 volumes de agua para constituir um revelador demorado. A revelação de uma chapa muito pouco exposta faz-se, no maximo, em tres horas.

O brometo não tem uma influencia demoradora tão accentuada sobre o edinol como sobre o metol. Para as chapas demasiadamente expostas pôde se juntar o brometo por 1 c. c. de cada vez. Eder verificou que as soluções de bicarbonato de soda de 10 a 30 % actuam como retardatarias e permitem corrigir as exposições demasiadas.

Como o edinol não soffre em excesso com as differenças de temperatura e nunca vela os negativos é como elle é igual em energia aos reveladores rapidos, sobre os quaes elle tem a vantagem de ser mais brando, todas estas qualidades, julgamos, tornam o edinol um excellent revelador que bem depressa entrará na pratica corrente.

Formulas para a revelação

A) Agua.....	100 c. c.
Sulfito de soda.....	10 gr.
Edinol.....	1 »
	(Eder)
B) Agua.....	80 c. c.
Carbonato de potassa....	40 gr.
C) Agua.....	100 c. c.
Carbonato de soda.....	10 gr.
D) Agua.....	250 c. c.
Soda caustica.....	3,5 gr.

Para o seu emprego tomar-se-ha :

1.º — *Para os negativos brilhantes* : Soluções A 80 c. c. B 20 c. c.

(Para os papeis gelatino-brometo junta-se-lhe 100 c. c. de agua)

2.º — *Para os negativas brandos* : partes eguaes de A e C.

3.º — *Para os instantaneos* : A 2 partes; B 1 parte; agua, 1 parte.

Obtem-se igualmente negativos muito brilhantes com a seguinte mistura : solução A 100 c. c. ; acétona, 10 c. c. Duplicando a quantidade de acétona obtem-se um revelador muito recommendado para os diapositivos (Precht).

Revelador rapido (emprego immediato)

Agua.....	100 c. c.
Métabisulfito de potassa..	1 gr.
Edinol.....	1 »
Carbonato de potassa....	6 »

Revelador lento

Agua fria fervida.....	1 litro
Sulfito de soda.....	20 gr.
Edinol.....	1 »
Cabornato de potassa....	5 »
(Ou acétona).....	5 c. c.

Se se empregar carbonato de potassa, pôde substituir-se o sulfito de soda pelo métabisulfito de potassa; empregando-se a acétona obter-se-ha um pouco mais de intensidade.

Vistas coloridas para projecções

(Continuação do numero anterior)

Os positivos sobre vidro, geralmente rebeldes ao pincel, são actualmente tratados por um methodo bastante simples que tem encontrado numerosos adeptos em Vienna d'Austria. Começa-se por endurecer a camada n'uma solução de formol e, depois de se deixar secar, deita-se-lhe albumina filtrada, addicionada de algumas gottas de amoniaco. A camada, assim tratada, toma então muito bem todas as tintas de aguarella, sobretudo se estas são gommadas da seguinte fórmula : Dissol-

vem-se 15 grammas de gomma arabica branca n'uma quantidade de agua necessaria para cobrir este peso. Feita a soluçao, filtra-se atravez de um pedaço de cambrã commum,

juntando lhe 6 a 8 gottas de glycerina e um pouco de camphora. As tintas em paus são as que melhor convém a este genero de pintura dos positivos.



PACIENCIAS

Os Patriarchas

(Dois jogos completos — Enaipada)

Em primeiro logar baralham-se e cortam-se as cartas, collocando-se em seguida nove sobre a mesa em tres ordens. Se entre ellas houver um *rei* colloca-se este á esquerda do quadro um pouco acima, se houver um *az* colloca-se á direita egualmente um pouco acima.

A' medida que se apresentam no decorrer da paciencia os *reis* e os *azes* das differentes côres collocam-se por debaixo dos primeiros, de maneira a formar, dos dois lados das nove primitivas cartas, duas linhas verticaes.

Estes *azes* e *reis* são destinados a formar familias; os *reis* em hierarchia descendente terminando em *az* e os *azes* em hierarchia ascendente a terminar em *rei*.

Depois de se ter verificado que o quadro não apresenta carta alguma que se possa collocar sobre os *reis* ou sobre os *azes*, tiram-se todas as outras do baralho uma a uma, formando-se com ellas um monte, se não fôr possível collocar-as sobre as familias.

Deve-se ter cuidado, quando se passam as cartas do baralho, de verificar se nas nove cartas do quadro ha alguma que tenha collocação sobre as familias, e n'esse caso collocam-se immediatamente, substituindo-as pelas cartas superiores do monte.

Póde-se passar o baralho uma segunda vez como da primeira, considerando-se a paciencia feita quando as oito familias estiverem completas.

Offerecendo aos nossos leitores esta outra paciencia, aproveitamos o ensejo para fazer na descripção da paciencia *Cruz de Malta*, publicada no nosso numero anterior, uma rectificação que com sobeja rasão nos reclama o nosso amavel collaborador. Contamos todavia que a intelligencia do amator d'estes jogos terá facilmente corrigido o erro e supprido a omissão. O primeiro deu-se na linha 3.^a da 1.^a columna da pag. 23, tendo sahido impressa a palavra *descendente*, quando devera ser *ascendente*; a segunda proveio da falta do seguinte periodo a intercallar no mesmo logar e em seguida á palavra *descendente*, entre os dois paragraphos: «Terminada a collocação e distribuição das 8 primeiras cartas, tiram-se do baralho novamente outras 8 cartas, as quaes se collocam e distribuem da mesma maneira; e assim successivamente até o exgotamento do baralho.»



CONHECIMENTOS ÚTEIS

Tintura de iodo. — Este medicamento tornou-se de uso geral e caseiro; tem, porém o inconveniente de pôr nodoas na roupa, difficeis de eliminar pelos processos ordinarios. Ha um meio simples de as fazer desaparecer. Consiste em tocar as nodoas com uma soluçao de hyposulfito de soda. Hoje esta substancia encontra-se em todas as casas, visto que, sendo de emprego constante em photographia, toda a gente a conhece, porque toda a gente é mais ou menos photographo. N'aquella mesma soluçao se póde lavar o pincel que se emprega na applicação do iodo.

Duas especies de marfim. — O marfim proveniente de dentes de elephante é, como se sabe, de preço bastante elevado. Pelo contrario, o marfim vegetal, proveniente da semente do *Phytelephas*, tem um valor minimo. E, todavia, os objectos fabricados com as duas especies de marfim semelham-se tanto que difficilmente se distinguem por simples inspecção visual. Quando vos encontrardes perante este *cruel enigma*, deveis depôr sob o objecto, cuja proveniencia em qualidade quereis examinar, uma pequenina gota de acido sulfu-

rico e esperar alguns minutos para que a acção do acido se possa exercer. Depois limpae a gota; se esta não deixou vestigio, o objecto é de marfim animal, se tiver pelo contrario deixado uma mancha rosada, então é de marfim vegetal. De resto, aquella mancha desaparece facilmente com uma simples lavagem d'agua; e tendo fallado em marfim damos a a seguinte receita curiosa:

Modo de dar ao marfim o brilho da prata. — Mergulha se o objecto bem limpo n'uma soluçao fraca de nitrato de prata (pedra infernal), pelo tempo necessario para que o objecto de marfim tomie a côr amarella carregada. Lave-se em seguida e exponha-se ao sol. Ao cabo de tres horas, approximadamente, o objecto torna-se completamente negro em consequencia da reduçao do nitrato de prata. Porém, se o objecto sujeito á experiencia fôr esfregado com uma pelle macia, camurça ou outra, o brilho da prata apparece immediatamente.

Receitas caseiras — O processo que torna flexiveis as flanellas que endurecem pela lava-

gem, sobretudo se a sua qualidade não é superior, é muito simples evitando a desagradável contextura que ellas tomam para se vestir. Consiste em as mergulhar durante uma hora n'um banho composto na proporção seguinte: de 10 grammas de ammoniaco commum por cada litro de agua. Resta depois passal-as novamente por agua clara durante o tempo necessario para fazer desaparecer todo o cheiro do ammoniaco.

Tendo fallado em lavagem, juntamos ainda uma outra receita para obter roupa bem branqueada, como toalhas de mesa e guardanapos, visto que n'uma mesa é summamente agradável o aspecto de brancura immaculada. Consiste o processo em os mergulhar, depois de lavados *grosso modo*, n'uma grande caldeira de agua a ferver, na qual se deita, no momento da ebulição, 125 grammas de sabão cortado em pedaços pequenos juntamente com duas pastilhas vulgares de paraffina, por cada 40 litros de agua empregada. Depois seccal-os em pleno ar.

Hygiene de bocca. — Entre as mil e uma formulas de elexires que se recommendam para conservação dos dentes e desinfecção da bocca, ha as seguintes cujos resultados proveitosos estão confirmados por longa experiencia justificada, e vem a ser juntar a qualquer elexir usado, como a agua de Botot, duas grammas de resorcina por cada cem grammas de elexir e preparar uma agua de lavagem dissolvendo por cada litro de agua, 5 grammas de

tinctura de eucalyptus e 5 decigrammas de thymol. Devem usar-se alternadamente e na quantidade que cada um determine pelo uso dentro do copo d'agua, havendo pessoas que se dão melhor com o uso mais ou menos prolongado de cada uma das soluções, conforme o estado da bocca e dos dentes. O seu emprego é muito aconselhado e na verdade util para aquelles que teem a infelicidade de ter caria, quasi sempre progressiva e teimosa.

Oleo perfumado — Usa-se muito e com proveito dulcificar o cabello com um oleo, principalmente azeite virgem e oleo de amendoas doces; pretende-se assim conservar a flexibilidade e o vigor das bellas tranças. Pode perfumar-se este oleo com o delicado aroma das violetas pelo processo seguinte: Tome-se um funil de vidro e tape se pela parte superior com um pouco de algodão em rama puro, bem lavado a que se chama hydrophylo, o orificio inferior do funil, o qual é em seguida cheio de violettas e atravez das quaes se filtra vagorosamente o oleo de amendoas doces, que assim arrasta o perfume. Pode applicar-se o processo para outras flôres odoríferas, como o jasmim, o lilaz ou o jacintho.

Nodoas de sangue. — É difficil em geral tirar-as da roupa de cosinha, ou dos instrumentos cortantes. Consegue se, porém, bom e immediato resultado, lavando-as com agua contendo pequena porção dissolvida de acido tartrico, o qual domina a materia corante do sangue.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 21 — O primeiro trem chegou ao seu destino ás 8 horas da noite; o segundo ás 7 horas do mesmo dia.

N.º 22 — O maior, 45 horas; o menor, 63 horas.

N.º 23 — *Xadrez*:

BRANCOS	PRETOS
1. T. para 5 Cav.	1. Qualquer
2. Xeque e mate.	

Num. 24.

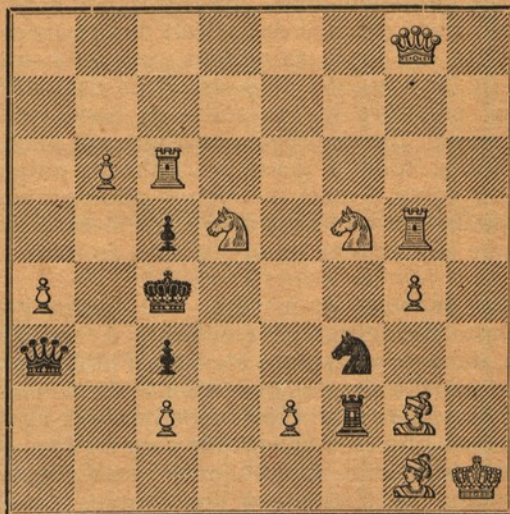
Uma assembléa de accionistas, composta de 40 negociantes, 20 advogados, 30 industriaes e 10 medicos pretendem nomear entre si uma commissão de 4 negociantes, 3 industriaes, 1 medico e 2 advogados. De quantas maneiras se pode constituir a commissão?

Num. 25.

Reduzindo respectivamente o effectivo de 4 companhias a 40, 62, 70 e 73 homens, de quantas maneiras pode um official compôr um piquete de 4 homens, conservando sempre um soldado em cada companhia?

XADREZ

Num. 26 PRETOS (6 peças)



BRANCOS (13 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lanços

